

ESPECIAL FÉRIAS

TRÊS SUGESTÕES PORTUGUESAS PARA O PRÓXIMO SETEMBRO

Os nossos leitores que ainda não gozaram férias este ano e que permanecem indecisos sobre o seu programa de repouso encontrarão a partir de amanhã, no DL, três sugestões para Setembro. Trata-se de uma série de três reportagens sobre outras tantas localidades/regiões portuguesas. A primeira e a segunda situam-se no extremo Sul e no extremo Norte, e aliam a vida de praia e a de campo. A terceira é uma

solução interior, de montanha, para aqueles que preferem evitar o mar. Roteiros locais, preços da hotelaria e da alimentação... o essencial das informações que permitirão ao leitor menos avisado programar, fazendo contas aos seus escudos, umas férias amenas sem sair do País. Não perca portanto, a partir de amanhã e até quinta-feira, estas sugestões especiais de férias portuguesas no «DL»!

Diário de Lisboa

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

ANO 63.º N.º 21 235
Agosto 83
Segunda-feira

22

20\$00



A festa ao crepúsculo

Finalmente:

A "Taça"!

Antas: ao crepúsculo, o Benfica erguia a Taça. Concluía-se um longo (triste) percurso, com muita gente responsável a ultrapassar a barreira do decoro e do respeito. Valeu, ao baixar de pano, a bela aplicação dos jogadores e o alto desportivismo de uma plateia que pagou rios de dinheiro para ver um espectáculo apenas marcado pela generosidade de profissionais que (como Veloso, Bento e Nenê) deram o tom alto ao fecha-abre das épocas futebolísticas.

Págs. 13 a 15

Contrato assinado ontem

CTT obtêm mais 20 por cento

Pág. 12

Para além dos 14 aviões de combate

Mitterrand envia para o Chade quadros militares

●Segundo a NBC, os serviços de espionagem norte-americanos estão a informar Paris sobre os movimentos das tropas rebeldes

Págs. centrais

**Dirigente
da oposição
filipina
abatido
ao voltar
do exílio**

Págs. centrais

Hoje
**Sete
Ponto
Sete**

Novidade no Sete Ponto Sete, a partir desta semana: um «anti-roteiro» particularmente laboeta, a que tocamos com uma chamada de atenção para actividades e destinos especialmente nocturnos.

**AINDA
PODE
CONCORRER
VERA DL 83**

e mais 2 páginas do Álbum "Sempre Fixe"
dedicado a Carlos Botelho

Volta a Portugal

O «DL» presente com o patrocínio de



BEDFORD



Um produto General Motors

Sociologia urbana dos espaços verdes

Instantâneos de exemplos de zonas verdes

Em 20 Junho 83, pág. 2, o «Diário de Lisboa» teve para connosco a amabilidade de permitir a publicação de uma fotografia de uma pequena zona «verde» (um quadrado de relva transformada em vegetação bravia, desfeada, ainda, por duas irregulares diagonais de terra «batida e pisada» por insistente passagem de peões) que se situa no cruzamento das ruas de António Patrício e de Afonso Lopes Vieira, nas imediações do monumento à Guerra Peninsular. Dizíamos ali que tínhamos outros, exemplos fotográficos e traçados espontâneos de outros peões que não aqueles que regularmente utilizam os dois referidos arruamentos.

De resto, muitos dos nossos leitores que se deslocam, especialmente a pé, pelos espaços entre os «tower blocks» (blocos em torre e em banda, indistintamente, como se lhes referem os ingleses de certa arquitectura pós-Segunda Grande Guerra e de certas construções de urbanismo idealizado à Le Corbusier) da Av. dos EUA, em Lisboa, conhecem bem que a implantação de placas de relva entre as construções de prédios parece não ter tido em devida atenção a comodidade dos peões que têm necessidade diária ou frequente de passar a pé entre esses «tower blocks» (permita-se-nos a insistência no vocábulo inglês).

As duas fotografias que publicamos hoje não são desse arquivo, digamos assim, de outros exemplos que possuímos. Irão figurar nele, mas foram obtidas com a finalidade proposital de exemplificar dois traçados simbólicos. Um de Londres, obtida a foto há algumas semanas no extremo de Portobello Road (típica feira de velharias e antiguidades) e em que se nota a regularidade do traçado de uma passagem de peões, ali tipicamente bem arranjada, que perfeitamente preserva o quadrado ou o rectângulo de relva bem conservada em que se insere. As construções de Portobello Road são antigas, muitas. As da gravura são relativamente modernas, como se vê, e características, nos parece, do que poderíamos designar de «habitação social». Sem desejarmos, no entanto, conotação perfeita deste termo ao que entre nós se designa de habitação desse tipo. Também não podemos garantir que a faixa de peões de gravura (não sendo rigorosamente uma diagonal, se aproxima dela talvez o suficiente para permitir acesso fácil, directo e cómodo a outro arruamento no 1.º plano da gravura) tivesse sido projectada, logo de início na prancheta do desenhador (ou na do senhor engenheiro!) como se apresenta. Respeitadora de um plano, ou de um subplano, se este, parcialmente, tivesse tido exclusivamente em vista apreciar como se deslocariam ou poderiam deslocar peões na nova urbanização de espaços livres que vem contrariando, à Le Corbusier, o tradicional urbanismo reticulado.

A outra gravura, é também re-

R. Toulson A. Leite

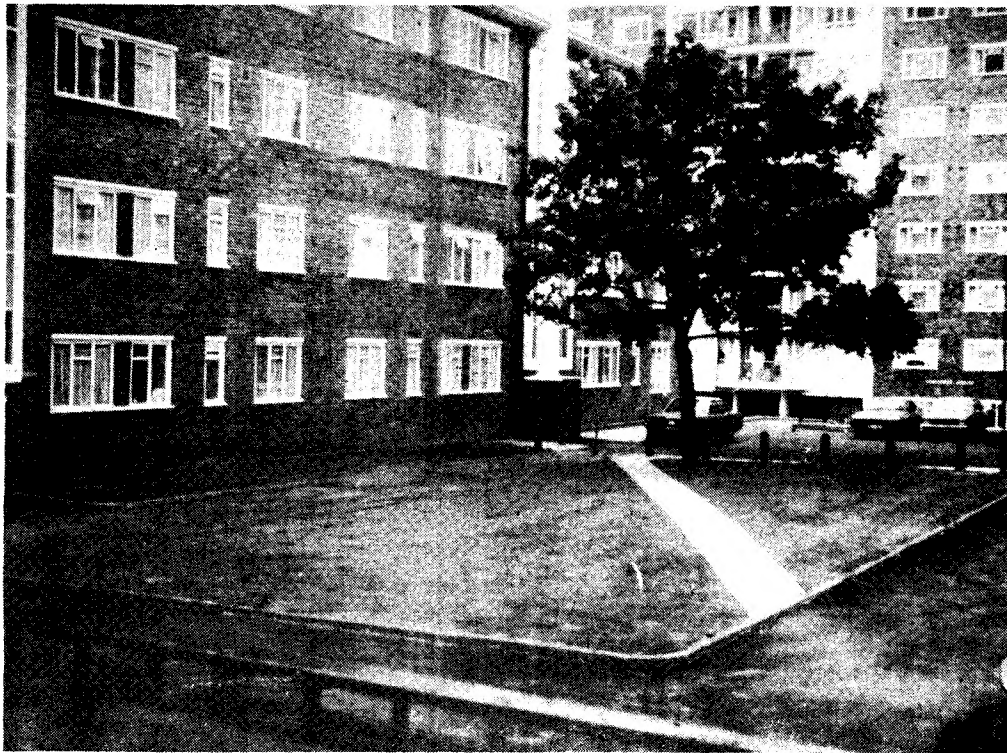


Foto de Jun.83, nas imediações da Portobello Road, Londres. Passagem de peões, quanto a nós traçada com perfeito critério de comodidade para peões, num país não deslumbrado, como o nosso, porque pioneiro, com o automóvel. Veículo que ali não foi uma dádiva da civilização, mas, dentro dela, uma conquista lenta e persistente. Substrato de personalidade, étnica e colectivamente submentalizado que, por isso, não despreza a condição humana, biológica e primária, da locomoção natural pedestre



Olivais-Norte. Primeira experiência portuguesa, pelo menos em Lisboa, da urbanização dita à Le Corbusier. Quanto a nós, caracteristicamente «rodoviária» essa urbanização, como as de Olivais-Sul e de «Chelas». Os espaços livres de circulação automóvel, formam bolsas isoladas e se bem que alguns, poucos, beneficiados pela beleza das espécies botânicas seleccionadas e desenvolvendo-se, parece que, sem inibições, quanto a nós não integram vida comunitária como talvez deveriam. Apresentam-se como espaços «mortos» ou «vazios», não rurais, no entanto, e sendo semiurbanos, sem recursos infra-estruturais ao longo do dia, sem actividade própria, por isso dormitórios. Porque, ainda quanto a nós, é a construção em altura (característica da construção urbana central) que mais os inferioriza nesse sentido. Zonas de moradias, convenientemente espaçadas, mais do que o habitual entre nós, sem essas infra-estruturas, aqui desnecessárias, mesmo assim não implicam equivalente grau de solidão e isolamento. O acesso «pedestre» à terra, ao jardim, isto é, a espaço «livre», é facilitado pelo simples abrir de uma porta. E isso, quanto a nós, é muito importante, antropológicamente pensando. Como certamente se terá depreendido do que escrevemos, se estamos sendo suficientemente claro

cente, de Olivais-Norte, e prova por a+ b que a escada oculta (em 1.º plano) e a visível, que serviriam o acesso que o figurante peão deseja, não foram utilizadas por este, no trajecto mais curto e mais cómodo. É nítido que a placa de relva sacrificada foi mal traçada (permita-se-nos) porque, também se nota, o peão da gravura não terá sido o primeiro a preferir o traçado que assim virá a consagrar-se, em futuro não remoto, como o mais lógico e o mais digno de um plano ponderado de circulação de peões em espaços livres.



Portobello Road, velharia ou antiguidade da típica feira de Londres? (foto de Jun.83) Os principais figurantes são um barbadado tocador de realejo e um papagaio ou arara que ao som da música trepidante dançava, no poleiro alongado, perfeitamente a compasso. E merecendo, deveras, como digno representante dos animais nossos amigos, mas pelo êxito de cada exibição, várias ou muitas moedas de 20 cêntimos de libra ou de outros trocos compatíveis

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



CONCURSO

Recorte e guarde este cupão, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Album Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços, na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- O LEITOR deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- O TALÃO-RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrampe e não cole).
- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

Se conduzir
não beba



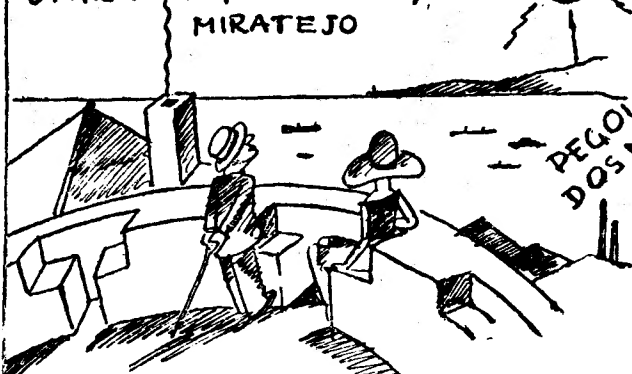
ÁLCOOL E CONDUÇÃO

Concurso DL

3.º Álbum SEMPRE FIXE

ECOS NA SEMANA

A FINAL AS PORTAS DO SOL
PARECEM MUITO MAIS JANELAS
O MIRADOURO, VENDO BEM, E
MIRATEJO

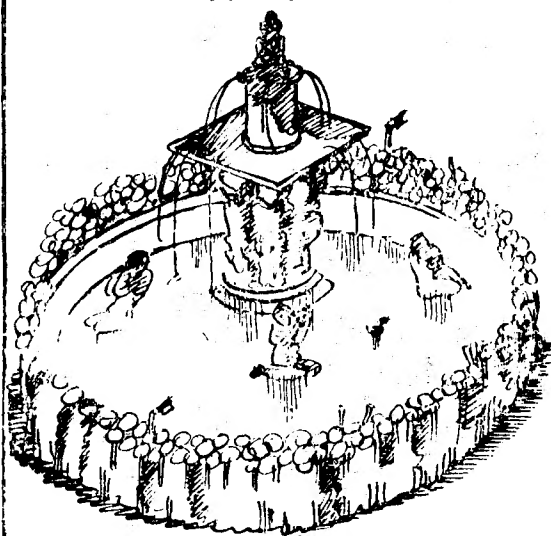


EM CONSEQUENCIA DO VENTO, TEM ESTADO O MUI-
TO CONCORRIDO, NA RUA AUGUSTA, O
MIRADOURO DAS "PERNAS AO SOL"



PEGOU A MODA
DOS MIRADOUROS

= PACTOS EM FOCO =
DEPOIS DO PACTO DE KELLOG
E' O PATO DO ROCIO O MAIS
FALADO



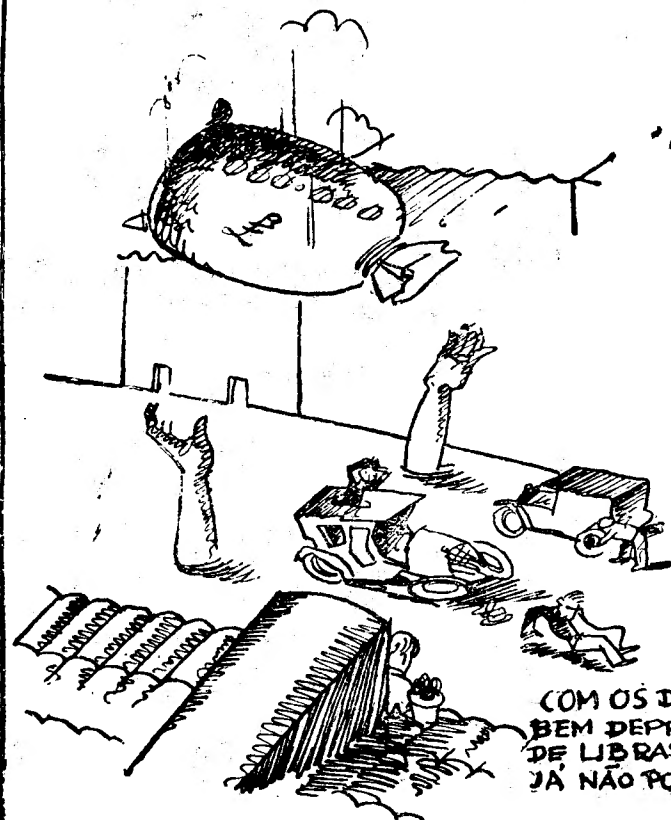
CAMINHO DE
"JAMBURRIE"



ESTA EM ORGANIZAÇÃO O REGIMENTO
DE SAPADORES FLORESTAIS.
DESTA VEZ SIM... VAMOS TER
UMA SERRA DE MONSANTO
QUAL UMA FLORESTA NEGRA



83

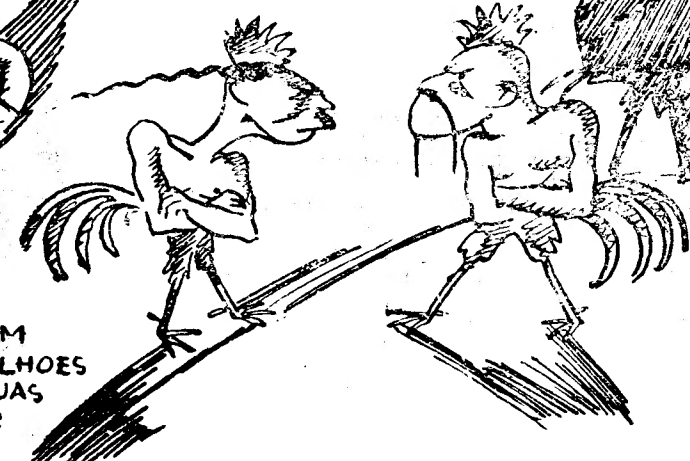


"LES BONS POINTS"

POIN CARE
FAZ
POINT FINAL

ENTÃO QUE FICA-
MOS... PAZ E ÓNIAO
OU PAZ CATRAPAZ?

COM OS DIABOS... VENHAM
BEM DEPRESSA ESSES MILHOES
DE LIBRAS PORQUE AS RUAS
JÁ NÃO PODEM ESPERAR
MAIS



B O T E L I O 24

NISSAN DATSUN URVAN

E ENTREPOSTO

Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO



NISSAN

CONCESSIONÁRIOS
EM TODO O PAÍS

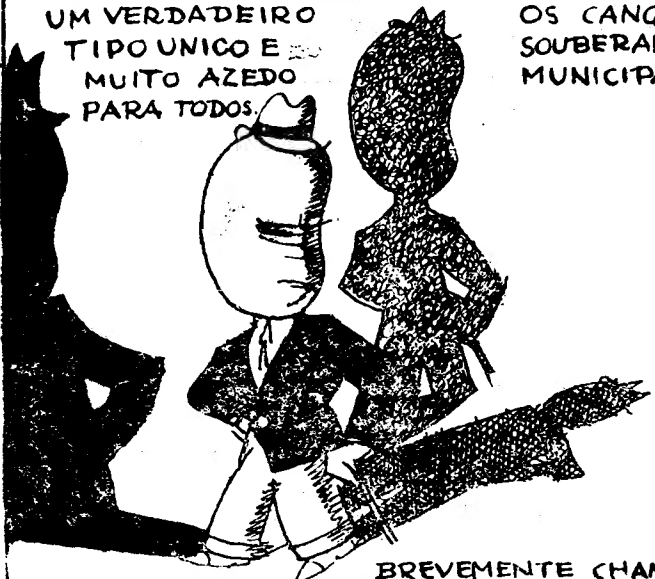


3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

ECOS NA SEMANA

UM VERDADEIRO
TIPO ÚNICO E
MUITO AZEDO
PARA TODOS.



OS CANGALHEIROS ESCANGALHARAM-SE DE SATISFAÇÃO QUANDO
SOBERAM QUE A CAMARA NÃO PODE
MUNICIPALIZAR OS ENTERROS.



BREVEMENTE CHAMAR-SE-HÁ
A RUA GARRETT... RUA DO QUE
BRA COSTAS (SÔBRETUDO
JUNTO A CALÇADA
DO SACRAMENTO)



- TARECOS A CAMINHO DO VERANEIO -

"SABAI" LEITORES
QUANTOS NÃO
DESEJARIAM
SER TARECOS
OU... TOTÓS

FELIZES
OS BICHA-
NOS QUE
PODEM
VERANEAR!

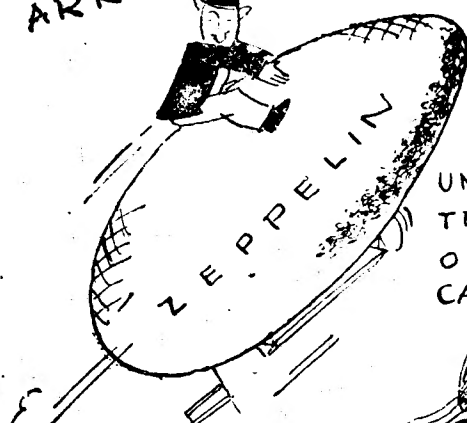


BASTA DE EPISTOLAS E
FAÇAM-SE OBRAS !!

S CARLOS,
E PARA A
OPERA



AS TRAVESSIAS
ARROJADAS



UM MADURO
TENTOU ATRAVESSAR
O ATLANTICO ÀS
CAVALITAS DO
"CRAFT"

ESTA É
QUE É
A

VERDADEIRA
ALTA ESCOLA



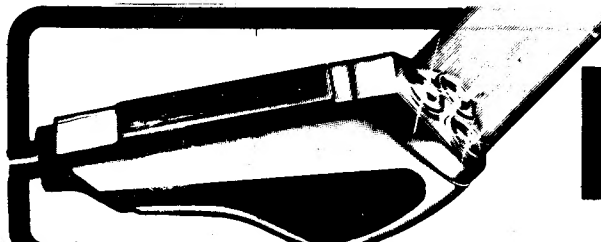
O LORY LÓ LÉ IÁS FICANDO, TRAMADO,
POR NÃO HAVER IMPRESSÕES DIGITAIS FOI NECES-
SARIO MANDAR ANALISAR ALGUMAS GOTAS DE SUOR
AO DR. LEPIERRE, QUE RECONHECEU PERTENCEREM
AO MAU MAURIN

TENHO
PENÃO DO MAURIN,
COITADO... TANTO TRA-
BALHO E TÃO BEM FEI-
TO



24 BOTE LHO

84



Philishave o barbear total



PHILIPS

RECORTE POR AQUI

gentes e paisagem

Conversa com o meu gato — por baptizar não ficas

Dias de Melo

É verdade, vieste aqui parar a casa nem sei quando, já podiam, mas ainda ninguém se lembrou de te baptizar com nome de gente, de cristão ou de simples ser humano, é gato, o nosso gato, também te podiam chamar bichano, o nosso bichano, não chamam, chamam é gato, o nosso gatinho, onde está o gato?, que é do gato?, sape gato!, Bix-bix, vem cá meu gatinho!, e tu, como toda a gente, mereces o teu baptismo e, no teu baptismo, receber o teu nome de gente, de cristão ou simples ser humano. Pouco crescente, nem tiveste tempo de crescer grande coisa, não chegaste há muito e és novinho, não vais ficar sempre assim pequenino, antes ficassem, crescer é sofrer e morrer (se não se sofre, muito, e morre mesmo em pequenino), foi a minha neta Patricia que te trouxe, chegaste assim, com o teu corpinho cinzento e branco, branco e cinzento, cinzento macio e branco arminho, o teu narizinho rosado, de um rosado clarinho, húmido, tenrinho, com os teus dois olhinhos espantados, espertos, inocentes, duas pérolas de inocência, esperteza, espanto, o teu rabinho a arrastar nervoso, fugias, encolhias-te pelos cantos, por baixo e por trás das cadeiras, dos armários, das mesas, fosse do que fosse, amedrontadinho, acabavam de te arrancar ao aconchego morninho da ninhada materna, um consolo de paz e segurança, não conhecias a gente e fugias da gente como o cordeiro fuge das feras, tinhas razão e mais que razão, a gente somos bicho-homem, bicho-homem e biho-mulher, vem a dar no mesmo, e, nunca se sabe, o bicho-homem é pior que a pior das feras, dizem que Deus Nosso Senhor é que criou o bicho-homem e o bicho-mulher à sua imagem e semelhança, e os bichos todos, e as feras, e as plantas, e a água, e o sol, e as estrelas, que começou por criar a terra e que tudo isto criou em sete dias para vivência e regalo do bicho-homem e do bicho-mulher, que foram a última coisa que criou e, dizem, deitou neste mundo, eu cá não sei, tenho para mim que muitos também não sabem e dizem que sabem, que muitos nem acreditam e dizem que acreditam, perdoa-me, não te quero ofender nas tuas crenças, se tens as tuas crenças, perdoem-me todos os crentes que a nenhum quero nas suas crenças ofender, estamos falando, não te vou mentir, não vou não, para que te havia de mentir, dizer uma coisa e ser outra, que sei aquilo que não sei? Não, não te minto, como não minto a ninguém, descansa.

— Miau-miau...

Fala, que bem te entendo. Agora que o bicho-homem-mulher é muitas vezes ruim, mesmo muito ruinzinho, lá isso é, assim não fosse e a gente não veria tanta coisa ruim que se vê por aí, tanta fome e tanta nudez, e uns tantos, poucos, sem saber que fazer ao dinheiro que amontoam e gastam a torto e a direito à custa da fome e da nudez dos outros, que são muitos, também há homens e mulheres que não são bicho-homem-mulher ruim, que são bons e que são santos, passam a vida inteira a pregar e a batalhar para que os homens e as mulheres bicho-homem-mulher ruim deixem de o ser e a gente deixe de ver a multidão de coisas ruins que vê por todos os lados, é uma pregação e uma batalha que vêm do princípio dos princípios, os homens e as

mulheres que são bicho-homem-mulher ruim não gostam, não os querem, não querem que se intrometam com eles, que mudem o que está como está e lhes interessa que esteja, têm muito poder, mandam prender, matar, pregar na cruz, queimar nas fogueiras, enforçar, fuzilar, mas os homens e as mulheres que não são bicho-homem-mulher ruim, que são bons e que são santos, têm consigo a força da razão e da justiça, embora humilde, sem polícias, sem espionagens, canhões, bombas atómicas, mais poderosa do que muitos julgam, não páram nunca, continuam sempre com a sua pregação e a sua batalha, se um cai dez de levantam, vamos a ver aonde tudo isto nos leva.



— Renhau-nhau...

Está bem, deixemos estas filosofias baratas, agora, lá por seres gato não me digas que não entendes o que te estou dizendo, bem vejo que entendes, basta olhar as duas pérolas dos teus olhos inocentes e já sem medo, ouvir o teu miau-miau, renhau-nhau, o teu ronronar, são a linguagem que tens para falar, para dizer que sim e para dizer que não e mais tudo o que tens para falar e dizer, isto e aquilo, conforme a entoação que lhes dás, e os teus beijos, os teus afagos, a tua língua a lambem-me e a tua patinha macia a acariciar-me o pescoço, a cara, quando te empoleiras e enroscas sobre os meus ombros, agora miau-miau, estás a dizer que sim e se, no teu entendimento, entendes que o que te digo não está certo, que mentir nunca te minto, disse-to e repito, o que pode é não concordares comigo, então pões-te a soprar, a rosnar, a fincar-me na pele as unhas, a tentar morder-me, às vezes não passa de brincadeira ladina.

— Renhau-miau-miau...

Renhau-nhau, miau-miau... Olha, nem sei já como esta nossa conversa começou. Ah! Que vieste aqui parar a casa e que ainda ninguém se lembrou de te baptizar com nome de gente, de cristão, de ser humano, dirão que gato é gato e gente é gente, e cristão é cristão, ser humano (cá para mim, ser gente e ser humano vale mais que ser cristão, que, cristão ou não cristão, toda a mulher e todo o homem é gente e ser humano), logo que não podes ser baptizado, muito menos com nome de gente, de cristão, de ser humano. Que o digam, cada qual está no seu direito de dizer o que quiser desde que diga o que pensa e sente, ou até o que não pensa nem sente, é lá com ele, eu estou no meu direito de dizer, e digo-o porque o penso e sinto, juro-te, que és muito mais gente, cristão, ser-humano que certos cristão que se dizem e têm na

conta de cristãos (para estes certos cristãos, ser cristão é muito mais que ser gente ou ser-humano, também estão no seu direito), se o não fosses não estavas aqui comigo e com ela, a fazer-nos companhia, a encher-nos o vazio desolado da nossa solidão, ela naquele quarto deitada naquela cama, e com ela só nós os dois, tu e eu.

Não fosses gente, ser-humano, cristão muito mais cristão que aqueles certos cristãos que se têm a si próprios pelos melhores dos cristãos, safavas-te por aí a vadiar, nem punhas aqui os pés...

— Miau-miau — um miau-miau magoado...

Às vezes... Bom, às vezes pregas-nos a tua partidinha, não

é por mal, sei que não e, gostas de brincar, não admira, não passas de uma criança, as crianças gostam de brincar, gostarias ainda de exibir as tuas habilidades, as crianças também gostam, então corre a casa, saltas, atrás das moscas, queres apagar as moscas, as moscas fogem, riem-se de ti, dás saltos com mais de metro de altura, queres brincar com tudo o que vês ao teu alcance, fiz-te um dia um brinquedo, uma bolinha de papel amarrado amarrada na na ponta de um barbante, tu deixavas as moscas, tudo, brincavas com a tua bolinha de papel amarrado amarrada na ponta do barbante, empurrava-la, fazia-la saltar, saltavas, caías sobre ela, pegavas-lhe, segurava-la entre as patas, a bolinha desapareceu, fiz-te segunda, desapareceu como a primeira, desconfio que a empregada que nos vem cozinhar uma dentada para a boca (como as coisas se preparam, oxalá não chegue dia em que nem tenhamos com que mercar nem um osso ou uma espinha para encher a barriga), lavar uns trapos na máquina de lavar roupa (velha, a dar as últimas, quem poderá adquirir uma nova?), fingir que varre, arruma, limpa a casa e os móveis, desconfio que deu sumiço a ambas, renhau-nhau, deixa, vou-te fazer outra e, não há como dizer e logo fazer, vou-te fazer hoje, mesmo, só se não encontrar por aí um barbante. Depois, encaras conosco, vens, manso, a saracotear o corpo, deitas-te a meu lado ou nas minhas pernas, se não nos meus ombros, deitas-te ao meu lado, ou no meu peito, ou no meu pescoço, na minha cama, se estou na minha cama estendido, ou ao lado dele na cama dela de que se não levanta nunca, pões-te a ronronar, ronronar, contas-nos as tuas aventuras, acabas por fechar os olhos e adormeces, a bom ressonar. Do que não gosto, nas tuas brincadeiras de criança, vou-te dizer, vê se tomas juízo, é de quando te guindas para cima dos

móveis e te metes a fazer arrumação por tua conta e risco, queres arrematar o que a empregada deixa por arrematar, não arrematas coisa nenhuma, pões é tudo em polvorosa, fotografias, vasos, flores que estão nos vasos, vidros, bonecos de adorno, tudo atirado para o chão, não raro com o prejuízo de vidros e bonecos de adorno estilhaçados, uma noite destas estavas comigo, eu sentado a escrever, dormitavas-me, ou parecia que me dormitavas nos joelhos, a dada altura passas para a secretária, de começo, sim senhor, muito bem, arqueavas o dorso, fechavas o olho direito, abrias o esquerdo, fechavas o olho esquerdo, abrias o direito, a ronronar mansinho, de súbito, nem percebo que te deu, foi um vendaval — pata para um lado, pata para o outro, salto para aqui, salto para ali, papéis que esfrangalhavas com as unhas, com os dentes, a soprar a rosnar, papéis que voavam, caíam, alastravam pelo soalho, e eu atrás de ti, e tu a fugires de mim, e pinchas, e trepas pelas prateleiras das estantes, por ali fora, sempre a rosnar e sempre a soprar, é um tal derrubar, deitar livros abaixo, os livros juntam-se, caldeiam-se com os papéis pelo soalho, e eu sempre atrás de ti, e tu sempre a fugires e sempre a rosnar, a soprar, a não deixares que te ponha a mão no pelo, tudo isto, já mais que desarrumado antes, era um pandemónio e ficou numa salgalhada. Foste-te pela porta para o corredor, ainda às carreiras, aos pinchos, davas pinchos que louvado seja Deus, nem que tivesses perdido o juízo ou te andasse o diabo no corpo, até que, muito calmo, muito inocente, ronron, ronron voltas, a arrastar o rabo, roças-me o dorso pelos pés, pelas pernas, sobes-me pelas calças para o colo, sobes-me pela camisa para os ombros, e, ronron, ronron, beijas-me, passas-me na cara, amorável, a carícia aveludada da tua patinha felpuda. Olhas-me? Lembras-te? Se calhar.

— Renhau-nhau...

Deixa, não se pensa mais nisso, foi mais uma das tuas brincadeiras de criança, e tu não passas de uma criança. Uma criança reinadia.

Bom, paremos com esta conversa que vai comprida, ela chama, temos que ir, vamos os dois e vamos ficar com ele, também, coitada, já a deixámos há bocadinho...

— Miau-miau...

Que vais sozinho? Não, que não sabes tratar dela, vamos os dois, e descansa, continuamos mais tarde, temos muito que conversar e eu não encontro por aqui ninguém mais a quem dizer o que tenho para dizer. Uma pessoa vai enchendo o saco, em o enchendo tem que o despejar...

E o teu baptismo? Esperemos para quando a minha neta Patricia regressar de férias, pode ser que traga na ideia algum nome escolhido.

Entretanto, diverte-te. Para já, aqui tens o teu novo brinquedo — a tua nova bolinha de papel amarrado amarrada na ponta deste barbante.

Mas descansa que não ficas por baptizar, não digo com o aparato dos rituais dos ricos, será, com a singeleza e a ausência de rituais dos pobres que somos, um baptismo em que ficarás com o teu nome de cristão, ser-humano, gente, não o fosses e não estaria eu a falar contigo como quem fala com **gentes** nesta **paisagem** enclausurada nestas quatro paredes.

E diverte-te. Diverte-te! Com juízo, não se vá dar o caso de eu me zangar contigo.

ponto a ponto



O ministro da Educação, José Augusto Seabra, inaugurou o parque de campismo de Vila Flor, uma infra-estrutura localizada a dois quilómetros da vila e integrada na área da barragem do Peneireiro.

O parque ocupa uma área de 50 mil metros quadrados e tem capacidade para mais de 10 mil pessoas.

Na inauguração, Augusto Seabra fez-se acompanhar pelo governador civil de Bragança, Telmo Moreno, e pelo presidente da Câmara de Vila Flor, Traveira Ramalho.

O ministro angolano do Comércio Interno, Adriano dos Santos Júnior, visitará Portugal nos primeiros dias de Setembro, soube a Anop.

A fonte adiantou que o programa da visita ainda não estava concluído; mas que Santos Júnior iria abordar com as autoridades portuguesas questões relativas ao comércio bilateral e à colaboração do domínio específico da hotelaria e turismo.

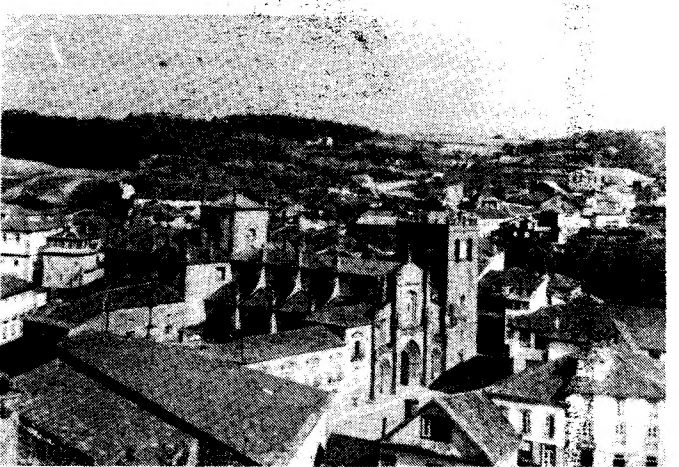


ÁLVARO MONJARDINO, presidente do parlamento da Região Autónoma dos Açores, declarou a Anop esperar que as negociações do novo acordo luso-americano da Base das Lajes esteja concluído antes do fim deste ano. Monjardino reconheceu que o processo se tem atassado e reafirmou a posição das autoridades açorianas, de defesa da dissociação das negociações das Lajes, relativamente à concessão de outras facilidades militares aos Estados Unidos em território português.

O Centro Democrático Social (CDS) venceu ontem com 286 votos, as eleições autárquicas efectuadas na freguesia de Fornos, concelho de Ponte de Lima.

O PSD ficou em segundo lugar com 257 votos e o PS em terceiro com 97, tendo-se registado oito votos brancos e oito nulos, num total de 967 votantes e 1019 inscritos.

Na anterior junta de freguesia a ex-AD tinha a maioria, mas os representantes do PSD demitiram-se por discordar da distribuição dos cargos, provocando novas eleições.



O Centro de Instrução de Operações Especiais, unidade militar aquartelada em Lamego, tem novo comandante, o coronel Manuel Jorge Caramelo.

O actual comandante, que substituiu o coronel António Joaquim Abrunhosa, é natural de Vila Formosa, tendo prestado serviço na unidade de Lamego entre 1961 e 1962, onde desempenhou as funções de instrutor de educação física.

O presidente da Câmara Municipal de Bragança, José Luís Pinheiro, defendeu conjuntamente com o seu homólogo de Zamora, a criação de um «mercado ibérico» antes da entrada de Portugal e Espanha no Mercado Comum.

«É preciso ajustar as nossas perspectivas de desenvolvimento e, a mais imediata de todas, cabe, obviamente, a área do turismo» — acrescentou o autarca brigantino para quem o «mercado ibérico» constituirá uma «força de exportação comum».

José Luís Pinheiro considerou durante o seu encontro com o presidente da Câmara de Zamora, Manuel Rieco Barrero, que é necessário «pressionar os governos de Lisboa e Madrid para que, em termos económicos, as barreiras alfandegárias sejam abolidas».



UMA reunião de trabalho, a realizar nos primeiros dias de Setembro em Évora, foi agendada nesta cidade durante um encontro entre o ministro da Administração Interna e o governador civil do distrito — revelou Eduardo Pereira aos jornalistas.

Segundo o ministro, na reunião, cuja data ainda não foi acertada, mas que terá lugar quando for conveniente, participarão autarcas, elementos do Serviço Nacional de Protecção Civil e estruturas de bombeiros de diversos concelhos do distrito, entre outros.

As incidências da seca, a relação Ministério da Administração Interna-autarcas, tendo em vista a elaboração e revisão de diplomas autorizados pela Assembleia da República, são alguns dos pontos a tratar na reunião de Setembro.

A secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, presidiu no domingo à cerimónia do lançamento da primeira pedra de um monumento ao emigrante na freguesia de Zedes, no concelho de Carrizada de Anísios.

Zedes é das aldeias do distrito de Bragança com maior percentagem de emigrantes, conforme disse à Anop o presidente da Associação Cultural da Freguesia, entidade a quem se deve a iniciativa da construção do monumento. No mesmo dia, Manuela Aguiar presidiu, em Fermentelos (Aveiro) ao Festival do Emigrante, que integrou espectáculos musicais e de folclore.

comunicação social

César Torres entrevistado pelo "DN"

Gerência da EPNC tem plano para salvar a empresa do colapso

O "DN" e "A Capital" serão não apenas auto-suficientes, mas até rentáveis, se o Governo aproveitar um plano de reestruturação do CG da EPNC — afirma ao primeiro jornal o presidente deste órgão, César Torres.

Na entrevista hoje publicada pelo "Diário de Notícias", o presidente da EPNC declara que a actual situação financeira da "Empresa Pública Notícias-Capital" pode ser considerada "extremamente difícil e mesmo desesperada".

Segundo César Torres, o plano de reestruturação chegou às mãos do actual Governo dois dias depois da sua posse, tendo sido posteriormente complementado com uma previsão de tesouraria até 31 de Dezembro próximo. "Trata-se — acentua o entrevistado — de um documento bastante claro quanto à necessidade de apoio indispensável, pelo menos durante um período transitório".

"Se tal apoio não for fornecido, independentemente de se aceite ou não total ou parcialmente, o plano apresentado, a situação de ruptura é inevitável", afirma César Torres.

No plano de reestruturação entregue ao Governo o Conselho de Gerência da EPNC preconiza a cisão da empresa de forma a que cada área, após o redimensionamento que se impõe, possa vir, através da motivação que daí resultará, a encontrar soluções adequadas aos seus proble-

mas".

A EPNC engloba hoje dois jornais diários, revistas, três parques gráficos, três editoras, além de livrarias e de uma galeria de arte. César Torres revela que, o Conselho de Gerência da EPNC considera os jornais e no caso em apreço o "Diário de Notícias", como aquilo que importa, acima de tudo, salvaguardar.

Acerca da situação que se verifica neste matutino, o entrevistado sublinha que os actuais encargos com os trabalhadores "atingem cerca de 60 por cento das receitas geradas, o que é manifestamente impossível de aceitar".

Assim torna-se necessário o redimensionamento de alguns sectores do "Diário de Notícias", diz César Torres. No que se refere em particular, à redacção do jornal, o Presidente do Conselho de Gerência da EPNC afirma "que há casos em que forças redactoriais inferiores à do "DN" produzem jornais com penetrações semelhantes".

Neste sentido, "se o objectivo for, e terá de ser, o de obter resultados positivos no fim de cada exercício, os jornalistas não poderão ser excluídos do redimensionamento que a empresa necessita. É contudo, um dos sectores em que o assunto é menos preocupante".

Na entrevista César Torres historia o desenvolvimento da actual situação de quase rup-

tura, acentuando que "a mesma existe desde a criação da empresa, em Julho de 1976, e era já contemplada no diploma que a criou, em que o legislador, afirma, claramente, existir já nessa altura uma situação de falência técnica".

Com efeito, revela, "as empresas que vieram dar origem à EPNC trouxeram com elas, à data da fusão, prejuízos superiores a 335 mil contos, sendo 146 mil do "Diário de Notícias" e 189 mil de "A Capital".

Na constituição da EPNC, "ficou estabelecido que o Estado assumiria as dívidas existentes àquela data de que fossem credores a Previdência, o próprio Estado, organismos e empresas públicas, as quais ascendiam a 531 mil contos". Sucede que, "tal só não se verificou, como foi entretanto necessário liquidar 190 mil contos que faziam parte daquela soma, quer à banca quer a outras entidades".

César Torres sublinha que o "Diário de Notícias" continua a ser um dos mais prestigiados jornais portugueses, de longe o que maiores receitas arrecada em publicidade (cerca de 50 mil contos mensais). "Talvez esteja aí — adianta — uma das razões porque existe quem se interesse pela degradação da sua imagem com o objectivo de vir um dia a ocupar a invejada posição que o "DN" ocupa nessa área".

Eduardo Pereira em Penafiel

"Descentralização faz-se quando os interessados a querem"

PORTO, 22 — O ministro da Administração Interna afirmou em Penafiel que dentro da política de regionalização a descentralização se faz "quando os interessados a querem".

O ministro Eduardo Pereira, que também disse ser neste Governo um dos responsáveis pela política de regionalização, sublinhou que regionalizar é "uma força que vem de baixo para cima e se vê em todas as regiões".

Eduardo Pereira teria ocasião de acentuar que, "se vir o que vi aqui, no Vale do Sousa, a regionalização far-se-á".

O ministro da Administração Interna deslocou-se a Penafiel acompanhado do secretário de Estado da Agricultura, Reis dos Santos, onde inaugurou a Feira Agrícola do Vale do Sousa, também chamada "Agravial", com mais de uma centena de "stands".

"O poder autárquico é de maioridade e não se compadece com vistas curtas ou descuidos do poder central" — afirmou Eduardo Pereira durante um almoço que lhe foi oferecido pelas entidades locais após uma visita que efectuou ao certame.

"Há-de ser, localmente, que nos havemos de levantar da crise" — frisou aquele membro do Governo depois de se referir ao interesse do certame e ao esforço do povo da região que "durante 50 anos viveu debaixo de leis retrógradas".

"Vi um belo exemplo da capacidade do trabalho e da harmonia das autarquias da região" —

disse o ministro da Administração Interna para quem a "centralização tem que acabar porque o País não é só Lisboa".

Referindo-se ao papel das autarquias, Eduardo Pereira realçou que elas "não podem ser só a expressão político-administrativa, mas principalmente, a expressão económica de uma região".

Durante o almoço, que reuniu diversas entidades, designadamente o governador civil do Porto e o comandante da Região Militar do Norte, usou também da palavra o presidente do Município de Penafiel, António Luís do Fundo, que na sua breve intervenção falou também da importância e significado de certames deste género.

A "Agravial", que decorrerá até ao dia 28, é organizada pela Câmara Municipal de Penafiel em colaboração com uma cooperativa agrícola local e com a participação dos municípios do Concelho do Vale do Sousa e do Vale do Tâmega.

Virada, sobretudo, para a actividade agrícola, promovendo a divulgação de alfaia assim como de técnicas e métodos de produção, a "Agravial" integra colóquios e palestras orientados por técnicos.

Na Feira Agrícola do Vale do Sousa o artesanato também está em foco. Desde o pedreiro ao fabricante de "bolinhos de amor", muitos outros artesãos farão durante o funcionamento da feira, demonstrações ao vivo no recinto da "Agravial".

Todo o apoio aos bombeiros

Na deslocação de ontem a Estremoz, o ministro Eduardo Pereira avançou todo o apoio governamental à Associação de Bombeiros Voluntários do País. Eduardo Pereira falou assim na sessão solene comemorativa dos 50 anos dos Bombeiros Voluntários de Estremoz, a cujas cerimónias presidiu.

Debruçando-se sobre o papel desempenhado pelos Bombeiros, Eduardo Pereira reconheceu as suas carências e afirmou estar o Executivo aberto à resolução dos problemas, nomeadamente a legalização de centenas de viaturas com matrícula estrangeira propriedade dos bombeiros e a nível de infra-estruturas.

O ministro acompanhou junto às instalações dos BVE a imposição de condecorações e de machados e capacetes a elementos da corporação. De seguida assistiu à bênção de uma nova viatura e a um desfile com fanfarras e viaturas, onde se incorporaram diversas associações do Sul do País. À cerimónia assistiram diversas entidades civis e militares do distrito.

Após um almoço de confraternização, Eduardo Pereira seguiu para Évora, onde reuniu com o chefe do distrito, o social-democrata Mira Branquinho.

Os BVE, que comemoram os seus 50 anos, estão instalados em precárias condições e esperam ver em breve concluída a obra do seu novo quartel-sede.

ANOP poderá tornar-se cooperativa mista

A ANOP poderá vir a transformar-se numa cooperativa mista, ficando o Estado com a maior parte do capital — admite o jornal minhoto "Correio do Minho" que a propósito cita uma fonte governamental.

Segundo o "Correio do Minho", a mesma fonte governamental adiantou que esta hipótese parece ganhar consistência no seio da maioria governamental.

A cooperativa a constituir "nunca seria formada pela fusão das duas agências ou sequer por uma delas, mas tão somente pelos trabalhadores" — acrescenta o jornal.

De acordo com a fonte informativa esta seria "a melhor maneira de solucionar uma questão que já se arrasta há demasiado tempo e que tem provocado, inclusivamente, algum desgaste no Governo e até um certo clima de tensão entre elementos dos dois partidos que servem de suporte à coligação".

Governo francês cala seis "rádios livres"

O governo socialista de Mitterrand desferiu ontem um grande golpe contra as "rádios livres" de Paris, tendo a Polícia apreendido material de seis delas, quatro das quais se dirigiam à comunidade estrangeira e emitiam ilegalmente a partir da capital francesa.

De sensibilidades muito diver-

sas, estas emissoras "fora da lei" vão da "Voz do Cedro" (Rádio das Forças Libanesas), passando por "Rádio Árabe de Paris" e "Rádio Terceiro Mundo", até à "Made in Italy" para "Rádio Lumière 101", "Voz dos Católicos Integrados" e "Rádio Paname" e uma estação musical.

Há vinte anos "pirateou" a BBC Rádio Caroline de novo no ar

A rádio pirata "Caroline", lançada em 1964 e cujo navio tinha naufragado ao largo das costas britânicas em 1980, regressou ontem ao serviço com um novo barco ancorado a 16 milhas das costas inglesas, conforme noticiou o "7" da semana passada.

Com a música "Caroline", cantada em 1964 por "The Fortunes", a rádio começou a emitir na sua antiga frequência de 319 metros (ondas médias) a partir de um antigo pesqueiro islandês de 968 toneladas rebaptizado "Imagine", segundo uma canção de John Lennon.

O navio, equipado com uma antena de 50 metros e um emissor de 50 kilowatts, encontra-se ancorado a pouca distância do "Mi Amigo", afundado no Mar do Norte ao largo de Clacton (Leste de Inglaterra) durante uma tempestade em Janeiro de 1980.

A primeira rádio "Caroline" revolucionou o mundo da rádio na Grã-Bretanha com um fluxo de "pop music" entrecortado por anúncios publicitários.

A popularidade da emissora pirata foi de tal ordem que a BBC considerou dever criar uma nova estação baseada na "pop music" para lhe fazer concorrência. Durante este atentado contra o monopólio da BBC, o governo britânico decidiu em 1967 proibir as emissoras piratas.

As firmas deixaram de ter o direito de fazer publicidade e os súditos britânicos foram proibidos de trabalhar, abastecer, ou mesmo de escutar as emissões piratas.

É por isso que a nova rádio "Caroline" opera fora das águas territoriais britânicas e que a sua sede está em Los Angeles. O navio, registado no Panamá, é abastecido a partir de Espanha, um dos raros países que fecha os olhos às emissões piratas a partir do mar alto.

No entanto, o Ministério do Comércio Britânico já anunciou que um serviço de escuta está a seguir as emissões de rádio "Caroline" e que esta vai ser alvo de novas medidas judiciais.

Melo Antunes vai à Bolívia

O tenente-coronel Melo Antunes, antigo ministro português dos Negócios Estrangeiros, participará numa reunião sobre a situação socio-económica da América Latina, que decorrerá de 24 a 26 do corrente na cidade boliviana de Santa Cruz.

O encontro é organizado pelo Instituto Latino-Americano de Investigação Social e pela corporação regional de desenvolvimento da localidade boliviana de Santa Cruz.

Políticos e economistas da América Latina analisarão a situação político-económica no sub continente e apresentarão aos diferentes governos uma recomendação de acção conjunta face à renegociação da dívida externa de toda a região.

Assistem à reunião representantes da Comissão Económica para a América Latina e da Junta do Acordo de Cartagena.

Também estarão presentes os ex-presidentes do México e da

Venezuela, Luís Echeverria e Carlos Andres Perez, respectivamente, além de destacados políticos latino-americanos e de representantes do Governo boliviano.

Entre os políticos latino-americanos confirma-se a presença do argentino Raul Alfonsín, do ex-ministro do Chile Radomiro Tomic, do equatoriano Agustin Cuevas, do uruguaio Wilson Ferreira Aldunate, do brasileiro Ulisses Guimarães.

Presidente da AIP em Campo Maior

Empresas agrícolas devem dar as mãos à transformação industrial

ELVAS, 22 — O presidente da Associação Industrial Portuguesa afirmou ontem em Campo Maior que as empresas agrícolas deveriam passar a incorporar alguma capacidade de transformação industrial.

"Trata-se de garantir — afirmou Rocha de Matos na sua visita à tradicional Feira das Oliveiras, naquela vila alentejana — um dimensionamento empresarial mínimo dentro da globalidade de acções de produção/transformação", desafio que "teremos todos que enfrentar na adesão à Comunidade Económica Europeia. O presidente do AIP referiu também que este desafio "não envolve, de modo algum, o desaparecimento das pequenas empresas, mas antes o seu crescimento e transformação".

Rocha de Matos, que participou, a convite da organização, no encerramento da Feira da Oliveira, em Campo Maior, disse que a

sua presença naquele acto tinha o significado da urgência em se garantir ao sector agrícola da economia uma dimensão empresarial-industrial "que permita a passagem do primário ao secundário".

Tal poderá ser conseguido, no seu entender, através da renovação de infra-estruturas, de equipamento, de métodos de gestão, de implantação do mercado e da mudança de mentalidades.

Rocha de Matos passou em revista alguns indicadores económicos do distrito de Portalegre, bem como aspectos do ordenamento industrial das indústrias agro-alimentares, e acentuou que o problema do ordenamento industrial das agro-alimentares entrecruza-se, quer no âmbito nacional, quer no âmbito mais vasto da adesão de Portugal à CEE.

"A adesão de Portugal à Comunidade não se pode protelar por mais tempo, sob pena de se

gerar um isolamento económico que só nos trará prejuízos" salientou. Advertiu, contudo, que a adesão não será "a panaceia milagrosa, nem sequer aportará consigo algumas vantagens se não for devidamente enquadrada por alterações estruturais no nosso aparelho produtivo".

As pequenas e médias empresas industriais portuguesas do sector agro-alimentar são cerca de quatro mil e garantem cem mil postos de trabalho um valor bruto de produção de 150 mil milhões de escudos, um valor acrescentado bruto de 33 milhões de escudos e um investimento bruto da ordem dos oito mil milhões de escudos.

Se considerarmos que 40 por cento dos produtos da terra são lançados no mercado sem transformação industrial de qualquer espécie, teremos a ideia exacta do que há ainda para crescer na agro-indústria nacional.

URSS 1983

Todas as partidas já garantidas !!!

BÁLTICO - 30/8 a 13/9 72500\$00
RUSSIA (Moscou e Leninegrado), Letónia e Lituânia
CAUCASO - 13 a 29/7 74000\$00
RUSSIA, Arménia, Geórgia e Azerbaijão
REVOLUÇÃO DE OUTUBRO - 25/10 a 8/11 65000\$00
Moscou (7 de Novembro), Kharkov, Volgogrado (antiga Estalinegrado) Odessa (Mar Negro)

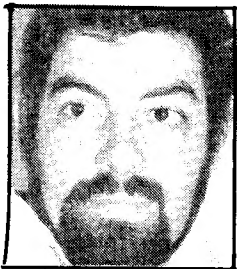


Peça Programas Detalhados

Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 LISBOA
Tel. 37 31 10-11
Alv. Op. 414

AGITURISMO

Pedro
Cid



Pescas não são a única "questão quente"

Soares e Gonzalez encontram-se em Outubro

O encontro de Mário Soares e de Felipe Gonzalez em Lisboa, em Outubro, confirma os rumores dos círculos diplomáticos ligados aos dois países nas respectivas capitais. Ou seja, embora a iniciativa de propor uma cimeira entre os Governos de Espanha e de Portugal tivesse partido de Lisboa, as relações bilaterais, nalguns pontos sensíveis não foram melhoradas nestes meses e, assim sendo, o Executivo espanhol terá, pelas vias diplomáticas normais, feito saber que não estaria disponível a deslocar-se à nossa capital, sem ter à partida garantias de resultados concretos, designadamente no sector das pescas.

Acresce ainda que a data proposta pelo Governo português, Outubro, era dificilmente compatível para o Executivo do país vizinho. Com efeito, a Conferência de Segurança Europeia de Madrid encerra nos primeiros dias daquele mês e fará daquela capital, nesses dias, um dos centros neurálgicos da política mundial.

A cimeira luso-espanhola, reduz-se assim aos chefes de Governo e aos ministros dos

Negócios Estrangeiros. Por outro lado, no plano concreto, as relações luso-espanholas continuam a pautar-se por uma certa tensão, apesar das declarações de princípio para as melhorias oriundas sobretudo do novo Governo de Lisboa e em especial do seu ministro dos Negócios Estrangeiros. Para além dos naturais problemas decorrentes de uma fronteira comum de centenas de quilómetros, está ainda longe de ser solucionada a magna questão das pescas. E há a consciência, de um e de outro lado, que esse acordo tem de ser assinado antes da assinatura do tratado de adesão de qualquer dos países à Comunidade Económica Europeia.

CEE/Portugal - «Dossier» Pescas no início

Portugal e a Espanha têm ainda um horizonte largo de neogociação para chegarem a um acordo no domínio das pescas. Isto porque no conjunto das matérias negociais entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia vai

ainda no princípio.

Os três principais capítulos deste «dossier» tratam dos recursos, da organização de mercados e das estruturas.

Quanto a estas últimas, Portugal parte numa posição nitidamente inferior: «Dada a debilidade da frota nacional - lê-se em documentação oficial sobre a matéria - as novas dimensões do mercado, e ainda o papel que a aquacultura pode desempenhar no abastecimento do mercado (elevada produtividade, produções regulares, etc.) o problema principal prende-se com a necessidade de se usufruir da aplicação das medidas comunitárias que visam a melhoria e desenvolvimento das estruturas, nomeadamente no que diz respeito à frota, à indústria de transformação e à aquacultura».

O nosso país deseja ainda o reconhecimento do Continente, Açores e Madeira, como regiões desfavorecidas e altamente dependentes das pescas, no sentido de se poder beneficiar dos níveis mais elevados de financiamento.

A Comunidade não assumiu ainda qualquer posição oficial

na matéria. E os negociadores portugueses garantem que «não se verificarão progressos reais nos trabalhos».

Recursos piscatórios

Na política de acesso e repartição dos recursos piscatórios o objectivo das autoridades portuguesas é negociar recursos que permitam ao nosso País «salvaguardar os interesses das regiões portuguesas altamente dependentes da pesca, sublinhando-se também a importância da manutenção das empresas mistas, estabelecidas no quadro dos acordos de pesca celebrados por Portugal com países terceiros em vigor na data da adesão através dos quais se consente o acesso a fundos de pesca sob a jurisdição desses países terceiros».

Na organização de mercados, a parte portuguesa chamou a atenção para o interesse que algumas espécies não abrangidas pela organização comum de mercado, apresentam em Portugal, sublinhando a necessidade de as mesmas virem a ser inclui-

das nas listas dos produtos da pesca submetidos àquela organização. Constatam ainda a necessidade de adaptação progressiva dos preços nacionais aos preços comunitários dos produtos de pesca, e no âmbito da livre circulação, Portugal deseja a eliminação, na data da adesão aos direitos de importação da CEE.

No âmbito da AEFTA, Portugal deseja que as nossas exportações de conserva de peixe mantenham, após a adesão, o grau de liberalização já adquirido.

A posição da CEE, nalgumas destas matérias, é de grande inflexibilidade, como veremos mais detalhadamente noutra ocasião. Não deixaremos no entanto de frisar que a CEE avisou o nosso País que «no âmbito das relações multilaterais, após a adesão, terá de se retirar das conversações internacionais das quais a Comunidade como tal faz parte, em competência exclusiva» e que, no domínio das relações bilaterais «só a CEE tem competência para negociar acordos de pesca e para gerir os acordos bilaterais que poderão eventualmente subsistir».

Rosado
Correia
e Eugénio
Nobre
juntos
em Coimbra
e na Figueira

COIMBRA, 22 - O ministro do Equipamento Social reuniu-se esta manhã com os elementos do novo gabinete do Hospital Central desta cidade e visitou as obras em curso, depois de ter contactado com os directores de Serviços Regionais do MES na direcção dos Edifícios e Monumentos do Centro.

Rosado Correia, que nesta sua deslocação a esta cidade se fez acompanhar do secretário de Estado das Obras Públicas, Eugénio Nobre, como vem acontecendo, de resto, nos últimos dias, visitará esta tarde a zona do Baixo Mondego e as obras de reparação no acesso norte da Ponte da Figueira da Foz.

Ainda esta manhã, Rosado Correia e Eugénio Nobre estiveram num dos pólos da Universidade de Coimbra, junto à Quinta da Boavista, e visitaram a ponte-açude, almoçando depois na Lapa dos Esteiros, ao ar livre.

A hora a que o «DL» é posto à venda, o arq.º Rosado Correia preside a uma exposição sobre os aproveitamentos do Baixo Mondego, feita pelo eng.º Adolfo Gonçalves, director-geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.

E ele continua a "bradar no deserto"...

Jardim quer menos gente nos bancos do Parlamento

Alberto João Jardim, Presidente do Governo Regional da Madeira, tenciona «continuar a bradar no deserto». Ou seja: apesar de poucos o ouvirem está firmemente decidido a propagar a ideia de que «se queremos salvar o regime democrático, temos de mudar o sistema político-constitucional». Mas a «receita» de Jardim não se fica por aqui: «está errado o grande número de pessoas que compõem a Assembleia da República», acrescenta.

UMA sessão solene comemorativa do «Dia do Funchal» foi ocasião para Alberto João Jardim expressar uma vez mais aos madeirenses os seus sentimentos acerca da situação político-social do país.

O principal tema da intervenção que fez ontem no Funchal disse respeito «ao grande número de pessoas que compõem a Assembleia da República, os parlamentos regionais e os órgãos dos municípios e freguesias». Na sua perspectiva, «é tempo de se acabar com a demagogia barata, aceite num falso conceito de participação e representatividade que só custa dinheiro aos portugueses e que dá representatividade que não tem».

E o líder PSD/Madeira e chefe do executivo local acrescenta: «está errado que uma vereação de uma Câmara, executivo que é, seja de composição partidariamente proporcional, o que deveria ser deixado para a Assembleia Municipal». Concluindo que «o que realmente está mal em Portugal é a própria estrutura das instituições, tornadas dispendiosas e pouco operacionais», João Jardim debruça-se sobre a situação económica.

Produzir agitação...

«Apesar da coragem que o Governo da República tem de-

monstrado para enfrentar a crise, é preciso não ter contempções com as cinquenta e tal empresas públicas que são a componente principal da causa da nossa hecatombe financeira», diz.

E desenvolve: «o Governo não pode exigir sacrifícios às regiões autónomas, política e socialmente estáveis e, por outro lado, continuar a sustentar empresas sem rentabilidade que produzem principalmente agitação».

Tirando a ilação de todas estas afirmações, Alberto João Jardim afirmou então a sua disponibilidade para continuar «a bradar no deserto» sobre a ideia deque a salvação do regime democrático passa pela mudança do sistema «político-constitucional».

E dá por concluída a sua intervenção frisando: «Por pudor ou demissão, muitos políticos não querem aceitar tal evidência. Resta considerá-la um desafio em que nos vale a pena empenhar».

Não à sindicalização

Abordando mais tarde o problema da sindicalização das forças militarizadas, Alberto João Jardim disse não interessar à Madeira «corporações militarizadas insolitamente sindicalizadas».

Desenvolvendo a sua ideia, o

líder do executivo madeirense acrescentou que «se o continente quiser, por fraqueza, embarcar em mais esta fantasia desestabilizadora, o Governo Regional sente-se no pleno direito de manifestar aos órgãos de soberania que não lhe interessa a presença neste território de uma organização militarizada com semelhante estatuto».

Referiu que, se essa sindicalização for feita, «o Governo madeirense solicitará a substituição dessa corporação por outra de estatuto diferente».

Democracia e falência

O Presidente da Câmara do Funchal disse ontem que «a democracia não sobrevive em cidades e vilas falidas, e os inimigos da democracia sabem-no bem».

Sá Fernandes, que falava na sessão comemorativa do dia da cidade, frisou que «as autarquias têm que ser apoiadas financeiramente de forma suficiente e adequada, pois isso determinará a sobrevivência das autonomias e do poder local».

Referindo-se à situação financeira do município a que preside, disse «ser indispensável que a Câmara sejam entregues os meios financeiros prometidos a tempo de evitar roturas que poderão provocar a redução de postos de trabalho, a degradação dos serviços e a instabilidade administrativa».

O chefe da edilidade considerou que, mesmo que «se consiga ultrapassar as dificuldades de tesouraria com as verbas prometidas, a Câmara, em função das receitas correntes previsíveis, perderá a capacidade de investimento e terá dificuldade em manter certo nível de serviços».

20 TONELADAS

DEIXE AS QUESTÕES DE PESO A CARGO DA LAM

Deixe a sua carga a cargo da LAM. Todas as 5as. feiras o DC 10 da LAM transporta as suas 20 toneladas de Lisboa para Berlim. E de Berlim para qualquer ponto da Alemanha, Áustria e Escandinávia. E, conforme os destinos necessários ao seu negócio, a LAM transporta igualmente a sua carga de Lisboa para o Maputo. E do Maputo para o Zimbábue, Zâmbia e África do Sul. Tire o peso de cima de si e confie-o à LAM.

LAM
Linha Aérea Moçambique
R. Joaquim A. Aguiar 69-B 1000 LISBOA Telef. 65 61 18/9 Telex 16713 DETA P.

de ontem para hoje

«Frente para a Federação Ibérica» nasce no concelho da Batalha

Um grupo de habitantes da aldeia de Reguengo do Fetal, no concelho da Batalha, aprovou o programa e estatutos de uma «Frente de Libertação e Federação dos Povos», de orientação «ecológica e pacifista». O líder da nova organização, António Ezequiel Saragoça, disse à ANOP que os seus principais objectivos são organizar uma federação com um único governo a nível mundial, lutar pelo desmantelamento de todos os exércitos e pela implantação do espírito como língua internacional. No plano interno, o programa prevê a luta pela união política de Portugal com os povos da Península Ibérica e a extinção de todos os sindicatos e organizações patronais. Os organizadores do novo agrupamento tencionam contactar esta semana com a Comissão Nacional de Eleições e proceder depois à recolha das assinaturas necessárias à legalização da Frente.

Distúrbios em Portimão acabam na morte de jovem

Um morto com uma facada no coração e outro ferido num braço, por uma garrafa, foi o rescaldo de uma alteração, na madrugada de ontem, à porta de uma discoteca, na Praia da Rocha, em Portimão. O morto chama-se Paulo Renato da Costa Rodrigues, de 19 anos de idade, solteiro e estudante, natural e residente em S. João da Madeira. O ferido é primo da vítima e recolheu a sua casa, depois de receber tratamento no hospital de Portimão. Chama-se Manuel João da Costa Rodri-

gues, de 21 anos de idade, solteiro estudante e também de S. João da Madeira. A rixa aconteceu após uma troca de palavras no interior da discoteca, com uma espera posterior por parte de um grupo de jovens, após o encerramento do estabelecimento. A saída, o grupo agressor atacou o que integrava os dois primos. A PSP de Portimão está a investigar o acontecimento, tendo já a identidade da maior parte dos elementos que compunha o grupo agressor.

Parque Biológico nasce em Avintes

Um campo internacional de trabalho, integrado por jovens portugueses e estrangeiros, desenvolve as obras necessárias à criação em Portugal do primeiro Parque Biológico. Integrado no rio Felres, perto de Avintes, o parque incluirá um viveiro de aves numa área de 600 metros quadrados e um lago artificial povoado com fauna e flora próprias das regiões húmidas. Um jardim botânico, um viveiro de répteis e anfíbios e um prado, completam aquela unidade. A iniciativa conta com o apoio da Câmara Municipal de Gaia, juntas de freguesia de Avintes e Mafamude. FAOJ, Governo Civil do Porto e Ministério da Qualidade de Vida. O Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem apoia material e humanamente as obras, a decorrer no âmbito do programa de ocupação de tempos livres do FAOJ.

Salteadores activos na zona de Lisboa

O fim-de-semana rendeu mais de três mil contos aos autores de onze assaltos realizados na área da capital, em estabelecimentos e casas particulares. Só numa residência da Pontinha, os assaltantes levaram cerca de dois mil contos em valores, incluindo o próprio mobiliário. Ao «dinamismo» dos ladrões, nem a sede de uma colectividade, o Grupo Desportivo da

Póvoa de Santo Adrião, escapou: um televisor a cores e uma aparelhagem sonora, avaliadas em cem contos, desapareceram. Entretanto, a PSP deteve esta madrugada o dono de uma discoteca que não soube explicar o que fazia, na companhia de outros dois indivíduos, no interior de um consultório médico localizado ao Saldanha.

Câmara de Lamego quer recuperar antigo matadouro

A Câmara Municipal de Lamego vai promover diligências para recuperar o antigo matadouro municipal, que está sob a jurisdição da Junta Nacional dos Produtos Pecuários (JNPP), soube a ANOP de fonte camarária. Esta resolução do município lamegoense visa eliminar «o funcionamento precário do Matadouro de Lamego, que tem vindo a provocar elevado número de abates clandestinos, transporte ilegal de reses e deficiente fiscalização sanitária» — acrescentou a mesma fonte. A partir de 1 de Setembro, o matadouro de Lamego voltará à jurisdição da câmara municipal, mantendo-se em vigor as mesmas taxas e regulamentos e continuando em exercício de funções o pessoal que nele trabalha. Para esta medida contribuiu o não-cumprimento do Decreto-Lei 661/74 e da Resolução 356/79, no que diz respeito ao pagamento de indemnizações devidas às câmaras pela transferência do património dos matadouros municipais para a JNPP.

Casa do Douro vai escoar vinho generoso de 82

Vinho generoso da colheita de 1982 vai ser escoado por iniciativa da Casa do Douro, organismo máximo da vinicultura duriense — informou ontem este organismo. Para o efeito, a Casa do Douro convidou os vinicultores eventualmente interessados a envia-

rem amostras do referido vinho, acompanhadas da indicação da litragem existente, para a sua sede ou para as suas delegações concelhias. O prazo para a entrega das amostras expira em 26 de Agosto — informou a Casa do Douro.

Fim-de-semana com oito mortos e 138 feridos

Oito mortos e 138 feridos é o balanço dos 120 acidentes de viação registados pela GNR nas estradas do País, entre as 12 horas do passado dia 20 e a mesma hora de domingo. Dos feridos, 52 encontram-se em estado grave.

Vizela iniciou «reposição da legalidade»

A reposição, sábado passado, pela população de Vizela do troço de via férrea destruído aquando das eleições para as autarquias constituiu mais uma «jornada de luta» pela restauração do concelho — revelou um habitante da localidade à ANOP.

Segundo a mesma fonte, aquela acção, constituiu, também «a primeira resposta da população vizelense ao ministro da Administração Interna, que, na sua recente visita a Vizela, condicionou a boa vontade do Governo para a restauração do município, à «reposição da legalidade» (reparar via férrea e votar para os órgãos autárquicos).

A população da vila foi surpreendida pelo toque dos sinos e da sirene dos bombeiros, convocando-a para iniciar a reposição do troço da linha férrea Porto-Guimarães-Fafe, destruído durante a luta, por vezes violenta, na altura em que os vizelenses se recusaram a participar na eleição dos autarcas do concelho de Guimarães e das autarquias locais.

«A população respondeu em massa ao ruído de apelo e muitas centenas — talvez um milhar — de pessoas muniram-se de ferramentas e foram repor a parte da linha destruída» — acrescentou a fonte.

A iniciativa partiu de uma comissão «ad hoc», que incluía muitos jovens, que quis dar rápida resposta à sugestão do Movimento para a Restauração

do Concelho de Vizela, depois das declarações de Eduardo Pereira.

APU: campanha já começou

Os candidatos da APU às assembleias de freguesia vizelenses de Caldas de S. João e Caldas de S. Miguel, consideraram que «Vizela ainda não é concelho porque o PS, em acordo com o PSD, não o quis» negando «promessas e compromissos anteriores».

Segundo o manifesto eleitoral divulgado ontem pelos candidatos da APU «as eleições de 4 de Setembro são inseparáveis da luta pelo concelho de Vizela» e correspondem à necessidade de normalização da situação das autarquias locais.

Para os candidatos da APU «os vizelenses só ganharão verdadeiramente se os resultados eleitorais significarem o reforço dos eleitos da APU» às eleições de 4 de Setembro próximo concorrem apenas listas do PS e da APU, não participando nenhum dos partidos da ex-AD.

O reforço da APU garantirá, segundo o manifesto, «num período decisivo da criação do concelho, a contribuição política da única força que honrou os seus compromissos na concretização do velho sonho dos vizelenses».

Os candidatos da APU acusam ainda o PS de vir a atrasar, «com os mesmos argumentos da ex-AD», a criação do concelho de Vizela. Os habitantes das duas freguesias não participaram nas últimas eleições autárquicas por não ter sido aprovada na Assembleia da República a sua reivindicação de criação de um concelho de Vizela.

Guimarães: PS-PSD retiram pelouros à APU

A coordenadora da APU, de Guimarães, emitiu, por seu turno, uma nota de protesto pela decisão da Câmara local, atra-

vés da maioria PS-PSD, de retirar à coligação PCP-MDP os pelouros que lhe tinham sido distribuídos.

Segundo a APU, o pretexto para tirar os pelouros ao seu vereador na Câmara baseou-se na circunstância de este ter sido, entretanto, substituído por um representante da mesma aliança, e também, porque o acordo anterior de distribuição de pelouros, se baseava num entendimento interindividualidades.

«Retirados os pelouros à APU — refere a nota citada — o vereador que hoje representa esta coligação política no executivo camarário encontra-se na situação de vereador sem pelouro, numa Câmara que repetidamente se queixa de não poder cumprir as suas atribuições por falta de «quorum».

A APU, considera finalmente urgente que o PS venha a público esclarecer a sua atitude — que atinge pelouros de capital importância — para saber-se se ela corresponde, ou não, a «uma mudança política fundamental que encerra projectos importantes relativos a esses pelouros».

Homicídio «pintado» com «cores» de acidente

PORTO, 22 — A Polícia Judiciária está a investigar as circunstâncias (estranhas) que rodearam a morte de Maria Ilda da Silva Gomes, de 49 anos, viúva, do Lugar de Inha, em Canedo, Vila da Feira, que faleceu no Hospital de Santo António (onde havia dado entrada no passado dia 13) como se tivesse sido vítima de uma queda.

Depois de ter permanecido cinco dias em estado de coma, a infeliz senhora viria a falecer naquele estabelecimento hospitalar, sendo o cadáver removido

para o Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado. Ora foi precisamente no cumprimento dessa formalidade que os médicos legistas descobriram que o corpo de Ilda Gomes apresentava sinais de ter sido alvejado com dois tiros.

Através do hospital soube-se, entretanto, que a senhora tinha sido transportada por um filho e que teria sido este quem declarou que se tratava de um caso de queda numa varanda. Mais tarde, porém, o mesmo filho dirigiu-se ao posto da GNR de Canedo

onde apresentou outra versão, dizendo que a mãe havia sido alvejada pelo seu filho (irmão da vítima), Manuel Fernando da Silva Gomes, que desapareceu, entretanto, para parte incerta.

Ao que consta, Maria Ilda da Silva Gomes tinha discutido com a cunhada, mulher do Manuel da Silva Gomes, sendo primeiramente agredida com um pau, pelo que teve de receber tratamento no hospital de S. Paio de Oleiros. No regresso a casa, porém, terá estado novo conflito, o qual culminou com a agressão a tiro.

Caso estranho com três jovens faz um morto e dois feridos

PORTO, 22 — Uma jovem morta e duas feridas é o balanço sumário de um caso estranho que ocorreu em Boticas (Chaves) o qual está ainda a ser devidamente investigado pela GNR local.

Mas vamos aos factos: Emília Calvão Fernandes, de 17 anos, sua irmã Maria Teresa Calvão Fernandes, de 16, e uma amiga, Maria Noémia Assunção Amorim, de 17 anos, todas residentes no Bairro do Eng.º Branco Teixeira, em Chaves, foram a uma festa em Boticas e, no regresso, decidiram aproveitar a boleia, juntamente com outras pessoas, numa camioneta de carga, em

cujas cabanas seguiam três indivíduos.

Pelo caminho foram ficando, entretanto, as outras pessoas, até que as três jovens se encontraram sozinhas na carroçaria da camioneta. À passagem pelo seu bairro, as raparigas fizeram sinal ao condutor para parar, a fim de se poderem apear. Acontece, porém, que o indivíduo não ligou e seguiu em direcção à serra que circunda a cidade.

Receosas pelo que lhes pudesse acontecer, as três jovens decidiram, então, lançar-se da camioneta em andamento, estatelando-se no solo. A Emília Calvão Fernandes teve morte

instantânea e as outras duas ficaram feridas, sendo o estado da Maria Noémia Assunção Amorim considerado gravíssimo. Aliás, esta última encontra-se internada em estado de coma no Hospital de Santo António, no Porto.

Como sofreu apenas ligeiras escoriações, a Maria Teresa ficou em condições de fornecer todos os pormenores, às autoridades, incluindo a identidade do condutor e respectivos acompanhantes, pormenores esses que foram entregues ao juiz da Comarca de Chaves, a fim deste agir em conformidade.

Fogo posto, segundo os bombeiros

Incêndio na serra de Olela dominado ao começo da manhã

Um incêndio que começou às 5h00 de hoje na serra de Olela, nos arredores de Lisboa, foi dominado após quatro horas de esforços pelos bombeiros locais.

Os voluntários de Belas foram reforçados pelas corporações de Queluz, Agualva e São Pedro de Sintra, num total de várias dezenas de homens.

O fogo começou num ponto da serra, perto da estação do Sabugo, e chegou a ter mais de um quilómetro de frente antes de ser dominado.

Domingo à noite, cerca das 23h00, tinha surgido outro foco de incêndio a 300 metros do local, que foi prontamente dominado.

Um informador dos bombeiros

disse à ANOP que este tipo de incêndios, durante a noite e a madrugada, só pode ser atribuído a fogo posto, sendo habituais pouco antes da abertura da caça.

«Trata-se de queimar o mato alto que cobre a serra para facilitar a passagem dos caçadores» — explicou o informador.

Ferreira Torres

abatido a tiro há quatro anos

PORTO, 22 — Completaram-se ontem quatro anos sobre a morte do industrial Joaquim Ferreira Torres que, conforme é do conhecimento público, foi abatido com rajadas de metralhadora pelas 8.15 horas do dia 21 de Agosto de 1979, numa curva de estrada, no Lugar de Barro Branco, entre Paços e Paços de Ferreira.

Quatro anos transcorridos, ainda não se fez luz sobre o crime, pese embora o facto de o mesmo apresentar todas as características de um ajuste de contas entre redes de traficantes de divisas.

Joaquim Ferreira Torres, que foi presidente da Câmara de Murça durante o fascismo, foi considerado um dos principais responsáveis da onda de terrorismo bombista no depoimento do «operacional» Ramiro Moreira — que continua a monte e com 19 anos de cadeia para cumprir —, divulgado em primeira mão pelo «DL». O referido industrial era nele apontado como o «cérebro» do terrorismo bombista.

A sua morte, porém, revestiu-se de aspectos intrigantes, quer pelo «desaparecimento» brusco de documentos, quer pelas ligações que Ferreira Torres mantinha com o tráfico de divisas por Espanha, onde, ao que tudo indica, dirigia uma rede concorrente a outra (ou outras). O assassinio foi considerado «obra de profissionais» e, talvez por isso, quatro anos após o crime as investigações continuam em «ponto morto».

Aliás, vem a propósito referir que, desde então para cá, o processo já passou por diversas mãos e que alguns dos investigadores encarregados do caso já mudaram de secção ou saíram da própria Polícia...

Ferreira Torres, que fora amigo pessoal de Tschombé, esteve dez anos em África e, depois, no Brasil, quando foi implicado na rede bombista, da qual acabou por ser estranhamente ilibado «por falta de provas».

A BARCA SEM OS CORVOS Ministério do Mar

TEMOS finalmente um Ministério do Mar. O novo Ministério não terá ainda tido tempo para se dotar de alguns textos fundamentais, e julgo que seria interessante apontar-lhe alguns trechos escolhidos da «Arte da Guerra no Mar» do padre Fernando de Oliveira. Este fabuloso clérigo, foi guerreiro, humanista, professor, historiador, geógrafo, teorizador da construção naval, aventureiro e vítima da Inquisição. Pessoalmente, tenho pena de não o ter conhecido, mas viveu no princípio do séc. XVI, o que me tira qualquer chance...

Sabia da poda, o Pe. Oliveira, e escrevia com uma graça e vitalidade invejáveis.

Para benefício do Ministério do Mar, vou transcrever coisas dos primeiros capítulos da «Arte da Guerra no Mar», mas só dos primeiros — os restantes, ou dizem respeito a tecnologias que não são essenciais hoje, ou ensinam tantas trapanças, ardis, enganos, «celadas» (e não «ciladas» como o bom Pe. Fernando tem o cuidado de explicar, latinista que era!), manhas e poucas-vergonhas em geral, que não é bom acrescentá-las às que o funcionalismo público já conhece.

Pareceu-me bem adaptar certos sinais, abreviaturas, e grafias da época, deixando outras com o sabor próprio do texto quinhentista.

Porquê, então, um Ministério do Mar?

«Porque o mar mui devasso, e os homens nã podem escusar de negociar per elles suas fazendas, huns mercadeando, outros pescando, e outros como lhes vem bem, e dali trazem mantimento e proveito para Terra, portanto cumpre que nelle se ponha muito recato (...)

Mas convém que haja um Ministério do Mar, para simplificar e unificar decisões, estabelecer políticas coerentes, eliminar atrasos e burocracias? Sim, porque.

«...como as cousas que estas pessoas diversas fazem todas tiram a hum fim, que é a governança do mar, muito melhor se fariam e aplicariam a seu fim por hum só entendimento unido que por muitos diversos, porque a multidam diversa confunde e dilata (atrasa), e a dilatação é perigosa na guerra e no mar, o qual mar não espera nem respeito a ninguém, mas então se apressa mais quanto mais vagar tendes e vos descuidais».

E então, que vem a ser isso de Ministro do Mar? Quem deve sê-lo, e porquê? Porque.



«...he costume nos Reynos marítimos haver homens prudentes e diligentes, que tenham cuidado de prover as taracenas, e amazens e navios, de feição que quando cumprir, estejam prestes... (oh! eng.º Carlos Melancia!) ...E para que o assim possam fazer sem referta de nenhuma parte, os príncipes lhe dão comprido poder e jurisdição, pa mandar e julgar nas cousas do mar, e homens que por elle tratem. A quem este cargo tinha chamavam os Gregos Architalasso, que se pode interpretar psidente do mar (...) (oh! eng.º Carlos Melancia!)

E os espanhóis que pescam nas nossas águas, e os que vêm deitar detritos nucleares junto aos Açores, e os submarinos ingleses que vêm fazer exercícios com bombas de profundidade na fossa de Sesimbra, etc, etc?

«Cá dentro do reyno há ladrões, que roubam as casas que temos fechadas (...) e tirão as bolsas de dentro das aljubeiras e do seio (...) e aos próprios alcaides que os andão buscando pera os prender e não nos podem descobrir todos, andando de mestura com elles (...), quanto mais no mar que he mui devasso, e nam mostra as pegadas peronde formamos ladrões, que ali andam francos, e nam temem nem a Deos».

Não é nada fácil, de facto.

Mas mais difícil ainda é proteger os interesses colectivos contra certos poderosos interesses de alguns, e.

«...Não pareça aspera esta admoestação e ameaça, porque sem dúvida creiam que contra os poderosos será feito poderoso e severo juízo, que não cabe em razão que os pastores troquem e munhão as ovelhas e as não defendam dos lobos, (...)

Isto, a gente sabe bem.

E sabia-o bem o Pe. Oliveira: sabia (oh! se sabia...) que.

«...o abismo dos grandes negócios e muitas ministrações, chama e trás consigo outro abismo de muitas confusões».

É por essas e por outras que o País espera que o nosso Architalasso, o nosso Presidente do Mar, quando confrontado com qualquer tipo que faça pressão para reconquistar privilégios ilícitos, ou obter nas coisas do mar e dos navios uma posição iníqua e contra o interesse colectivo.

«...lha não dê, por mays qu'elle bufe nem torçofocinho.»

J. P. Martins Barata

economia

Sonhos megalómanos enterrados pela realidade

Brasil "regressa" à Terra e encontra-se com a crise

O Brasil, o mais vasto e mais povoado dos países latino-americanos (120 milhões de habitantes) está a ser forçado a enterrar por vários anos os seus sonhos de desenvolvimento.

Delfim Neto, ministro brasileiro do Plano, terminou hoje uma deslocação à Europa, onde tentou reanimar as finanças do país, pois sem o auxílio da comunidade internacional o gigante latino-americano vítima de recessão mundial, de uma política de desenvolvimento demasiado ambiciosa e da subida das taxas de juro, deveria ser oficialmente declarado em falência.

E está com efeito praticamente nessa situação desde há um mês, uma vez que não conseguiu ainda resolver 2 mil milhões de dólares de juros devidos aos seus credores, pela dívida externa de mais de 90 mil milhões de dólares.

Mesmo que obtenha do Fundo Monetário Internacional e dos bancos privados os fundos necessários para pagar os juros das suas dívidas, ser-lhe-ão necessários entre 3,5 e 4,5 mil milhões de dólares suplementares para equilibrar este ano a sua balança de pagamentos.

Um país paralisado

Entretanto, a três horas de avião do Rio, na floresta amazónica, os trabalhos de valorização do gigantesco jazigo de ferro de Carajas, prosseguem lentamente o início da exploração: foi retardado dois anos. A Sul do Rio, a construção das oito centrais nucleares que deveriam ser edificadas com o auxílio da Alemanha Federal foi igualmente postergada.

Moeda de «refúgio» em caso de crise nos países latino-americanos, o dólar está cotado no mercado negro ao dobro do seu valor oficial. Interrogados sobre a situação económica do país, os representantes dos grandes bancos internacionais instalados no Rio ou em São Paulo respondem sem hesitar: «todas as actividades estão paralisadas».

Para o Movimento Democrático Brasileiro, principal formação da oposição, os responsáveis pela crise brasileira, são três: o governo que pediu empréstimo sem estar em condições de pagar, os capitalistas que desejam escoar os seus petrodólares em melhores condições para os países industrializados, nomeadamente os EUA responsáveis pela subida das taxas de juro.

Mas, segundo os representantes autorizados dos bancos internacionais instalados no Rio ou em São Paulo, o mal vem, de facto, das opções de desenvolvimento precipitadas tomadas nos anos 70 sob a presidência do general Ernesto Geisel.

Nessa época, as taxas de juro estavam a um nível muito baixo e o Brasil, com um índice de crescimento do Produto Interno Bruto de 11,1 por cento em 1972 e de 14 por cento em 1973, chamava a atenção dos banqueiros fascinados pelo que julgavam ser um novo «Eldorado».

Os anos de euforia

Foram os anos de euforia durante os quais foi lançada a construção da gigantesca barragem de Itaipu (a maior do Mundo) e decidida a construção

de oito centrais nucleares a sul do Rio. Foi a época em que se elaborou o projecto da «Grande Carajas» que prevê nomeadamente o aproveitamento da maior jazida de ferro do Mundo. Nessa época o Brasil contava ser a breve trecho a «América de amanhã».

Contudo, a dívida externa passa de 12,5 mil milhões de dólares em 1973 para 43,5 mil milhões em 1978. Quando a partir de 1982 certas linhas de crédito a curto prazo deixam de ser renovadas e os novos empréstimos se tornam cada vez mais raros, o Brasil cuja balança comercial está em queda livre é chamado à realidade: o país, durante dez anos, viveu acima dos seus meios, com o dinheiro dos outros.

Actualmente, o gigante latino-americano é o país mais endividado do Mundo e o seu Governo, para tentar relançar a economia, aplica medidas de austeridade que criam o risco de provocar a curto ou médio prazo,

explosões sociais.

Já vor várias vezes durante as últimas semanas de correram manifestações de repúdio pelo FMI, tido por responsável pela deterioração do nível de vida da população.

Movimentos de greve geral foram recentemente lançados a partir do estado de São Paulo, pulmão económico do país e nalguns Estados no Nordeste particularmente desfavorecidos e devastados pela seca, as famílias, para escapar à fome, têm de se alimentar de ratos.

As perspectivas a curto prazo não são minimamente encorajadoras. Segundo os especialistas económicos estrangeiros, serão precisos pelo menos alguns anos para o Brasil pôr em ordem a sua economia: na condição de a comunidade financeira internacional lhe dar um prazo suplementar de três ou quatro anos durante os quais o país deixaria de pagar o principal da sua dívida, limitando-se a pagar os juros.

Pescas

Sindicatos espanhóis contestam acordo com Marrocos

As autoridades espanholas consideraram que os termos do novo acordo de pesca com Marrocos são «positivos», enquanto armadores e sindicatos manifestaram atitudes menos optimistas.

O ministro da Agricultura e Pesca, Carlos Romero, afirmou que o acordo «vai solucionar satisfatoriamente o problema da frota pesqueira de Lanzarote» e considerou-o em termos gerais,

como «positivo».

«Isto não impede que a opinião pública de ambos os países diga que os resultados poderiam ter sido melhores», comentou.

Carlos Romero disse que, em finais de Setembro, se estabelecerão as bases para a negociação de um acordo de pesca a médio prazo entre Espanha e Portugal, que não se realizou até agora em virtude da instável situação política portuguesa.

Por sua vez, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, que assinou em Rabat, o novo acordo, considerou-o como «bom» e acrescentou que, «no final, prosperou o elemento político».

O porta-voz do governo Autónomo das Ilhas Canárias afirmou que o acordo é «tremendamente positivo para as Canárias, porque o levantamento da zona norte de segurança, onde opera a frota sardineira, era o ponto fundamental da acção do governo canariense».

Um representante dos armadores canariense mostrou-se menos optimista e disse que o levantamento da zona Norte de segurança significa apenas um «ligeiro alívio», pois a frota sardineira das Canárias, pesca nessa zona apenas seis meses por ano.

O secretário-geral da União Geral de Trabalhadores das Canárias mostrou optimismo pela assinatura do acordo e disse que «Lanzarote está de parabéns».

Entretanto, a central comunista «Comisiones Obreras» avaliou negativamente o acordo. Um porta-voz disse que não garante os postos de trabalho e denunciou a falta de coerência da política externa do PSOE e a sua debilidade, ao ceder às imposições de Marrocos.

O acordo terá efeito retroactivo a partir de 1 de Agosto. As duas delegações têm um prazo até 30 de Setembro para regulamentar e aplicar os aspectos concretos e técnicos do novo acordo, como concessão de novas licenças, pagamento de cânones e determinação da ajuda financeira tamanho das redes, etc.

O levantamento da Zona Norte de Segurança é total e não apenas durante o dia, como se anunciou em princípio quarta-feira.

Nos Estados Unidos

Empresas de propriedade operária produzem lucros mais elevados

O número de empresas compradas pelos seus trabalhadores está a aumentar rapidamente nos Estados Unidos, o país da livre empresa. No entanto, a atitude dos sindicatos perante este fenómeno é algo embaraçada.

Segundo as últimas avaliações, cerca de mil empresas americanas com mais de 10 assalariados, algumas com mais de 100 trabalhadores, pertencem maioritariamente a estes, o que representa mais de 500 mil indivíduos. Isto sem contar com os 4 a 5 milhões de trabalhadores americanos que possuem uma parte, geralmente reduzida, do capital da sua empresa.

Assim, a «propriedade operária», segundo a expressão dum economista, é mais espalhada no país do capitalismo do que em qualquer outro país do Mundo, com excepção de Israel.

No entanto, os sindicatos americanos mantêm-se muito reservados quanto a esta evolução que, segundo eles, aumenta, sobretudo os riscos dos trabalhadores.

«Nestas operações, os assalariados, depois de terem perdido o emprego podem também ficar sem as suas economias» — sublinha Murray Seeger, o porta-voz da AFL-CIO, a confederação que reúne o conjunto dos sindicatos americanos. Porém é sabido que a propriedade da empresa pelos assalariados provoca quase sempre uma melhoria dos seus resultados.

Um estudo da Universidade de Michigan mostrou que as sociedades possuídas pelos seus trabalhadores realizavam lucros superiores em 50 por cento às outras, que a sua produtividade aumentava duas vezes mais depressa, e que, além disso, criavam três vezes mais empregos.

Os promotores desses planos de propriedade operária refutam os receios dos sindicatos, sublinhando que o sistema instituído pela lei permite aos trabalhadores tornarem-se proprietários da empresa sem terem de pagá-la: é a própria empresa que financia o fundo de aquisição. Se houve apenas um sindicato americano, o dos marinheiros, a pronunciar-se em favor desses planos, isso deve-se sobretudo, notam as mesmas fontes, ao facto dos sindicatos temerem que os assalariados possuidores da empresa já não precisam deles.

No entanto, até os partidários desses planos de propriedade operária reconhecem que muitas vezes as regras dos fundos especiais são tais que os trabalhadores, se bem que dispoem da maioria do capital, não têm direito de voto. Só 30 por cento dos planos existentes dão realmente aos trabalhadores o controlo da

sua empresa e portanto um interesse real no seu bom funcionamento.

Outra crítica frequente: os planos de propriedade são por vezes ocasião para os dirigentes da empresa pedirem concessões salariais aos trabalhadores «a fim de salvar ou aumentar os lucros da vossa empresa». Assim os trabalhadores da «Chrysler», o terceiro maior fabricante de automóveis americanos, que quase ia fechando as portas em 1980, têm consentido reduções salariais importantes desde há dois anos, em contrapartida por aproximadamente receber 20 por cento do capital da sua sociedade. A acção da «Chrysler» que em 1980 valia 3 dólares, vale hoje 25.

O exemplo mais frequentemente citado em favor dos planos de propriedade é da companhia aérea «People Express», cujo terço do capital pertence aos assalariados que decidem sobre a organização do trabalho. Desde há vários anos que essa companhia conhece o crescimento mais rápido entre as companhias aéreas americanas e o seu valor aumentou 10 vezes. Em consequência as acções de sociedade possuídas por um trabalhador da «People Express» ao cabo de dois anos de trabalho na companhia, valem actualmente 60 000 dólares.

24 horas

Jornalistas descobrem
arquivo de Calvi

Dois jornalistas do semanário italiano «L'Espresso» descobriram numa caixa-forte nas Bahamas o «arquivo secreto» do antigo presidente do Banco Ambrosiano, Roberto Calvi, morto em circunstâncias misteriosas em Londres, soube-se hoje em Roma.

Segundo o semanário, alguns dos documentos encontrados, são os mesmos que magistrados italianos descobriram em 1981 numa casa do grão-mestre da loja maçônica Licio Gelli em Castiglioni Fibocchi.

Violência em Londonderry

Violentos distúrbios produziram-se na noite passada na localidade norte-irlandesa de Strabane, no condado de Londonderry, foi ontem divulgado na capital da Irlanda do Norte.

Num dos incidentes, ocorrido às 2 horas locais, de ontem, as patrulhas das forças de segurança foram atacadas por um grupo de jovens, um dos quais foi detido.

Edifício cai no Cairo

Dezoito cadáveres foram retirados ao fim da tarde de sábado dos escombros de um edifício de quatro andares, que ruíu de manhã em Kubbe (arredores do Cairo) indicou fonte policial.

Nove pessoas estariam ainda sob os escombros, segundo essa fonte, que confirmou que 16 feridos foram evacuados para os hospitais.

Diplomatas expulsos da Bélgica

O governo belga expulsou dois diplomatas romenos e um soviético por envolvimento num caso de espionagem descoberto no sábado, anunciou a rádio belga.

Para além destes diplomatas outros dois devem ser expulsos nos próximos dias, desconhecendo-se ainda a sua nacionalidade, acrescentou a rádio.

Camponeses esfomeados atacam

Cerca de dois mil camponeses acoados pela fome e pelo desemprego, saquearam no sábado passado um depósito de combustíveis no município de Senador Pompeu, a 260 quilómetros desta capital, indicaram domingo em Ponta Reza.

Pinochet ameaça com novo golpe

O presidente chileno, Augusto Pinochet, ameaçou hoje repetir o golpe de 11 de Setembro «se o marxismo actuar novamente no país».

Recorde-se que Pinochet subiu ao poder através de um golpe militar sangrento, para derrubar o governo constitucional de Salvador Allende.

Seis mortos num choque de comboios

Morreram seis pessoas e 47 ficaram feridas devido a uma colisão ferroviária ocorrida ontem à noite ao sul de Dublin, indicou a Polícia da República da Irlanda. Um porta-voz disse que poderia haver um sétimo morto numa carruagem, onde os bombeiros ainda não tinham conseguido entrar.

Queda de avião provoca 11 mortos

Morreram hoje onze pessoas no acidente de um avião, que transportava 24 membros de um clube de pára-quedismo e dois pilotos, no estado de Washington, indicaram as autoridades locais.

O aparelho, um bimotor datando da Segunda Grande Guerra, despenhou-se sobre uma auto-estrada a uma centena de quilómetros ao norte de Seattle.

«Hax» descoberto na Holanda

A Polícia holandesa descobriu num armazém de Meerberk, a 30 quilómetros de Roterdão, quatro toneladas de haxixe dissimulado em sacos de arroz com etiqueta «ajuda italiana ao Terceiro Mundo».

Na sequência da detecção da droga foram detidos três holandeses e dos belgas.

Texas é «zona catastrófica»

O presidente norte-americano, Ronald Reagan declarou «zona catastrófica» o estado do Texas devastado pelo furacão «Alicia», que provocou já

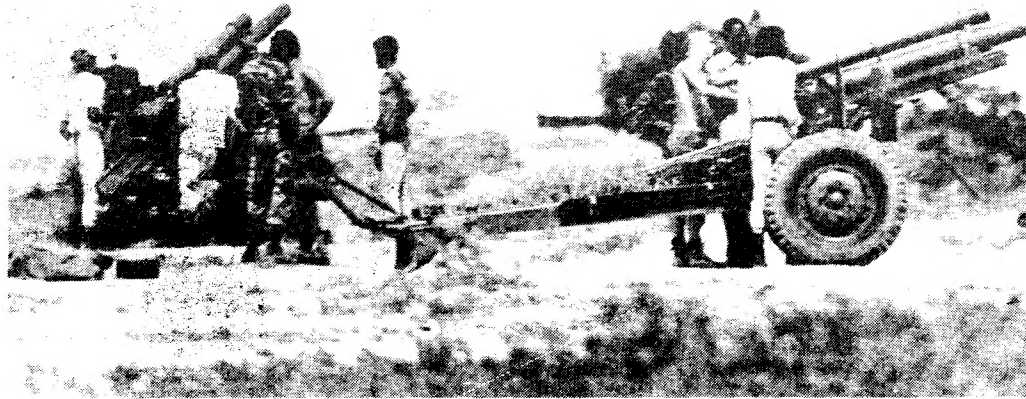
oito mortos, segundo dados oficiais.

A delcaração presidencial permitirá canalizar de imediato fundos federais para as zonas afectadas.

Concentração de homossexuais

Cerca de duzentos homossexuais procedentes da Itália, Alemanha Federal, França e Espanha, concentraram-se sábado na localidade de Porto San Elpidio, Itália, na «Quinta Reunião Gay».

O encontro, que terminará em 5 de Setembro, foi organizado pela revista mensal de «Cultura e Sedução Gay» denominada «Babilónia», editada em Milão.



Instrutores franceses numa sessão de treino com canhões 155, num campo militar do Chade

Aviões de combate franceses
chegaram a Djamena

O general Jean Poli, nomeado comandante-chefe das forças francesas no Chade pelo ministro da Defesa Charles Hernu, chegou esta manhã a Djamena, onde ontem teve início a operação «Manta-2», soube-se de fonte muito segura em Paris.

No âmbito desta operação, seis «Jaguar» e quatro «Mirage», assim como um avião de reabastecimento em voo «KC-135», chegaram ontem de manhã à capital chadiana. Segundo a imprensa norte-americana, seriam, no entanto, catorze aviões de combate das Forças Armadas francesas que se encontram em Djamena.

A principal missão dos aviões de combate, que aterraram em Djamena, explica-se de fonte muito segura, é garantir aos soldados franceses um apoio aéreo eficaz em caso de intervenção.

A chegada destes aviões a Djamena, segundo consideravam ontem os observadores, fez subir mais um escalão ao apoio que a França decidiu fornecer ao presidente Hissene Habré. «Vamos fornecer ao Chade uma ajuda modulada que evoluirá em função do desenvolvimento da situação no terreno», afirmava-se, hoje, de fonte oficial francesa.

No sábado, recorda-se, os presidentes Hissene Habré e Mobutu Sese Seko, do Zaire, declararam, em Djamena, que a situação era caracterizada por uma «calma relativa» que não iria durar. Essa calma, prosseguiram, «é apenas tática» porque a Líbia está a instaurar, actualmente, no Norte do Chade, uma força massiva para tentar um movimento para sul de Faya-Largeau (principal localidade do Norte chadiano).

Segundo os meios diplomáticos ocidentais que dispõem de informações fornecidas por meios de detecção aérea e de escuta, os líbios estão actualmente a efectuar importantes movimentos de material e de tropas em direcção ao Chade.

«Há cerca de 3500 homens em Faya-Largeau, precisou um diplomata, e os partidários do ex-presidente Gukuni Weddeye, assim como os líbios, reforçaram as suas posições nesse palmar em Gouro e em Ounianga-Kebir» (cerca de 200 quilómetros para nordeste de Faya-Largeau).

Serviços de espionagem
americanos

Entretanto, o ministro da Informação do Governo de Unidade Nacional do Chade (GUNT), do

ex-presidente Gukuni Weddeye afirmou ontem, em Paris, que a solução do conflito passa por negociações entre todos os grupos políticos e militares do país.

Ouchar Tourgoundi declarou à televisão francesa TF-1 que o GUNT exige a participação, numa eventual conferência de «reconciliação», de «representantes de todas as tendências políticas, à excepção da única figura que causa prejuízos ao país, isto é, Hissene Habré».

A televisão norte-americana NBC revelou, entretanto, que os serviços de espionagem dos Estados Unidos mantêm as autoridades francesas informadas da situação nas zonas de combate do Chade, mediante a utilização de satélites e aviões-espiões U-2 que sobrevoam o território chadiano três vezes por dia.

A NBC noticiou ainda que o governo de Washington propôs ao de Paris a realização de manobras aéreas conjuntas na região do Chade, com a participação de aviões franceses «Mirage» e «Jaguar», estacionados em vários países da África Central, e de aparelhos norte-americanos equipados com radar do tipo «Awacs», estacionados no Sudão.

Polícia patrulha Gdansk

URSS adverte governo polaco contra
o perigo de «desestabilização»

Enquanto a União Soviética lançava, no sábado, ao fim da tarde, uma advertência ao governo de Varsóvia contra o perigo de nova desestabilização na Polónia, a região de Gdansk começava, no mesmo dia, a ser rigorosamente patrulhada pelas forças da ordem. Ambos os acontecimentos surgem a três dias do termo do prazo do ultimatum do Solidariedade, que ameaça desencadear, a partir de amanhã, greves de zelo, se até lá o poder não retomar as negociações com o sindicato.

Durante uma emissão televisiva, Leonid Zamiatine, chefe da secção de informação do Comité Central do PC Soviético considerou que, face aos últimos acontecimentos na Polónia, o governo do general Järúzelski deverá estar «vigilante».

Embora a «situação geral na Polónia tenha estabilizado substancialmente» um «certo nervosismo» continua a reinar no país, disse Zamiatine, precisando que se deslocou recentemente a Polónia.

Segundo Zamiatine, a situação na Polónia «agravou-se um pouco» desde a visita do Papa (em Junho último) e criticou a este respeito, a «postura agressiva do clero» polaco que «se pronuncia por um conflito com o governo e o Estado socialista e intensificou a sua actividade».

«O Solidariedade enquanto tal não existe, mas os seus vestígios continuam a existir, principalmente devido ao apoio dos centros de diversão ocidentais», afirmou.

Esses «vestígios do Solidariedade preteridem», disse Zamiatine, utilizar o terceiro aniversário dos acontecimentos de Agosto de 1980 em Gdansk (...) para descer, no fim deste mês, às ruas das cidades e mostrar que tem ainda uma certa força».

Segundo o responsável soviético, existe na Polónia «uma

outra categoria» de pessoas «que estão na clandestinidade e travam uma luta contra a Polónia socialista». «Essa camada, prosseguiram, desenvolve a sua actividade entre a inteligência, os estudantes e outros meios e reforçou a sua luta para o prosseguimento do processo de desestabilização que foi imposto do exterior, à Polónia».

Entretanto fontes de Gdansk indicaram que importantes contingentes de milicianos e «zomos» (Unidades Antitumulto) percorrem a região e procedem de forma sistemática a controlos de identidade e a revistas de veículos.

Segundo os testemunhos, os zomos teriam mesmo instalado acampamento nas proximidades da casa alugada para as suas férias, numa pequena cidade do litoral, por Stefan Bratkowski, antigo presidente da Associação de Jornalistas (SPD, hoje dissolvida).

Medidas idênticas foram tomadas há alguns dias, para com Lech Walesa, que na segunda-feira retomou o ultimato lançado ao poder pelos estaleiros Lenine. De ora em diante, cada visitante que se apresente no domicílio do líder operário no bairro de Zaspá em Gdansk é obrigado a revelar o seu nome e endereço a polícias à civil.

Amnistia

839 presos, entre os quais 474 «políticos», foram libertados da prisão desde a adopção, a 22 de Julho último, da lei da amnistia, de que beneficiaram até agora um total de mais de 8500 pessoas, segundo os últimos dados publicados pelo Ministério polaco da Justiça.

Para além das libertações (o número de 839 inclui as pessoas já condenadas e as que estão em instância de julgamento, a amnistia revestiu formas diversas.

Oposição

Benigno
no a

O Exército filipino foi colocado em «máxima prevenção» para evitar perturbações na sequência do assassinato do dirigente da oposição, Benigno Aquino, morto no aeroporto de Manila, ao desembarcar do avião que o trouxe ao país, após três anos de exílio, e levantar suspeitas entre dirigentes da oposição de que o governo de Marcos terá muitas explicações para as circunstâncias do assassinato.

O mais prestigioso dirigente da oposição filipina, Benigno Aquino, de 50 anos, foi ontem assassinado quando descia do avião no aeroporto de Manila, no momento em que regressava ao seu país, após três anos de exílio, anunciou-se de fonte oficial em Manila.

Segundo testemunhas oculares, a Polícia abateu, no meio da maior confusão do assassinio solitário e não identificado daquele político. O atacante estava vestido com o uniforme azul dos funcionários do aeroporto, acrescentaram as mesmas testemunhas.

O presidente filipino Ferdinand Marcos tinha prevenido Benigno Aquino, que vivia nos Estados Unidos, que a sua segurança não poderia ser garantida se regressasse à mãe pátria.

A morte de Aquino foi anunciada tanto por testemunhas oculares, no aeroporto de Manila, assim como por um oficial do hospital militar para onde o corpo foi imediatamente transportado. A morte acabou por ser confirmada pelo chefe da Polícia, general Olivas.

Aquino regressava ao seu país depois de ter feito uma escala em Taiwan. Uma multidão de várias dezenas de milhares de pessoas aguardava o político que anunciara o seu regresso às Filipinas com a intenção de participar nas eleições presidenciais previstas para 1984.

Tinha sido montado um dis-

**ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS**

E OUTROS MÓVEIS
EXECUTAMOS TODOS
MODELOS E MEDIDAS

MÓVEIS JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(junto à Igreja dos Anjos)
Telef. 83 21 61

Noticiário em colaboração com as agências
ANOP, France Presse,
Inter Press Service,
Novosti, Prensa Latina

SENECA T:40092 SENECA T:822776 SENECA

posição pede explicações ao presidente filipino

Benigno Aquino assassinado no aeroporto de Manila

colocado em «estado de emergência» para evitar eventuais confrontos. Benigno Aquino, no aeroporto, foi morto a tiro quando o transportou ao seu exílio, e a sua morte está a dividir a oposição filipina e o Governo do presidente Marcos.

metido a uma operação cardíaca.

Quem mandou matar Aquino?

O corpo de Benigno Aquino foi hoje levado para o seu domicílio, em frente do qual se encontravam várias centenas de pessoas.

Segundo as autoridades foi praticada uma autópsia e o corpo foi entregue à família, vestido com o fato que usava no momento do assassinato. No hospital só foram admitidos os mais próximos parentes da vítima.

Por seu turno, Salvador Laurel, que dirigia a delegação da oposição que fora receber Aquino ao aeroporto, declarou, esta manhã, à «France Press» que o governo do presidente Marcos terá «muitas explicações a dar ao povo filipino sobre as circunstâncias do assassinato».

Esta morte parece-se muito «com uma execução», acrescentou Laurel, presidente da União dos Partidos da Oposição da Organização da União Democrática (UNIDO).

Os dirigentes da UNIDO vão encontrar-se esta tarde para estudar a situação após esta «morte escandalosa», acrescentou Laurel, indicando no entanto que falava em seu nome pessoal.

Por outro lado, os jornalistas americanos e japoneses que seguiam no mesmo avião de Aquino foram obrigados a aguardar que este último tivesse saído do aparelho para poderem sair por seu turno, soube-se também.

No mesmo momento, o acesso à zona de chegada tinha sido proibido aos jornalistas presentes no aeroporto. Estes só conseguiram penetrar na pista quando as forças da ordem já estavam a levar o corpo da vítima para o hospital.

Reacção dos Estados Unidos

As autoridades americanas classificaram hoje de «cobarde

e ignobil» o assassinio, em Manila, do «leader» da oposição filipina, Benigno Aquino.

Um comunicado publicado pelo Departamento de Estado declara que «o assassinio do senador Benigno Aquino é um acto cobarde e ignobil que o governo americano condena nos mais vigorosos termos».

«O governo americano — prossegue o texto — espera que o governo filipino ponha todo o empenho e energia em localizar rapidamente os autores deste assassinio político, levando-os a tribunal e punindo-os nos termos da lei».

Discurso de Aquino

Gandhi, o sacrifício voluntário do inocente é a melhor resposta concebida por Deus e o homem para fazer frente a uma tirania insolente deveria ter declarado, à sua chegada, Benigno Aquino.

O texto desta declaração foi facultado à Imprensa pela sua família, sendo algumas das principais passagens as seguintes: «Não procuro qualquer espécie de confrontação. Aplicarei todos os meus esforços no sentido de uma autêntica reconciliação nacional fundada na justiça».

«Regresso às Filipinas de minha vontade a fim de me integrar nas fileiras dos que combatem para restabelecer os nossos direitos e as nossas liberdades através da não violência».

«Estou preparado para o pior e tomei esta decisão contra os conselhos de minha mãe, meu conselheiro espiritual e o parecer de vários dos meus amigos e de alguns dos meus guias políticos mais competentes».

Benigno Aquino concluiu — «volto do exílio para um futuro incerto apenas com a minha determinação e a minha fé» — fé no nosso povo e em Deus».

Fracassado boicote ao Gasoduto Euro-Siberiano

O levantamento da proibição de venda de equipamentos para a construção do gasoduto Euro-Siberiano, implicou uma derrota para o presidente norte-americano Ronald Reagan e para os «duros» do Pentágono, comentaram ontem observadores.

Por outro lado, referem fontes norte-americanas, esta decisão pôs em evidência que os Estados Unidos não podem colocar entraves aos seus parceiros europeus da NATO, no que respeita a assuntos comerciais com a União Soviética.

A ordem do presidente Reagan, emitida sábado beneficiará em grande parte a poderosa empresa «Caterpillar» produtora de equipamento pesado para os trabalhos de campo em obras de engenharia de grande magnitude, como é o caso do gasoduto, que levará energia dos campos da Sibéria ao mercado europeu ocidental.

A proibição foi imposta em Julho de 1978 pelo presidente James Carter a pretexto da deten-

ção dos dissidentes soviéticos Anatoly Shcharansky e Aleksander Ginzburg, e depois foi mantida por Ronald Reagan.

A pressão de vários países europeus, sobretudo a França e a Grã-Bretanha, também fornecedores dos soviéticos na construção do gasoduto, foi minando a pouco e pouco a dura atitude norte-americana, que se viria a revelar pouco pragmática.

Já em Janeiro passado, a Secretaria norte-americana do Comércio aprova a venda de 200 peças para o gasoduto, avaliadas em 90 milhões de dólares, mas a União Soviética recusou a compra antes de obter o equipamento, pesado requerido para obras.

A secretaria do Comércio, numa tentativa de minimizar a derrota do Pentágono, emitiu um comunicado após o levantamento da proibição das vendas, no qual se afirma que «a venda de peças e equipamentos não têm qualquer significado militar».

O mesmo departamento gover-

namental, assegurou, que a produção de equipamentos para a exploração e exportação de petróleo e gás se manterá sob controlo da política externa.

Os analistas norte-americanos assinalam, que a rígida posição assumida por Carter e seguida por Reagan face à União Soviética se converteu em 1981 e 1982 num «Boomerang» para a diplomacia norte-americana.

Acrescentam que os sócios europeus e o Japão nunca estiveram dispostos a render-se à proibição de carácter político e não comercial, para evitarem o enfraquecimento das suas possibilidades comerciais como a União Soviética.

O Pentágono recusou-se a fazer qualquer comentário ao levantamento da proibição e foram vãos os esforços da Imprensa para conseguir uma declaração de Caspar Weinberger, opositor acérrimo ao levantamento das sanções comerciais à União Soviética.

Em reunião no Rio de Janeiro

Internacional Socialista condena política de Reagan para a América Central

O comité da Internacional Socialista (IS) para a América Latina e Caraíbas aprovou ontem, no Rio de Janeiro, no termo de três dias de debates, uma moção que condena firmemente a política americana na América Central.

Segundo esse documento, lido aos 50 delegados de 17 partidos socialistas membros da Internacional e aos representantes de 13 outros partidos políticos, a Nicarágua «encontra-se sob a ameaça duma intolerável invasão abertamente dirigida pelo governo republicano de Ronald Reagan».

«A tentativa de invasão (da Nicarágua) por mercenários somozistas vindos das Honduras foi repelida» e, prossegue a resolução, «a esquadra americana, responsável por tantas intervenções nas

Caraíbas, volta a utilizar essas águas como campo de manobras que representam um bloqueio de facto e uma ameaça real de invasão da Nicarágua».

O documento considera ainda que é com o mesmo objectivo que «são utilizadas as bases americanas no Panamá, o que viola o tratado de Torrijos-Carter (1977) e que ameaça a segurança do país».

Satisfeito com as propostas de paz avançadas por Manágua, o comité da IS afirma que as iniciativas do Grupo de Contadora, (México, Colômbia, Panamá e Venezuela), «que visam opor-se a uma intervenção na América Central devem também estender-se ao Salvador, onde está a ser levado

a cabo, abertamente, um genocídio contra a população civil desarmada».

A resolução, que passa em revista o conjunto das situações políticas na América Latina, saúde, nomeadamente, o triunfo das forças populares bolivianas no estabelecimento da democracia e considera que o processo eleitoral em curso na Argentina foi imposto pela luta do povo argentino e pelo fracasso do poder militar vigente em Buenos Aires.

O documento também envia uma saudação à luta do povo chileno que se depara com «a mais cruel e odiosa das ditaduras», assim como à ofensiva pela liberdade no Uruguai que mina o poder autoritário.

Dirigente da OLP assassinado em Atenas

Milícias druzas e forças sírias bombardeiam Beirute

Milícias druzas e forças sírias bombardearam hoje Beirute, na sequência de combates que ontem à noite eclodiram entre as milícias cristãs e druzas na região montanhosa de Aley. Os bombardeamentos, feitos com «rockets», provocaram, pelo menos, quatro mortos e vários feridos. Entretanto, nos últimos dias, os Serviços Secretos Israelitas assassinaram o responsável palestino Maamoun Sghaier, colaborador directo de Abou Jihad, comandante-chefe adjunto das forças palestinas e número dois da Fatah.

A notícia do atentado foi divulgada, em Atenas, pelo representante diplomático da Organização de Libertação da Palestina (OLP), na capital grega. Pouco depois, em Trípoli (Líbano), um comunicado daquela organização acusava os Serviços de Informação israelitas como sendo os responsáveis pelo assassinio do dirigente palestino.

te palestino.

O atentado teve lugar em Phalere, arrabalde do sul de Atenas, onde dois desconhecidos, numa motocicleta com «side-car», dispararam vários tiros contra o automóvel da Maamoun Sghaier, com matrícula de Zurique. O responsável palestino foi morto e o motorista ficou gravemente ferido, tendo sido levado para o hospital de Voula (Sudeste de Atenas) onde pediu à polícia grega que chamassem o representante da OLP em Atenas, Shawki Armali.

Este último, ao sair do hospital, disse que o assassinio devia ser obra de agentes israelitas e rejeitou totalmente a eventualidade do movimento de «reestruturação no seio da Fatha» ser responsável pelo atentado.

McFarlane no Cairo

Robert McFarlane, enviado es-

pecial de Reagan ao Médio Oriente, depois duma entrevista com o chefe do Estado egípcio, Hosni Mubarak, declarou, no domingo, que «está fora de questão uma partilha do Líbano».

Interrogado pela Imprensa acerca da recusa de Israel de anunciar uma calendário concreto para a retirada das suas tropas no Líbano, após a decisão de operar um recuo parcial para o rio Awai, McFarlane afirmou: «É um começo e não um fim. Está fora da questão, uma partilha do Líbano».

Por seu lado, o presidente Hosni Mubarak diria que «o Egipto prefere que Israel se retire totalmente e com prioridade do Líbano». O chefe de Estado egípcio acrescentou que está convencido de que, após a retirada de Israel, a Síria examinará, pelo seu lado, o processo de evacuação das suas tropas do Líbano.

Reacende-se o conflito no Estado de Assam

Os nacionalistas do estado do Assam (Nordeste da Índia) recomenciam a partir de hoje um movimento de agitação para a expulsão de cinco milhões de emigrantes oriundos dos estados vizinhos do Bangladesh, do Nepal e do Bengala Ocidental.

Situado no vale do Bramaputra, no Nordeste da Índia, o Assam conta 15 milhões de habitantes, a maioria dos quais de origem tibeto-birmanesa.

A Associação dos Estudantes do Assam (AASU) e o Foro Assamese (AAGSP), decidiram

proibir qualquer movimento dos eleitos locais e dos quadros administrativos, a partir de hoje, bloqueando as estradas e as pistas, anunciou um comunicado dessas duas associações, publicado em Gauhati, capital do Assam.

Vencedor Champion está de parabéns!

A mais avançada tecnologia em velas, a Champion, organizou um concurso junto dos seus distribuidores oficiais, em todo o País.



José Figueiredo, Chefe de Vendas — Agente, em representação do vencedor, sr. Aurélio Oliveira Silva, da Firma «Agência de Comércio Agro-Industrial, Lda.», de Beja, no momento em que recebia o televisor a cores.

Esta cerimónia teve lugar nas instalações da Firma «C. Santos, Comércio e Indústria, Lda.», em Lisboa, na presença de Fernando Jacques, Chefe de Vendas Nacional, Januário Pena Miranda, Chefe do Departamento

de Compras, Guilherme Silva, Chefe de Vendas da Loja de Peças e Acessórios, onde teve lugar a entrega do prémio e J. Plum, Director de Marketing da Champion.

Lx., 29/7/83

UGT também discorda das medidas para Setenave e Gelmar

A UGT considerou que as medidas anunciadas pelo Conselho de Ministros para a Setenave e Gelmar põem em causa a celebração de um acordo social alargado entre empresários, sindicatos e Governo.

Em comunicado a UGT acrescenta que essas medidas «quando comparadas com a política salarial que o Governo tem imposto na negociação colectiva, são altamente penalizadoras para a classe trabalhadora».

Comparando o aumento de preços com os aumentos de salários, a organização sindical conclui que a degradação do poder de compra se situa aproximadamente em 10 por cento, o que considera «verdadeiramente inaceitável e insustentável para quem trabalha».

Refere que o Governo, ao adiar a negociação global das questões económicas e sociais e ao continuar a tomar medidas em avulso, mas gravosas para a classe trabalhadora, não está a contribuir para o clima de conciliação e equidade necessários à superação da crise em democracia.

A UGT afirma o seu acordo quanto à decisão do Conselho de Ministros de apoiar financeiramente a construção na Setenave, de três graneleiros para a Companhia Nacional de Pêscas.

Quanto às medidas tendentes à viabilização futura da Setenave e da Gelmar, a UGT exige do Governo uma actuação transparente através de um processo amplamente discutido e negociado com as estruturas representativas dos trabalhadores das empresas e com a participação da UGT em plano de igualdade em todas as fases do processo negocial.

Congresso da USP

A União dos Sindicatos do Porto (USP-CGTP/IN) anunciou a realização do seu primeiro congresso para os dias 22 e 23 de Outubro, em local ainda a designar.

Da ordem de trabalhos divulgada consta a aprovação do regulamento do funcionamento do congresso, a discussão e aprovação das alterações aos estatutos e do relatório eleitoral, a apreciação do relatório de actividade apresentado pelo Secretariado e discussão e aprovação do programa de acção para o triénio de 1983/85, bem como a eleição dos órgãos dirigentes da USP para o mesmo período.

Aumentos nos CTT são de 20 por cento

Os sindicatos representativos dos trabalhadores dos CTT chegaram a acordo com a administração da empresa, ao princípio da madrugada de ontem, sobre os aumentos salariais, segundo informa uma fonte sindical.

O aumento da tabela salarial cifra-se em 20 por cento, as diuturnidades passam a 1070 escudos, o subsídio de refeição a 240, o de pequeno-almoço 60, o de condução 70, infantil 2400 e de amas 1450 escudos.

Foi também acordado alterar o regulamento de obras sociais

existente na empresa, no sentido de uma maior participação por parte desta.

O acordo, que tem a vigência de um ano, a partir de 1 de Setembro, modificou também o clausulado no que respeita às promoções, anulando a «avaliação de desempenho».

A restante matéria do acordo de empresa dos CTT deverá continuar a ser negociada até 15 de Setembro.

De acordo com um comunicado das organizações sindicais envolvidas no processo de negociação, foi eliminada a

avaliação de desempenho, sendo substituída por quatro anos de promoções automáticas.

O documento diz que foi ainda acordada a continuação da negociação do clausulado geral até 15 de Setembro e uma verba de 37 mil contos para aplicar em promoções antecipadas nos níveis que têm quatro anos para promoção.

O acordo conseguido nos CTT, segundo as organizações sindicais, é «o resultado inequívoco da luta que duramente travámos».

Situação das empresas comerciais está cada vez mais degradada

— afirma a Federação do sector

A situação social em algumas importantes empresas do sector do comércio e serviços «não pára de se degradar», afirma a respectiva federação sindical, acrescentando que mais de 1.200 trabalhadores ainda não receberam o salário de Julho e destes, 700 também ainda não receberam o subsídio de férias, 270 aguardam desde Janeiro um subsídio para complementar o salário mínimo nacional, 60 são despedidos e, além destes, 1900 trabalhadores lutam pela negociação da revisão do seu acordo de empresa, desde Novembro de 1982.

O comunicado emitido pela Federação dos Sindicatos do Comércio e Serviços revela que na Gelmar, empresa nacionalizada, 700 trabalhadores estão paralisados desde Março, por falta de matéria-prima e dos meios para a adquirir, em consequência da ruinosa gestão dos últimos três anos e que prossegue indefinidamente.

Os trabalhadores têm reclamado, junto das instâncias governamentais medidas de saneamento financeiro e de gestão, a primeira das quais é o afastamento da actual comissão administrativa, responsável pela situação em que se encontra a empresa. Medidas que têm sido sucessivamente proteladas, encontrando-se os trabalhadores sem receber o subsídio de férias e o salário de Julho.

Na Livraria Bertrand, empresa privada, com mais de 500M trabalhadores ao serviço, que por via dum gestão incompetente e da declarada intenção do principal accionista Manuel Bulhosa,

de a desmembrar foi conduzida à ruína, tendo desde 1977, reduzido em mais de 600 o número de postos de trabalho.

Com o implícito apoio do Governo, está em fase de consumação o processo de desmembramento da empresa com a venda do património (instalações da Venda Nova e Damia) sem que aos trabalhadores tivesse sido pago o salário de Julho e existindo a ameaça de despedimento colectivo.

Na Nutripol, empresa inter-nacionalizada, 270 trabalhadores lutam desde Janeiro, pela concessão de um subsídio que complete o ordenado que é inferior ao salário mínimo nacional.

O subsídio ainda não foi concedido, sendo disso responsáveis a anterior e actual secretaria de Estado do Comércio, da qual a empresa depende. Entretanto, novas ameaças pairam sobre a empresa, isto é se o Governo não regularizar rapidamente a actual situação transitória até à resolução definitiva a tomar até 30 de Novembro, segundo anunciou o próprio secretário de Estado do Comércio Interno.

Na Gilica, empresa privada, 60 trabalhadores da delegação do Porto foram despedidos, por declaração de falência, o que já aconteceu anteriormente aos 15 a 20 trabalhadores do Casal do Marco, no Seixal.

Na EPAC, empresa pública de abastecimento de cereais, 1900 trabalhadores, desde Novembro de 1982 lutam contra o arrastamento das negociações da revisão do A.E..

Tendo no passado dia 20 de Julho acordada a revisão da ma-

téria de expressão pecuniária, ao cabo de oito meses de negociação, persiste ainda um diferendo. Devido à intransigência do conselho de gerência (vinculado à orientação do secretário de Estado da Alimentação, um dos dois secretários de estado tutela) em pretender que o pagamento dos valores negociados com efeitos a 1 de Novembro de 1982, dependa do depósito e publicação do texto final, numa «ardilosa manobra que mais não visa que prejudicar a próxima revisão do A.E.», a desencadear no próximo dia 1 de Setembro.

Este conjunto de empresas — refere o comunicado — espelha de forma eloquente a situação dramática de milhares de trabalhadores e suas famílias, comprovando mais uma vez que o actual Governo não resolve os problemas concretos dos trabalhadores, procurando antes o diálogo — para ganhar tempo e para tomar medidas profundamente lesivas dos interesses dos trabalhadores e das camadas de mais baixos rendimentos. Se não — acrescenta — vejamos «os brutais aumentos dos preços, medite-se nas sucessivas ameaças que se propõe concretizar com o projecto de lei da suspensão dos contratos de trabalho — lei dos despedimentos sem justa causa».

A Federação termina afirmando que os trabalhadores, que «exigem soluções simples e imediatas para os seus problemas», irão «seguramente defender até às ultimas consequências o direito ao trabalho e ao salário justo, constitucionalmente garantido».

CNS da Função Pública vai analisar propostas a apresentar ao Governo

Reúne-se esta tarde a comissão negociadora sindical (CNS) da Frente Comum da Função Pública, estrutura que engloba as 28 organizações sindicais representativas dos trabalhadores da Administração Pública.

Na agenda de trabalhos figura a apreciação do significado «do facto de o Governo continuar a não responder a um pedido de reunião de trabalho feito em 21 de Junho pp, ao mesmo tempo que é anunciado um conjunto de medidas com profundas implicações

na situação dos trabalhadores do sector».

A CNS da Frente Comum, que se reúne na sede do Sindicato dos Trabalhadores da CML, vai igualmente debruçar-se sobre a concretização de um conjunto de propostas a apresentar ao Governo, nomeadamente quanto à regulamentação do direito à negociação colectiva e nos domínios salarial, das carreiras, da estabilidade e segurança no emprego, da duração de trabalho e de férias e licenças.

Portugal nas Olimpíadas do trabalho

O nosso país está representado, com 18 concorrentes, no 27.º Concurso Internacional de Formação Profissional, também designado por «Olimpíadas do Trabalho», que desde sábado decorre na cidade de Lins, na Austria.

A competição, que se prolonga até ao próximo dia 29, conta com a participação de numerosos países, nomeadamente a França, Estados Unidos, Japão e Austrália, num total de 38 concorrentes.

A equipa portuguesa compete nas especialidades de ajusta-

gem, desenho de máquinas, torneamentos, fresagem, caldeiraria, soldadura eléctrica, bate-chapas, serralharia civil, electricidade de baixa tensão, electromecânica, pedreiros, estuques, marcenaria, carpintaria, cabeleireiro de senhoras, modistas, mecânica-auto e cozinha.

A selecção dos concorrentes foi feita com provas regionais efectuadas em Lisboa, Porto, Leiria, Faro, entre outras cidades e nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores, tendo os primeiros classificados sido sujeitos a um concurso nacional.

ORT's do pessoal do STCP são recebidos amanhã pelo secretário dos Transportes

Os representantes dos trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) vão ser recebidos amanhã, em Lisboa, pelo secretário de Estado dos Transportes, a quem transmitirão os resultados de um plenário realizado há dias e, no caso de as negociações não serem coroadas de êxito, estão dispostos a endurecer as formas de luta e recorrer à greve.

No plenário, que oportunamente noticiámos, foi aprovada uma moção em que os trabalhadores manifestaram ao conselho de gerência e ao Governo o seu desagrado pela «forma discriminatória como são tratados em re-

lação aos seus colegas» da Carris de Lisboa.

Através desse documento, os trabalhadores decidiram mandar os sindicatos para à mesa das negociações «continuarem a defender as suas propostas de aproximação às outras empresas do sector, decretando novas formas de luta se necessário for».

Noutro passo, a moção refere que «é com mágoa que dizemos que apesar de decorridos nove anos depois do 25 de Abril, continua a existir uma mentalidade macrocéfala onde tudo é Lisboa e o resto do País só serve para pagar impostos».



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 28 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/4344, arquivo 688, para o estabelecimento na freguesia de S. Lourenço e concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 15 KV, RA15-34-14 DSSTB (Painel das Almas, STB - 218) com 1.160 m, do apoio n.º 63 da Linha LI15 - 34 S. Sebastião - Azetão ao P.T. n.º STB-218 em Painel das Almas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 3 de Agosto de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 28 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/2198, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Vaqueiros e concelho de Alcoutim, de uma linha aérea a 15 KV, 15-18-14-17 Travassosa e Fortim, com 98 m do apoio n.º 13 da linha para Madeiras ao P.T. de Travassosa e Fortim.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 2 de Agosto de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



concurso



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal

Lic. TV N.º _____

DESPORTO



Golo de Carlos Manuel dá «Taça» ao Benfica

Porto derrotado na final da «Taça-83»: 1-0

Tribunal das Antas absolve o Benfica

Não, amigos, não foi o bonito espectáculo que as vedetas do luso futebol, cimentadas nas Antas e na Luz, podem (devem) oferecer no seu palco, quando em forma apurada e por aquele carregado preço por cabeça de circunstância. Nesse aspecto (realmente) quase houve períodos de tédio, bocejo, abstracção da plateia, que só espreitava de cada vez que Jacques ia perdendo oportunidades de baliza rasgada, nas sensacionais intervenções do melhor guarda-redes do nosso jogo-rei (o senhor Manuel Galrito Bento) e, claro, obviamente, no tremendo disparo de Carlos Manuel que, tal como acontecera no portimonense, quando a águia embolsou (mesmo) o título, parecia pólvora até anichar-se nas malhas mas, então como no parque azul-branco, recebeu o tático e venerando acordo de uma dupla de centrais sem reflexos prontos e de um guarda-redes (quem sabe se) desatento ou batido pelo inesperado do disparo.

Aconteceu que um mundo de marginalidades colocaram a final da «Taça» como cartão de visita da temporada nova, em lugar de corolário brilhante da época que já lá vai. Houve (como se recordam) revelações tristes de personalidades e conceitos que ficam inscritos durante muitos anos na lembrança crítica dos que funcionaram por fora do fenómeno mas nem por isso menos dissociados da sua realidade. E surgiu todo aquele vai-não-vai, que (felizmente) acabou por ter bom senso: prevaleceu o prestígio das colectividades e dos seus pergaminhos, restituiu-se ao futebol uma pequena fatia da credibilidade tão abalada por loucas decisões: mas, isso apenas à custa do esforço e do profissionalismo dos jogadores, porque fora das quatro linhas houve muito boa gente que ficou atolada em lama.

E isso: no futebol, a face mais honesta e mais leal é dada pelos praticantes. Que, ontem como sempre, fizeram o melhor que estava ao seu presente alcance: o Benfica, aproveitando soberanamente os erros contrários, colocando muito especialmente nos pratos da balança a sua larguíssima experiência, o seu traquejo bem longo, o (Porto, desejoso de cintilar perante um areópago que estava preparado para festim, mostrando que, aproveitar algumas das «chances» de que usufruiu, submeteria os lisboetas (pelo menos) a um prolongamento de luta. Porém, isso não teria representado um golpe anti-razão dado a Bento, o sublime nas Antas?

É que, queira-se ou não escapar dessa verdade, o Benfica andou um período à deriva, acusando imenso a falta de um patrão como Humberto Coelho mais de uma gazuia como é o pequeno genial, Chalana de seu nome. Todavia, foi aí que Bento saltou a muralha da entrega, da renúncia, do conformismo: o seu exemplo, defendendo tudo o que era travável mais o que poderia ser fatal, impulsionou os colegas para um bom tom, com a força de Stromberg e a velocidade de gamo de José Luís, a argúcia de

Nené mais o talento de Carlos Manuel a imperarem e a ditarem a lei do mais apto.

Ou do mais tocado pela sorte, acrescenta-se, porque Jacques poderia ter entrado na história se aproveitasse com serenidade os momentos em que a bola estava ali mesmo ao alcance do pé (e, zombando com as malhas, acabava por escapular-se aos cálculos do atirador portista) tal como é imperioso que se foque a falta de apoio a Frasco com todo o tempo que teve gás nos pulmões, mais o zero quase absoluto de Rudolfo, especialmente se compararmos com o brilho espectacular de Jaime Pacheco e João Pinto, o jovem guarda que transporta bandeira e pede passagem num Porto que tem pontos fracos (corredor central da defensiva, especialmente) mas que parece agora, na contratação dos salgueiristas Barradas e Mariano, apto a resolver problemas como o de ontem, que resultam num balde de água fria quando a espinha estava fervendo a muitos graus centígrados.

De manhã, tínhamos estado com José Maria Pedroto e com o coronel Aventino Teixeira, o técnico e um amigo das hostes portistas, cada qual confiante em que a turma das Antas, se conseguisse não ficar submersa perante qualquer rápido voo de água, lograria o seu desiderato, atingiria o fito: oferecer à massa associativa a alegria que o comportamento dos ciclistas na «Volta» não concedera. Pedroto, porém, já está virado para o futuro: os homens que (inesperadamente) trocam Paranhos pelas Antas vão dar ao Porto a consistência que ontem não revelou em sector-base.

E, vale a pena contar como foi. Octávio, diz-se que recomendado por conselho de Pedroto para a chefia técnica salgueirista, abordou o mestre pedindo a transferência de Penteado para as hostes rubras: Pedroto estava estudando a questão quando, na passada 4.ª-feira, o atirador azul-branco se escusou a participar num jogo de re-

servas (que o acoorrentaria à entidade patronal) alegando encontrar-se «psicologicamente mal, por não ter dormido bem nos últimos dias». Na manhã seguinte, já não compareceu na oficina, deixou o treino para os colegas e apareceu ao volante de carro novo. Pedroto não perdeu tempo a meditar: de uma assentada, em meia-dúzia de horas, retalhou o Salgueiros, amputando-o de um dos melhores defesas centrais do novo futebol (Mariano) mais de um guarda-redes esperança grande (Barradas) e de Constantino, o dianteiro que é irmão do irrequieto Frasco. Provado, provadíssimo: a quem lhas faz, Pedroto não perdoa. Tarde ou logo. E não faz pior, mais bombasticamente do que agoga,



Mariano e Barradas: novos nas Antas

porque aqui há pouco não admitia a ideia de aceitar a oferta de três vedetas de um grande da capital que, por carta, ofereciam os préstimos imediatos ao bloco do parque portista.

Benm, falemos antes do jogo de ontem: uma primeira parte em que o Porto dispôs de lances para golo mas o Benfica, apanhando-se na mó de cima, defendendo avaramente a vantagem, em fato de campeonato,

irmãos de ganga, banhados em suor, que isto de futebol (como tudo na vida) é um amálgama de 90 por cento de transpiração e os dez restantes de inspiração. E, foi aí, nessa capacidade de sofrer e lutar, que o «team» de Eriksson suportou até a inexplicável entrada de Padinha, quando o mais elementar juízo da multidão se encaminhava para a chamada a Diamantino, já que o garoto que mareceu preferência estava como que em renovado baptismo de fogo depois de uma longa ausência do aplauso. Todavia, está provado que o técnico sueco é um filho querido da vitória: oxalá que, como a Massena, não lhe apareça pela frente um comandante português a obrigar ao baixar de estandarte.

Terminemos: vem aí o campeonato, ontem era ainda da lenda antiga. O bis benfiquista está permanentemente explicado pela personalidade dos integrantes do «onze» que faz banquetes para o «terceiro anel»: campeonato e «Taça» para os galgos europeus amplamente aceite pelo tribunal das Antas que, sem aborrecimentos ou raivas viu o mais tocado pela sorte subir ao trono. Melhor: nele morar até o calendário ditar a inexorável lei da rendição.

Neves de Sousa

Com arbitragem (excessivamente cautelosa e nem sempre exacta) de Mário Luís, que viajou de Santarém acompanhado pelos fiscais Agnelo Alexandre e dr. Eduardo Agostinho, alinharam: Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio (Walsh na 2.ª parte); Jaime Magalhães (Rodolfo no 2.º período), Frasco, Jaime Pacheco e Sousa; Jacques e Gomes. Suplentes não utilizados: Amaral, Eduardo Luís e Costa. Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes I, Oliveira e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Stromberg (Shéu, aos 86 minutos) e Velloso; Nené e Filipovic (Padinha, 57). Suplentes: Delgado, Carlos Pereira e Diamantino. Golo por Carlos Manuel, aos 20 minutos (Zé Beto especado) e cartão amarelo a Gomes por protestar (com toda a razão) face ao árbitro não ter assinalado um «canto» concedido por Bento.

Carlos Manuel: 'não sei quem é Rodolfo'

Acabara o jogo agastado pelo facto de ter sofrido na carne os efeitos de um certo nervosismo adversário, Carlos Manuel (autor do golo que deu a vitória ao Benfica), afirmou para quem o quis ouvir:

— Ganhámos nas Antas e ganhámos bem: fomos superiores ao Porto em todos os aspectos e deixámos bem vincado que somos alheios ao ambiente.

A propósito do «incidente» com Rodolfo, que entrara a substituir Inácio:

— Rodolfo? Não sei quem é. Ou melhor ignoro essa pessoa e só tenho pena que seja um colega de profissão.

Nené: «parabéns ao público do Porto»

Nené o capitão encarnado que tinha a seu lado a taça conquistada momentos antes, afirmou:

— Gostaria de endereçar os meus parabéns ao público do Porto pela forma como se comportou, iludindo assim a expectativa daqueles que desejavam um «massacre». Se houve culpados do que se passou, não fomos nós, nem os jogadores do Porto. Em meu entender, as culpas deverão ser dirigidas aos actuais dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol que não souberam respeitar um compromisso assumido pelos seus antecessores.

Sobre o jogo:

— O empate já nos servia, pelo menos para justificar uma finalíssima noutra campo. No entanto, vimos que podíamos arriscar e, a partir daí, obtivemos um golo que nos deu confiança para o resto do encontro.

Eriksson: satisfação

Visivelmente satisfeito pelo êxito alcançado Eriksson declarou:

— O FC Porto teve a bola mais tempo em seu poder e criou algumas oportunidades de golo. É natural, pois jogava no seu ambiente e além disso, o Benfica, tem já uma carga de jogos bastante considerável neste início de época. Por isso, tivemos de jogar de acordo com as nossas conveniências. Reconheço que não jogámos bem, mas o nosso objectivo (a vitória) foi alcançado.

Sobre a escolha do recinto, o técnico benfiquista diria:

— No caso de duas equipas como o FC Porto e o Benfica o recinto do jogo pouco interessa: são equipas habituadas a jogar em qualquer lado e que actuam sempre para vencer.

Pedroto: «bolas para o quintal»

Como sempre acontec após os jogos que se disputam nas Antas, José Maria Pedroto (técnico do F. C. do Porto) deu conferência de imprensa no final e disse:

— Assistiu-se a uma verdadeira festa do futebol, em que houve correcção e lealdade de parte a parte, pelo que não existiram verdadeiros casos do jogo. Aproveito para felicitar o Benfica pela forma como actuou, embora reconheça que foi feliz. Os jogadores do Porto tinham sobre si uma grande carga psicológica e, por isso, deixaram-se cair por excesso de nervos.

Sem necessitar que lhe fizessem qualquer pergunta, Pedroto acrescentou:

— O Benfica obteve um golo relativamente cedo (um bom golo em qualquer parte do Mundo) que funcionou como tónico para o resto da partida. Depois, foi o que toda a gente viu: o recurso a paragens, simulação de lesões e o atirar de bolas para o quintal. Em circunstâncias normais este Benfica está perfeitamente ao alcance do Porto. Por circunstâncias normais deve enten-



Cartão ictérica para o «capitão» Gomes

der-se ausência de nervos e da tal carga psicológica.

A finalizar:

— Só tenho a lamentar que o Benfica tenha mais uma vez utilizado o seu poderio para não jogar na data inicialmente marcada, porque sabia que estava em má forma.

Zé Beto:

«Vi a bola tarde»

Apontado a dedo como o principal responsável pela derrota portista, o guardião Zé Beto que, para muitos, terá sido mal batido, era um jogador tranquilo:

— Quando vi a bola já era tarde. O remate de Carlos Manuel partiu numa altura em que estava tapado e, por isso, é que fui batido. Para além do mais, quero ainda acrescentar (e penso que muita gente terá visto) o esférico fez uma trajectória esquisita, talvez devido ao vento que estava a favor do Benfica. Não me sinto, de maneira nenhuma, responsável pelo golo.

Gomes: «Não merecíamos perder»

O «bota de ouro» da época passada, Fernando Gomes:

— Muito embora reconheça que não rendemos aquilo que está ao nosso alcance, julgo que não merecíamos perder. Dispussemos de oportunidades de sobra para resolver a questão a nosso favor, mas os nervos (por um lado) e a falta de sorte (pelo outro) acabaram por ditar a nossa derrota.

Sobre o cartão amarelo que lhe foi mostrado, Gomes escusou-se a tecer qualquer comentário.

Hino tocou

Em representação do Chefe do Estado, esteve presente nas Antas o almirante Silva Horta que, na companhia de Miranda Calha (secretário de Estado dos Desportos) e dos dirigentes fe-

DESPORTO

“Volta”: Chagas implanta um marco

Pronto: caiu o pano. Apaixonou durante duas semanas as gentes desportivas deste País, mas (hoje) cede o passo a outros espectáculos, novos intérpretes, vergada à imutável lei do esquecimento, calçada pela força da necessidade de (sempre) ser obrigatório ir criando novas emoções em busca do interesse a renovar de cada plateia. Porém, não fiquem dúvidas: esta Volta teve muito que se dissesse, especialmente pela polémica que veio avivar em torno de um ciclismo que, perante a consciência julgadora mais benévola, é um «sohw» onde a falsidade vive paredes meias com a razão e a verdade.

Todavia (e isso importará fundamentalmente) tiremos o chapéu ao seu melhor intérprete, aconteça o que suceder ainda, até à última pinguinha desse tal controlo anti-«doping» que sempre vai fazendo prolongar a Volta por uns diasitos dilatados. E, reverenciando em Marco Chagas todos os ciclistas que concluíram a prova ou (como Adelino Teixeira e Alberto Leal) foram dela afastados por imponderáveis do destino, saudemos o esforço e a alegria com que 60 homens atingiram a meta em Matosinhos, ultrapassando diariamente barreiras sem conta, aqui e além vindo esprirear a face insidiosa de uma traição à coragem e ao brio.

Marco Chagas (não fora aquele controlo que deu o prémio a Joaquim de Sousa Santos) estaria hoje a caminho de igualar a fama de Agostinho e Barbosa, como ganhador: assim, vai confiando e esperando. Marido de Maria do Rosário, com uma filha (Isabel Alexandra, 4 anos), 27 anos a baterem à porta (nasceu a 19 de Novembro), Marco Chagas não mente, não assume a capa falsa que corre sobre vários rostos: ele é (mesmo) profissional do ciclismo, afinal como



Benjamin Carvalho: duas vitórias a fechar a «Volta»

larguíssima fatia dos melhores praticantes de velocipédia neste País à beira-mar plantado. Certo que, do seu (bom) ordenado e do (largo) montante de prémios acumulado ao longo da temporada, cada atleta do pedal tem de soltar dezenas de contos para o material, pois este desporto ciclista é o único que exige ao praticante aparecer no emprego com a máquina de escrever do dactilógrafo, a bandeja e os copos do empregado de mesa. É um desporto-espectáculo «sui generis», que tão depressa coloca a vedeta no lume da efêmera glória como logo o faz despenhar pela Rocha Tarpeia, bastando muitas vezes um golpe

e, a propósito do que foi esta Volta que entra na história, recordemos a falta de existência de extraterrestres e, assim, os êxitos bonitos de Marco Chagas e da formação da Rodovil, o rapaz de Pontevel a não deixar nem um céptico do seu valor e o bloco dirigido por Venceslau Fernandes a representar, sem qualquer deformação, o espírito indómito do seu líder.

Foi uma Volta em que tudo acontecia: a contestação de várias associações ao prolongamento de Mário Ferreira como presidente federativo (Lisboa por Henrique de Castro, Américo Santiago com as cores de Aveiro, José Veigas

montano, o centro litoral, Lisboa e a própria cidade do Porto. Mas, lado a lado com a vontade de cumprir, os tremendos choques entre o secretário-geral da organização (Jorge Lara), o presidente federativo e a direcção da corrida (muito bem encabeçada pelo nosso colega de profissão Serafim Ferreira) a colocarem, permanentemente, um tom que poderá ter aferido em grau baixo a apreciação da multidão pelo ciclismo, já que foram visíveis, mesmo retinas desarmadas, as colisões frontais que amude semearam o caminho até à meta final da prova, com Jorge Lara de lança em riste, por vezes a perder a sua quota de razão por razões que a razão desconhece. Ou se recusa a aflorar.

Houve também, aquele desaguado portista, rubricado às escâncaras por António Fernandes e Belmiro Silva, cada qual dando o sinal vivo daquele arremedo de equipa nada poder fazer em termos de prolongar a enorme glória azul-branca no ciclismo: Emídio Pinto terá (certamente) uma palavra crítica a fornecer à entidade patronal, tal como Mário Miranda a proporcionar à Coelima, factos suficientes para a explicação da dupla cena de pugilato entre José Camilo e José Reis na viagem para Oliveira do Bairro. Enfim: a

Naves de Sousa

nosso enviado especial



45.ª VOLTA A PORTUGAL

de infortúnio, uma corrente que se solta, um desfalecimento mais forte, um cão ou um carro que surgem na curva da estrada. Veja-se o que sucedeu a Joaquim Pinto, aquele moço do Gulpilhares que ostentava título de campeão nacional e, no Zimbabwe, bateu à porta do fim. Durante algumas semanas ainda se irá recordar que um dos cinco filhos de Manuel Pinto e de D. Lídia da Silva acabou entre as quatro paredes de um hospital, um Bulavaio. Há oito anos foi um irmão que morreu, em acidente de viação com uma motorizada: agora foi Joaquim Pinto, oito anos de ciclista, quem cortou inesperadamente o risco negro. Nascido em S. João de Ver (Novembro de 1964) vencera duas das quatro etapas da recente Volta a Gaia, triunfara na Venezuela na «Corrida da Independência», estava como comandante na prova que o colocou à morte. Dele pouco mais se falará, como também agora muito velozmente se esqueceu a memória de Idalino de Freitas, recordado (quem sabe se apenas) por António Campos, que foi outro dedicado dirigente do ciclismo e, em palavras repassadas de emoção, se associou às breves linhas com que este escriba lembrou uma figura grada do ciclismo que, como Ribeiro da Silva ou Paula Martins, dedicaram muitas horas para que a festa do pedal subsistisse, mercê de feitos arrebatadores das multidões ou tão somente lutando entre bastidores pela continuidade de um desporto quotidianamente vilipendiado.

Contudo, viremos a página

Famos representando Faro e o «comandante-geral» António Domingos funcionando também como porta-voz bracerense) colocando em séria equa-

Ciclismo: como vais?

Depois do duplo êxito de Benjamin Carvalho nas etapas que encerraram a Volta, aí temos Marco Chagas no topo, a menos que um golpe semelhante ao de 1979 retire o prémio para o ofertar a outro galopante da estrada. Mas, que ciclismo é este que permite aos três veteranos do pedal (Venceslau, Andrade e Firmino) concluírem o caseiro «tour» firmados no normalmente bem escolhido «clubes dos dez»? Porque motivo se bateram todos os máximos, com as nove equipas iniciais a concluírem o teste e 60 estradistas a repousarem na meta final? Que modalidade faz transparecer, mesmo a olhos de leigos, tanta cobiça por um lugar de chefia?

Para estas e outras interrogações tentaremos levantar já hoje uma ponta do véu que encobre os bastidores da mais apaixonante prova desportiva que é servida gratuitamente à porta do cliente.

ção o sinal futuro do ciclismo português. A empresa do nosso prezado colega «Jornal de Notícias» a aplicar-se, com todo o esmero, na realização de uma prova que custou vinte mil contos e para a qual houve autarquias compreensíveis (um exemplo está em Évora: chegada que importou em 250 contos) e outras completamente dissociadas, baseando-se nisso (e muito) aquelas perniciosas neutralizações de percurso ou os esquecimentos deliberados que deixaram fora do palco todo o nordeste trans-

indisciplina à solta numa modalidade desportiva que é o espelho (perfeito e sem deformações) do estado de espírito de boa quota deste país.

Joaquim de Sousa Santos, o nosso doutor conimbricense, colocou o dedo na ferida: por cá, tudo o que se considere técnico de ciclismo ou director-técnico é um remendo em manta esburacada. Não há cursos de base, reciclagens ou estudos: cada qual toca o que sabe e a mais não é obrigado. E surgem (desse

modo) os curiosos imperando num espectáculo que é encenado com o rodeio de milhares de contos. Que não fornece ao praticante regalias sociais nem segurança futura, porque as equipas aparecem e desaparecem como o pó nos ares. Onde o amadorismo só é desmentido pelos corajosos ou pelos sinceros, Agostinho e Acácio Silva dando lá por fora um exemplo que nesta terra é perilhado por certos símbolos apenas ao dia 30 de cada mês.

Estamos numa temporada ciclista que compreendeu montes de provas quase sempre com a presença dos mesmos intérpretes, o que lhes forneceu preparação adequada para 60 dos 74 estradistas que iniciaram a «Volta» inscreveram os nomes na lista dos totalistas. Nove equipas à partida, outras tantas na meta. O escalonamento de valores quase perfeito em função do que se jogou sobre o pedal. Agora, que futuro?

Até 30 de Setembro a ligação «JN»-Federação-«Volta» pode ser denunciada: ou tacitamente prolongada. Mas os interesses de outras forças são visíveis, não espantando que surja algum outro candidato a tomar as rédeas da prova, agora que o «JN» ficou muito desiludido com a cobertura voltística dada pela RTP, a afastar muitos dos potenciais anunciantes e uma boa parte de possíveis interessados em reclamarem os seus produtos e marcas na mais apaixonante competição desportiva a ficarem atónitos. Os responsáveis televisivos a não fornecerem ao espectador caseiro uma só fatiazinha de corrida que não fosse nome de terra, de equipa e de ciclista. Nada de citações à meta disto ou daquilo, de camisola A ou B, de patrocinador de qualquer coisa: isso ficou exclusivamente na consciência dos outros homens da Informação, sendo de destacar que (tanto quanto se sabe) nenhum outro órgão da Comunicação Social seguiu as pisadas da RTP, tão avare em manter figura na «Volta» e, ao mesmo tempo, tão pródigo em dar outros exemplos na telenovela ou em frustrantes programas dominicais implantados a martelo de conveniências pessoais no mapa-tipo do Lumiar. Enfim: são as linhas que cosim uma RTP

MAKO
JEANS



Marco Chagas: o êxito do melhor

onde Palma Ferreira, se quiser limpar a onda, terá de (rapidamente e já) fazer todos nós acreditarmos que a lei é igual para todos os portugueses. Mesmo a que circula em torno da publicidade-TV.

Repetimos: foi uma «Volta» de casos e casos. Aquele estranho comportamento do tenente Figueiredo, que vestiu de má imagem uma Brigada de Trânsito da GNR que, através dos anos, era precisamente a esponja branca e límpida que corrigia situações deformantes. Aquele problema do «doping» de José Henriques, o rapazião de Santana de Carnota que é primo do mais jovem dos professores da universidade da Lusa-Atenas. Aquela dramática luta pela sobrevivência de emblemas que, diariamente, faziam cerrada marcação ao homem dos dinheiros do «JN», como se dependesse quotidianamente de ter ou não mais um ciclista em prova a sobrevivência na corrida, travado o salto inicial de um jogo de bingo que começa a não ser (mesmo clandestinamente) o iman capaz de disfarçar as necessidades financeiras de alguns clubes.

Foi, não há dúvida, um amplo manancial de comportamentos a merecerem serena análise. Amanhã continuamos.

Neves de Sousa



Benjamin Carvalho: uma máquina para o «galheiro»



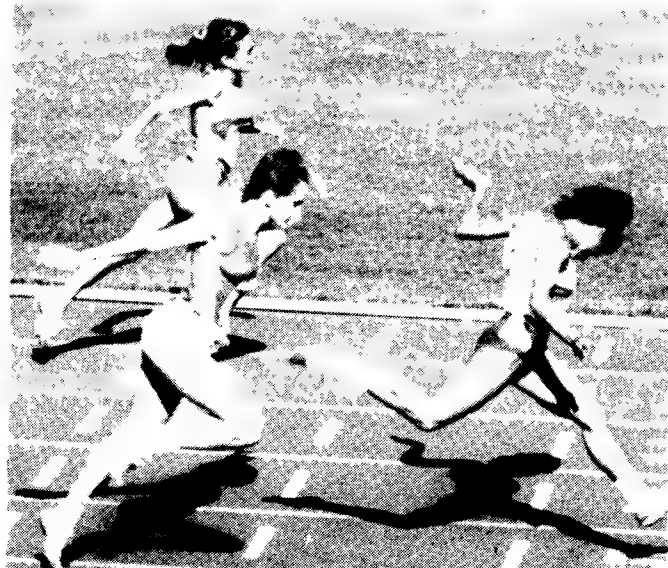
VEÍCULOS COMERCIAIS BEDFORD
Um produto General Motors



DESPORTO

“Volta”: classificações finais

1.º Marco Chagas (Mako)	47 09 31
2.º António Pinto (R/Ajacto)	47 11 13
3.º Belmiro Silva (FC Porto/UBP)	47 11 58
4.º V. Fernandes (Rodovil/Ajacto)	47 12 16
5.º José Xavier (Lousa/Tinarranus)	47 12 25
6.º J. Andrade (Ovar/Alf. Herc.)	47 12 48
7.º Manuel Cunha (FC Porto/UBP)	47 13 25
8.º Manuel Neves (Rodovil/Ajacto)	47 13 55
9.º F. Bernardino (Ovar/Alf. Herc.)	47 14 07
10.º F. Fernandes (FC Porto/UBP)	47 14 49
11.º António Alves (FC Porto/UBP)	47 14 58
12.º Eduardo Correia (Mako Jeans)	47 15 21
13.º Manuel Zetterino (Mako Jeans)	47 15 42
14.º Paulo Ferreira (Lousa/Tin.)	47 16 03
15.º Alexandre Ruas (FC Porto/UBP)	47 16 25
16.º J. Teixeira (Coelima/Frm.)	47 16 48
17.º Jacinto Paulinho (Mako Jeans)	47 16 58
18.º José Pereira (Lousa/Tin.)	47 17 47
19.º Manuel Vilar (Rodovil/Ajacto)	47 17 49
20.º Carlos Santos (FC Porto/UBP)	47 18 20
21.º J. Sousa Santos (Rodovil/Ajacto)	47 18 28
22.º L. Domingos (Lousa/Tin.)	47 18 39
23.º José Martins (Vigaminho)	47 20 17
24.º Isidro Miranda (Mako Jeans)	47 21 14
25.º A. Terebentino (Coel. Friminh.)	47 21 37
26.º Belmiro Ribeiro (Vigaminho)	47 22 42
27.º Manuel Martins (Vigaminho)	47 22 44
28.º Vitor Paula (Rodovil/Ajacto)	47 23 00
29.º J. Fonseca (Coelima/Friminh.)	47 23 21
30.º F. Carvalho (Rodovil/Ajacto)	47 24 36



Virginia Gomes obtém assim a sua bela vitória nos 100 metros



João Campos prepara-se para arrebatar o primeiro lugar na prova dos 1500



Fernando Mamede vence isoladíssimo os 10 mil.

Taça da Europa em Atletismo - Grupo C 1

Portugueses fizeram o que se esperava

Sem grandes surpresas, decorreu este fim-de-semana nas pistas do Estádio Nacional, a Taça da Europa em atletismo (Grupo C 1).

Colectivamente, a equipa portuguesa obteve o terceiro lugar no grupo masculino (1.ª Grécia, 2.ª Áustria, 4.ª Luxemburgo) e o 4.º lugar no grupo feminino (1.ª Jugoslávia, 2.ª Áustria, 3.ª Espanha, 5.ª Grécia).

Individualmente, os portugueses obtiveram quatro vitórias (Mamede nos 100 metros, João Campos nos 1500, António Leão nos 5000 e João Lima nos 110 barreiras) enquanto as portuguesas conseguiram dois primeiros lugares (Aurora Cunha nos 1500 metros e Maria Virginia Gomes nos 100).

Fernando Mamede, que correu praticamente sozinho os 1000, obteve a bela marca de 27 m 32,85, a quase dois minutos do grego Kassianidis (29.18.15).

Foram batidos dois máximos nacionais: João Lima nos 110 metros barreiras (14.45, tirando 3 centésimos de segundo ao recorde que já lhe pertencia) e a equipa feminina da estafeta de 4x1100 (Cristina Lourenço, Vera Lisa, Maria João Lopes e Virginia Gomes) apesar do terceiro lugar alcançado.

RESULTADOS PROVA A PROVA

JORNADA DE SÁBADO - 100 METROS MASCULINOS
(x1,1): 1.º, Nicolaos Hadjinicolaou (Gré.) 10,61 s; 2.º, Roland Joki (Aust.), 10,63 s; 3.º, Luís Barroso (Port.) 10,80 s; Jean Paul Helfen (Lux.) 11,18 s.

400 METROS: 1.º, Thomas Futterknecht (Aust.) 48,39 s; 2.º, Andreas Provelengios (Gré.) 48,69 s; 3.º, Álvaro Silva (Port.) 49,84 s; 4.º, Maurice Heinen (Lux.) 51,95 s.

1500 METROS: 1.º, João Campos (Port.) 3,45,75 s; 2.º, Robert Nemeth (Aust.) 3,46,21 s; 3.º, Christos Papachristos (Gré.) 3,46,67 s; 4.º, Justin Giorden (Lux.) 3,48,68 s.

10 000 METROS: 1.º, Fernando Mamede (Port.) 27,32,85 s; L. Mariso Kassianidis (Gré.) 29,28,15 s; 3.º, Marc Agosta (Lux.) 31,25,50 s; Gerhard Hartmann (Aust.) não completou a prova.

400 METROS BARREIRAS: 1.º, Thomas Futterknecht (Aust.) 50,66 s; 2.º, Georgios Vamvakas (Gré.) 50,96 s; 3.º, José Carvalho (Port.) 51,63 s; 4.º, Marc Savic (Lux.) 54,53 s.

ALTURA: 1.º, Wolfgang Tschirk (Aust.) 2,20 m; 2.º, Dimitrios Kattis (Gré.) 2,16 m; 3.º, Vitor Mendes (Port.) 2,12 m; Mark Kieffer (Lux.) falhou a altura inicial.

COMPRIMENTO: 1.º, Dimitrios Delifotis (Gré.) 7,66 m (-1,1); 2.º, Werner Prenner (Aust.) (+1,0); 3.º, António Vermelhudo (Port.) 7,14 m (+1,0); 4.º, Romain Jeblick (Lux.) 6,33 m (+1,4).

PESO: 1.º, Erwin Weitzel (Aust.) 18,29 m; 2.º, Dimitrios Koutsoukis (Gré.) 18,14 m; 3.º, Ferdinand Zeimetz (Lux.) 14,36 m; 4.º, Henrique Silva (Port.) 13,58 m.

DARDO: 1.º, Idannis Peristeris (Gré.) 74,46 m; 2.º, Karl Pregl (Aust.) 70,82 m; 3.º, Carlos Cunha (Port.) 66,18 m; 4.º, Nico Hilbert (Lux.) 62,86 m.

4x100 METROS: 1.º, Grécia (Stratos, Hadjinicolaou, Angelidis, Gatzios) 40,59 m; 2.º, Portugal (Damásio, Barroso, Cachola e Monteiro) 40,90 m; 3.º, Áustria 41,44 m; 4.º, Luxemburgo.

PONTUAÇÃO FINAL DA 1.ª JORNADA: 1.ª, Grécia, 33 p; 2.ª, Áustria, 30 p; 3.ª, Portugal, 24 p; 4.ª, Luxemburgo, 11 p.

FEMININOS - 100 METROS (+0,8): 1.ª, Maria Virginia Gomes (Port.) 11,85 s; 2.ª, Dijana Istvanovic (Jug.), 11,98 s; 3.ª, Teresa Ridne (Esp.) 12,04 s; 4.ª, Grace Pardy (Aust.) 12,36 s; 5.ª, Sofia Michael (Gré.) 12,39 s.

400 METROS: 1.ª, Karoline Kaefer (Aust.) 53,00 s; 2.ª, Elizabeth Bozinovska (Jug.), 54,26 s; 3.ª, Maria João Lopes (Port.) 55,15 s; 4.ª, Gregoria Ferrer (Esp.) 55,67 s; 5.ª, Maria Mene-

laou (Gré.) 58,44 s.

800 METROS: 1.ª, Marija Mrcic (Jug.) 2,06,38 s; 2.ª, M. Teresa Zuñiga (Esp.) 2,06,80 s; 3.ª, Georgia Troumbouki (Gré.) 2,07,06 s; 4.ª, Aurora Cunha (Port.) 2,08,38 s; 5.ª, Therese Stoebech (Aust.) 2,15,18 s.

410 METROS BARREIRAS: 1.ª, Mojca Savle (Jug.) 59,69 s; 2.ª, Rosa Colorado (Esp.) 60,46 s; 3.ª, Brigitte Koenig (Aust.) 62,43 s; 4.ª, C. Gioussi (Gré.) 63,33 s; 5.ª, Ana Paula Mota (Port.) 64,10 s.

DISCO: 1.ª, Snjezana Golubic (Jug.) 49,28 m; 2.ª, Maria Schramseis (Aust.) 49,26 m; 3.ª, Encarnacion Gambus (Esp.) 46,22 m; 4.ª, Vassiliki Panayotopoulos (Gré.) 45,76 m; 5.ª, Adília Silvério (Port.) 42,44 m.

DARDO: 1.ª, Anna Verouli (Gré.) 51,36 m; 2.ª, Gordana Bukvic (Jug.) 50,22 m; 3.ª, Edeltraud Kaiser (Aust.) 49,08 m; 4.ª, Teresinha Vaz (Port.) 45,02 m; 5.ª, Concepcion Sanchez (Esp.) 44,52 m.

4x100 METROS: 1.ª, Jugoslávia (Flajman, Simkovic, Kranjc, Istvanovic) 45,32 s; 2.ª, Áustria, 46,28 s; 3.ª, Portugal (Cristina Lourenço, Vera Lisa, Maria João Lopes e Maria Virginia Gomes) 46,44 s (recorde nacional); 4.ª, Grécia, 46,82 s; a equipa espanhola foi desqualificada.

PONTUAÇÃO NO FINAL DA 1.ª JORNADA: 1.ª, Jugoslávia, 32 p; 2.ª, Áustria, 22 p; 3.ª, Portugal e Espanha, 17 p; 5.ª, Grécia, 16 p.

Jornada de domingo

MASCULINOS - 200 metros (+0,9): 1.º, Komas Stratos (Gré.), 21,27 s; 2.º, Roland Goki (Aust.), 21,42 s; 3.º, António Cachola (Port.), 22,08 s; 4.º, Jean-Claude Gengler (Lux.), 22,93 s.

800 metros: 1.º, Sotirios Moutjanas (Gré.), 1,49,62 s; 2.º, Carlos Cabral (Port.), 1,50,09 s; 3.º, Herwig Tavernaro (Aust.), 1,50,56 s; 4.º, Justin Gloden (Lux.), 1,55,78 s. **5000 metros:** 1.º, António Leão (Port.), 13,36,47 s; 2.º, Dietmar Millonig (Aust.), 13,41,03;

3.º, Fotios Kourtis (Gré.), 14,25,45 s; 4.º, Jean-Claude Petit (Lux.), 14,47,9 s.

3000 metros obstáculos: 1.º, Filippou Filippou (Gré.), 8,32,36; 2.º, Johannes Gruber (Aust.), 8,49,22; 3.º, João Lopes da Silva (Port.), 8,54,81; 4.º, Francis Hoesser (Lux.), 9,04,07.

110 metros barreiras (+1,1): 1.º, João Lima (Port.), 14,45 s; 2.º, Georgios Tsiondas (Gré.), 14,65 s; 3.º, Roger Mathekowsch (Lux.), 14,78 s; 4.º, Gunther Kaspar (Aust.) 14,87.

Vara: 1.º, Hermann Feheringer (Aust.), 5,20 m; 2.º, Dimitrios Kyteas (Gré.), 5,10; 3.º, Manuel Miguel (Port.), 4,75; 4.º, Serge Bousser (Lux.), 3,80.

Triplo: 1.º, Dimitrios Michas (Gré.), 15,91 m (+2,1); 2.º, Luis Azevedo (Port.), 15,10 (-3,1); 3.º, Adolf Ronge (Aust.), 15,08 (+0,6); 4.º, Romain Jeblick (Lux.), 14,49 (+0,5).

Disco: 1.º, Constantinos Georgakopoulos (Gré.), 59,52; 2.º, Erwin Weitzel (Aust.), 56,68; 3.º, Michel Dupont (Lux.), 42,52; 4.º, Manuel Pinto (Port.), 42,00.

Martelo: 1.º, Johann Lindner (Aust.), 68,38 m; 2.º, Joannis Mangos (Gré.), 66,28; 3.º, José Pedroso (Port.), 54,30; 4.º, Nico Lutgen (Lux.), 48,72.

4x400 metros: 1.º, Grécia (Stefanopoulos, Provelengios, Hatzanidis, Kalipossis) 3,13,17; 2.º, Áustria, 3,13,24; 3.º, Portugal (Jaime Cruz, Álvaro Silva, António Cacholas, José Carvalho) 3,14,13; 4.º, Luxemburgo, 3,24,67.

Pontuação final: 1.º, Grécia, 68 s; 2.º, Áustria, 58 s; 3.º, Portugal, 49 s; 4.º, Luxemburgo, 23 s.

FEMININOS - 200 metros (-1,3): 1.ª, Karoline Kaefer (Aust.), 23,90; 2.ª, Maria Virginia Gomes (Port.), 24,35; 3.ª, Dijana Istvanovic (Jug.), 24,58; 4.ª, Maria José Martinez (Esp.), 24,64; 5.ª, Geor-

giadou (Gré.), 25,46.

1500 metros: 1.ª, Aurora Cunha (Port.), 4,14,14; 2.ª, Marijka Mrcic (Jug.), 4,15,43; 3.ª, Glória Palle (Esp.), 4,21,47; 4.ª, Doris Weilharter (Aust.), 4,28,03; 5.ª, S. Stavroula Constantinidou (Gré.), 4,33,42.

3000 metros: 1.ª, Anna Mueller (Aust.), 9,23,64; 2.ª, Ana Isabel Moreno (Esp.), 9,24,85; 3.ª, Rosa Mota (Port.), 9,27,08; 4.ª, Radoslavka Racic (Jug.), 9,45,37; 5.ª, S. A. Avramidou (Gré.), 10,33,41.

100 metros barreiras (-1,0): 1.ª, Elisabeth Pantazi (Gré.), 13,59; 2.ª, Maria José Martinez (Esp.), 14,03; 3.ª, Margita Papic (Jug.), 14,31; 4.ª, Ana Isabel Oliveira (Port.), 14,65; 5.ª, Petra Prenner (Aust.), 14,84.

Altura: 1.ª, Lidiya Lapayne (Jug.), 1,80; 2.ª, Isabel Mozun (Esp.), 1,73; 3.ª, Conceição Alves (Port.), 1,70; 4.ª, Martina Hauser (Aust.), 1,70; 5.ª, Helleni Victoros (Gré.), 1,65.

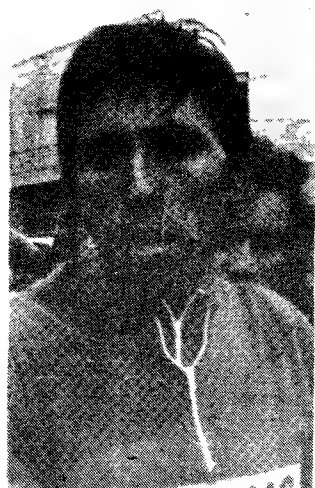
Comprimento: 1.ª, Snezana Dancetovic (Jug.), 6,35 (+1,61); 2.ª, Ana Isabel Oliveira (Port.), 6,33 (+3,0); 3.ª, Estella Roldan (Esp.), 5,90 (+1,0); 4.ª, Kyryaki Yanakkidou (Gré.), 5,85 (-2,61); 5.ª, Edith Maier (Aust.), 5,83 (+2,1).

Peso: 1.ª, Soultana Saroudi (Gré.), 16,95; 2.ª, Miryana Tufegdzic (Jug.), 15,03; 3.ª, Melitta Augner (Aust.), 13,92; 4.ª, Adília Silvério (Port.), 13,43; 5.ª, Enriqueta Diaz (Esp.), 12,60.

4x400 metros: 1.º, Jugoslávia (Bozinovska, Matakovic, Edkoszma, M. Kozma), 3,39,88; 2.º, Espanha, 3,40,34; 3.º, Áustria, 3,46,69; 4.º, Grécia, 3,48,91; 5.º, Portugal (Clarinda Faria, Marta Moreira, Ana P. Mota, Maria João Lopes), 3,50,08.

Pontuação final: 1.º, Jugoslávia, 63 pontos; 2.º, Áustria, 44; 3.º, Espanha, 42; 4.º, Portugal, 41,5; 5.º, Grécia, 34.

1.ª Lousa/Tinarranus	H M S
2.ª FC Porto	8 47 57
3.ª Mako Jeans	mt
4.ª Rodovil/Ajacto d	mt
5.ª Vigaminho	mt
6.ª Coel./Friminh	mt
7.ª Távira/Syber	mt
8.ª Ovarense/Alf. Herculiano	mt
9.ª Coimbra/Fagor	9 46 53



Venceslau Fernandes

1.º Venc. Fernandes (Rodovil)	PTS
2.º Firmino Bernardino (Ovar)	53
3.º Luis Teixeira (Coelima)	26
4.º Marco Chagas (Mako Jeans)	20
5.º José Marques (Távira)	19



Firmino Bernardino

1.º Carlos Santos (FC Porto)	PTS
2.º Alexandre Ruas (FC Porto)	53
3.º Marco Chagas (Mako Jeans)	46
4.º Benjamin Carvalho (Lousa)	34
5.º José Amaro (Mako Jeans)	29

1.º Carlos Santos (FC Porto)	PTS
2.º Luis Moyano (Mako Jeans)	14
3.º Manuel Martins (Vigaminho)	13
4.º Armando Terebentino (Coelima)	8
5.º Benjamin Carvalho (Lousa)	6

Futebol: festa nas Antas

Continuação da pag. 14

derivativos César Grácio, Amândio Carvalho, Azevedo Félix e António Pimenta, desceu ao relvado, a fim de cumprimentar os intervenientes na 43.ª final da Taça de Portugal. De referir que tocou o Hino Nacional, mas os 40 mil espectadores presentes no anfiteatro portista quase nem deram por isso. Saliente-se que, no camarote da direcção «azul e branca» tomaram, também, assento os secretários de Estado da Habitação e do Fomento Co-

operativo, respectivamente Fernando Gomes e Mesquita Machado.

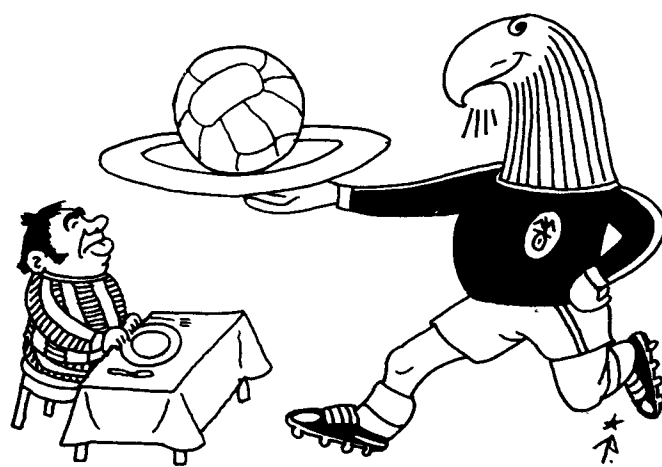
Receita recorde

O Estádio das Antas não esgotou: com capacidade para 70 mil espectadores, o recinto portista registou pouco mais de meia casa. Como o reduto «azul e branco» foi considerado neutro, toda a gente pagou (e bem, diga-se de passagem) o seu bilhete, pelo que a receita deverá

rondar os 35 mil contos, o que equivale por dizer que, com menos espectadores, as Antas conheceram ontem uma receita recorde. Outro máximo digno de realce foi aquele que os carteiristas (vulgarmente conhecidos por «mãozinhas leves») obtiveram junto das entradas do estádio onde, apesar da apertada vigilância policial, fizeram uma boa colheita. Pelo menos, não faltaram carteiras (vazias, claro), espalhadas pelo chão...

Manuel Neto

O traço de Pargana



Sem «miúdos» na travessa

Galo pôs um ovo e morreu de "vergonha"

O galo «Chamullo» passará à história por ter posto um ovo, após o que, talvez ferido de orgulho, decidiu morrer.

O «Chamullo» sempre viveu rodeado de cinco galinhas, o que pode ser demasiado, mesmo para um galo que se prese e apresenta as «performances» físicas do «Chamullo».

O veterinário Nelson Prudent, explicou o fenómeno pela existência de tecidos ovários nos órgãos genitais do galo.

Segundo o perito, «Chamullo» morreu como consequência de uma hemorragia interna, provocada pelo facto do seu organismo não estar preparado para a aventura em que se meteu.

Centro de documentação Picasso vai ser criado em Málaga

O mais importante centro de documentação e investigação mundial sobre Pablo Picasso vai ser constituído em Málaga, cidade natal do pintor, informou hoje um responsável da UNESCO.

Fernando Carrillo, secretário do director-geral da UNESCO, disse que o centro a construir na Plaza de La Merced, será o melhor dotado do mundo, dispondo de uma biblioteca, salas de audiovisuais e uma heremoteca (biblioteca de jornais), entre outras instalações.

A inauguração está prevista para 1985.

Desde Agosto de 1982, até ao momento, a câmara municipal de Málaga conseguiu reunir mais de 500 livros e documentos sobre o autor da «Guernica».

Municípios de todo o mundo têm enviado o material para Málaga por intermédio da UNESCO.

Carrillo revelou ainda, que a UNESCO projecta editar nos principais idiomas mundiais um caderno pedagógico sobre Picasso, para ser divulgado nos 1800 estabelecimentos de ensino associados à organização.

munoz & sampayo

Alack Siner em Constância e Manolo



© AGENCIA DIAS DA SILVA - LISBOA

**2 RODAS
mais
atenção!**



54 45 45



centro S.O.S.
voz amiga





canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O casaco de Peron

Em tempos, veio-nos da BBC um programa de humor. Era o quotidiano de uma TV azelha que dava pelo nome de Rutland. Aconteciam lá as coisas mais disparatadas. Era assim uma espécie de RTP. Mas p'ra melhor.

No sábado, rutlandou-se mais do que seria permitido e perdoado. Sem aviso, mudaram do Crystal Palace para o Jamor — enquanto o pobre do Jorge Lopes, em Londres, ia relatando o que lá se passava. O disparate daria um bom número cómico.

Cá, resolveu-se passar à Volta de Portugal. Ligação urgente para a Póvoa de Varzim. Lá ficámos sem Jamor e sem Crystal — apenas com um cartão a aguardar. Longos, longos minutos a aguardar. Até alguém nos vir dizer que transmissão não haveria, por causa do mau tempo...

E lá voltámos ao Jamor.

Aqui, era a desolação. Nunca, como então, as bancadas foram feitas tão de pedra. Bessa Tavares interrogava-se a respeito da ausência do público. Talvez tivessem ido para a praia, talvez tivessem preferido ficar em casa a assistir à transmissão de Londres. Optimista, este homem. Uma explicação bastava: não há entre nós quem ame o atletismo e a Televisão pouco ou nada tem feito para fazer despertar esse amor. Carlos Lopes, assessor de Tavares na locução, falou na quase total ausência de divulgação. Certo. Com grandes responsabilidades para a TV.

A propósito: na escolha de as-

sessores da locução deve imperar o bom-senso. Saber correr e saber falar são coisas totalmente diversas. Como um locutor faria mal em correr na pista — que baraca! — um corredor expõe-se a situações desagradáveis quando exerce, não as pernas, mas a língua.

Os comentadores, já que estamos com a mão na massa, não devem limitar-se a uma acção repetitiva. Nunca será de mais lembrar o exemplo que veio trazer à Televisão portuguesa um comentador das touradas: Cabral Valente. Ele não estava na superfície do televisor, ele estava no interior da arte, ia mostrando os quês e os porquês. Acrescente-se que algo de semelhante, embora noutro estilo, está a fazer Jorge Matias, nos hipismos.

No que respeita ao atletismo, com a enorme diversidade de provas, há todo um mundo de informações, de noções a transmitir. Nesse aspecto, quer Jorge Lopes, quer algum dos outros comentadores, ninguém ensinou ninguém a ver atletismo. Como se aproximam outras transmissões em directo, oxalá os comentadores tomem este apontamento em consideração.

O «Foguete» de sábado não nos trouxe novidade. Condenar o piosismo, o ridículo, a inconsciência com que se rebaixa uma Televisão nacional ao nível de uma Televisão sombriamente «kitsch». Já nem vale a pena. Mas é triste ver como certas pessoas tocam em pérolas com a mesma levandade com que

tocam em berlindes para o jogo dos marrahalhos. Repare-se neste diálogo:

Sala — **Você está rico?**

Coluna — **Não estou um homem rico. Mas sou um homem rico.**

Poder-se-ia partir daqui para uma conversa de grande valor moral. Direi que Sala estava desatento? Direi pior que isso: direi que ele é desatento.

A demagogia, o aproveitamento mais ingrato das paixões clubistas foram notas altamente negativas do foguetório. E já agora, a propósito de Eusébio, lembrarei o que há pouco disse a respeito dos assessores. Dos entrevistados, vem a dar no mesmo.

Numa sociedade bem construída, o papel de Eusébio seria propagar entre a juventude o interesse pelo desporto, através da sua genial capacidade de executante. Mas, por favor, não lhe puxem muito pela língua para fora de seus naturais domínios. Não lhe fazem bem nenhum.

Sábado todo o dia diante do televisor. Domingo a mesma coisa. Deixarei, é inevitável, passar uma data de peixes. Apenas dois ou três registos.

Lembrarei a Carlos Pinto Coelho que é perigoso carregar, a pretexto de uma certa filosofia domingueira, nas tintas da Informação tão leve que se torne leviana. Então quê, um canhão para matar mosquitos?

Lembrar-lhe-ei, igualmente, que Portugal não é só Lisboa. O Telejornal é um diário nacional, não regional. Aliás, a passagem

que fez pelo Telejornal grego mostrou-lhe como é. Pode imaginar-se maior deseducação informativa (em termos de TV) do que o Porto-Benfica transformado em acontecimento nacional, com a honra suprema de abrir o Telejornal?! Por favor, não!

O serão surgiu dominado por mais um episódio da biografia de Eva Perón.

Trata-se de matéria complicada. Não apenas pela composição humana da figura, não apenas pela desconfiança com que olhamos as produções americanas no que respeita a objectividade (pergunta-se: não haverá nesta interpelação biográfica qualquer coisa parecida com um «ajuste de contas»? mas também pela complexidade desse fenómeno que é o peronismo.

Por tudo isto seria de muita utilidade outra acção paralela: a discussão dessas matérias na própria Televisão. O fenómeno peronista não está morto, a recordação de Evita não está morta. A verdade é que esta biografia não nos dá elementos que expliquem uma e outra coisa.

Peronismo foi mais alguma coisa do que o gesto de Perón a tirar o casaco, símbolo bem achado da demagogia para conquistar trabalhadores. Mas Mário Soares bem o tentou e o resultado viu-se.

Por isso é que ele anda agora sempre bem encasacado, bem encamisado, bem engravatado. Pelos vistos com melhores resultados...

Hoje



André da telenovela «Origens»

- 15.05 **Matinée das Três e Meia** — «Sangue no Deserto».
17.00 **Eurovisão**
19.00 **Curso de Línguas**
19.30 **Telejornal**
20.30 **«Origens»**
21.00 **Vamos Caçar Mentiras**
23.00 **Último Jornal**



Teatro no Mundo, uma cena da peça «Chéri»

- 19.02 **TV/2 Notícias**
19.10 **Desenhos Animados**
20.05 **Poliedro**
20.30 **Teatro no Mundo** — «Chéri»
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **«Um Homem Entre Mulheres»**

Amanhã



15.15: No Reino de Neptuno; 17.00: Eurovisão; 19.00: Curso de Línguas; 19.25: Vamos Jogar no Totobola; 19.30: Telejornal; 20.30: «Origens»; 21.00: «Avenida Paulista»; 22.00: O Tópico; 23.00: Último Jornal.

19.02: TV/2 Notícias; 19.10: Desenhos Animados; 19.30: Património; 20.00: Cine-Clube/2 — «A Batalha do Pó-de-Arroz»; 22.00: Jornal da Noite; 22.20: «Um Homem Entre Mulheres»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si



«Origens»
(20.30)



«Chéri»
(20.30)

Origens

Os agentes Pinto e Viana procuram afincadamente Nuno para lhe mostrarem a moto. Hernandez e Gualdino procuram Cassilda para lhe contarem o sucedido com Nando e Luis. Entre Silvestre e Xavier desenrola-se uma violenta discussão por causa de Nando. Sara conta a André a sua conversa com o tio. Rosinha surge à porta com Luis e com uma fotografia que lhe quer mostrar. Luis chora contando-lhe os seus problemas e repara que é o seu retrato que a pequena deixou ficar. Na foto está também representada a mãe de Sara, trinta anos atrás...

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telet. 2112871

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

Anulação de Concurso

O Conselho de Administração faz público que, por deliberação tomada em sua reunião de 18/7/83, foi anulado o concurso público para aquisição de uma viatura automóvel de 8 t. de carga útil com grua telescópica, cujo aviso de abertura foi publicado no «Diário da República», 3.ª Série, n.º 131, de 8 de Junho de 1983.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Oeiras, 5 de Agosto de 1983.

Pel'O Presidente do Conselho de Administração

João Maria Póvoa

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infância 16, 55-C — 1300 LISBOA

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

p18N.º 112/83
OBRAS DE BENEFICIAÇÃO GERAL

Faço aver que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do Artigo 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas. JOSÉ AGOSTINHO MARQUES, com residência em PO Box 1500 Tiberon Ontario, n.º 002, Canadá, mas presentemente ausente em parte incerta, na qualidade de proprietário do prédio situado na Rua S. Sebastião da Pedreira, n.º 64/64-A, a iniciar no referido imóvel no prazo de 15 dias, findo o dos éditos, obras de reparação e beneficiação geral as quais deverão ficar concluídas nos 30 dias seguintes.

Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no Artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.

NOTA: — Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descarga, apetrechos, acessórios, e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaime, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 41 821, de 11 de Agosto de 1958.

Paços do Concelho de Lisboa, em 10 Agoto 83.

O PRESIDENTE

Nuno Krus Abecasis

CONDUZIR

OU BEBER

HÁ QUE ESCOLHER!

Segundo a ABC

EUA perdem terreno no combate ao tráfico de cocaína

Os Estados Unidos estão a perder a batalha contra o tráfico da cocaína, revelou hoje um programa apresentado numa das principais cadeias da televisão norte-americana ABC.

Segundo o programa, intitulado «O Cartel da Cocaína», encontram-se envolvidas no tráfico desta droga, quantidades de dinheiro verdadeiramente fabulosas, que superam os orçamentos anuais de qualquer poderosa corporação ou país em vias de desenvolvimento.

O programa põs a nu, aquilo que os seus autores definiram como «a pior ameaça contra a estabilidade e o desenvolvimento dos Estados Unidos».

Segundo as estimativas referidas, o tráfico de drogas gera anualmente cerca de 80 mil milhões de dólares, soma tão elevada como a manejada em similar período pela empresa petrolífera EXXON, a corporação mais poderosa dos Estados Unidos.

Aquele volume de dinheiro, aproxima-se do total da dívida externa do Brasil e do México, supera em muito a da Argentina, Venezuela, Peru e Chile, as nações mais endividadas da América Latina.

Calcula-se que cerca de cinco milhões de norte-americanos tomem cocaína.

São geralmente pessoas da classe média e alta, com posições sociais importantes em muitas, actividades, principalmente, nos campos das artes, do espectáculo, do desporto e dos negócios.

A reportagem televisiva assegura, que cinco famílias, das quais quatro são colombianas e

uma boliviana, controlam o tráfico da cocaína dos países latino-americanos para os Estados Unidos.

As poderosas organizações sul-americanas contam com equipas bem organizadas de pessoas, que se dedicam desde a colheita das folhas de coca até à entrega da droga aos distribuidores norte-americanos.

Todas as operações do ciclo, são fortemente protegidas por grupos armados.

Calcula-se, que só na Bolívia há quatro mil pistas clandestinas de aterragem de aviões, orientadas para a evacuação da cocaína.

Esta nação juntamente com o Peru, são as principais fontes de aprovisionamento da base da droga (sulfato de cocaína), enquanto que na Colômbia, principalmente em Medellín, se encontram os laboratórios para a sua refinação.

Bill Redekar, um dos jornalistas que participou na investigação para o programa televisivo, declarou a dado passo: «estamos a perder a batalha».

Os fabulosos lucros obtidos nas operações ilegais são «purificados» mediante diferentes canais financeiros, que vão desde o Panamá a Wall Street.

Os cálculos indicam, que as operações do tráfico ilegal de cocaína oscilam entre 27 mil milhões e 32 mil milhões de dólares por ano, de 18 mil milhões a 27 mil milhões no caso da marijuana, de 8 mil milhões a 10 mil milhões para a heroína, de 1500 milhões para o haxixe e de 14 mil milhões a 20 mil milhões para os produtos químicos.

O Jornalismo de angústia na televisão americana

Contratos fabulosos ou despedimento dependem das sondagens

A apresentação dos noticiários televisivos nos Estados Unidos tem grandes parelhas com o «star-system»: A celebridade dos jornalistas é acompanhada por contratos fabulosos, e pela angústia de um futuro próximo tributário das sondagens.

Lançados como um produto qualquer, apadrinhados por uma chusma de agentes e conselheiros, submetidos aos caprichos dos directores das estações, a carreira dos cerca de 1500 jornalistas que apresentam aos americanos as informações locais na televisão parece depender mais das exigências do «show business», do que do jornalismo propriamente dito.

Christine Craft, uma jornalista de 38 anos recentemente despedida de uma estação local de Kansas City (Missouri), decidiu lançar uma pedra no charco e iniciou um processo contra a sua estação, cujas exigências draconianas a respeito do vestuário, da «maquillage», do seu comportamento perante as câmaras, nada tinham a ver com o seu ofício de repórter.

Christine Craft, que pretende uma indemnização de 1.200.000 dólares por danos e perdas, afirma que após sete meses de bons e leais serviços no telejornal da noite, o director despediu-a por ser «demasiado velha, demasiado feia e pouco respeitosa da autoridade masculina». O director ter-lhe-ia dito, sem papas na língua, que em «Kansas City gosta-se das coisinhas bonitas e tenras».

Jornalista sem «sex appeal» despedido

O caso de Christine Craft poderia simplesmente aparentar-se

com o vulgar sexismo, apesar do nítido aumento de jornalistas mulheres (36 por cento em 1982, contra 11 por cento em 1972) nos ecrãs americanos.

Mas Patrick Emery, que trabalha agora numa televisão por cabo, e que em 16 anos andou por 9 estações locais, diz que os homens são submetidos mais ou menos ao mesmo tratamento. Em Los Angeles, conta ele, um grupo de telespectadoras submetidas a um «teste de galvanização» que registava a humidade das mãos, não foi sensibilizado pelo «sex-appeal» do jornalista, pelo que a estação decidiu não renovar o seu contrato.

Por outro lado, a concorrência entre jornalistas de televisão é feroz. Certas estações visionam até 300 testes antes de tomarem uma decisão. Um «caçador de cabeças» (para o pequeno ecrã) nova-iorquino, que também «caça» vedetas do desporto ou da canção, indica que chega a receber 50 amostras-vídeo por semana, de jornalistas à procura de um futuro melhor.

As cadeias de televisão tentam assim reduzir ao mínimo os riscos, e sobretudo o custo que representa o lançamento de um novo apresentador. Quando uma emissão regista uma baixa de popularidade, acontece o mesmo com os ganhos da publicidade. Em Nova Iorque, a perda de um ponto nas sondagens pode significar um prejuízo de um milhão de dólares no orçamento da publicidade.

Angústia paga com contratos fabulosos

No fim da corrida de obstáculos, contratos substanciais, va-

riando para os apresentadores mais conhecidos entre 500.000 e 700.000 dólares por ano (cerca de 60.000 e 80.000 contos) por ano, recompensam — por algum tempo — os jornalistas pelas suas angústias e os seus horários por vezes medonhos.

Diane Sawyer, a apresentadora de «CBS Morning News», consagrada pela revista «Newsweek» há poucos meses como a «estrela ascendente» da informação televisiva, e classificada como «brilhante, sedutora, enérgica e espiritual», inicia os seus dias de trabalho à 01h30 da madrugada. Ganhando, é verdade, 800.000 dólares (98.000 contos) por ano.

Num livro que está para sair acerca dos jornalistas de televisão, intitulado «As Estrelas do Fim da Tarde», Barbara Matusow pormenoriza alguns destes contratos fabulosos. Por exemplo, o da célebre Barbara Walters, que assinou contrato com a televisão «ABC» em 1976, por um milhão de dólares por ano. O contrato estipulava que teria ao seu serviço um assistente, duas secretárias, um maquilhador privativo, uma pessoa encarregada do seu guarda-roupa e uma outra dos seus penteados.

Em viagens profissionais, Barbara Walters poderia, segundo uma cláusula especial, contratar os serviços de um cabeleireiro local, «com a condição dos seus talentos serem comparáveis aos do cabeleireiro contratado permanentemente pela «ABC», e tinha a garantia de poder dispor sempre de um escritório privado «possuindo pelo

menos uma linha de telefone directa».

Fórmula perfeita «dura uma época»

Os especialistas da comunicação, apesar do rigor muito científico da sua aproximação, não conseguiram produzir uma fórmula exacta do perfeito jornalista de televisão, que dê a certeza de agradar e de fazer trepar as sondagens. É que, como diz o director de uma estação de televisão de Filadélfia, «a magia de um bom jornalista de televisão é tão difícil de agarrar como o fumo de um cigarro. É uma coisa que se pode ver mas a que não se pode deitar a mão».

Numerosos jornalistas e responsáveis de televisão são unânimes em admitir que a aparência conta, mas — como afirma Phil Balboni, vice-presidente de uma televisão de Boston — unicamente na medida em que «reflete a credibilidade e a integridade do jornalista, e dá uma dimensão do seu calor e da sua sensibilidade».

é o que também pensa Dave McElhatten, jornalista de televisão em São Francisco, que se apresenta como o «Quasimodo da informação televisiva». «A Beleza tem só uma época», afirma por seu turno Dorothy Fuldheim, a decana dos jornalistas de televisão americana, que aos 90 anos de idade acaba de assinar um novo contrato de três anos com a estação regional de Cleveland.

Marie Sanz (AFP)

RESTAURANTE

Aberto todos os dias, incluindo sábado e domingo, almoço e jantar, com excepção de segunda-feira, dia em que está encerrado.

BEIÇANA

Peixe sempre muito fresco, ameijoas, mexilhões, carne muito boa, um serviço cuidado e familiar, cozinha portuguesa e francesa, preços módicos.

TRAVESSA DA ÁGUA DA FLOR, 36
(ao Bairro Alto — Tel. 32 59 24)



COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	89\$60	95\$60	
ALEMANHA FED (marco)	45\$55	46\$65	
AUSTRIA (xelim)	6\$35	6\$55	
BÉLGICA (franco)	2\$105	2\$305	
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$150	
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	97\$80	99\$80	
(notas de 5 a 1000)	98\$30	100\$30	
DINAMARCA (coroa)	12\$65	13\$50	
ESPAÑHA (peseta)	\$767	\$887	
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	120\$90	122\$90	
(notas de 5 a 1000)	121\$40	123\$40	
FINLÂNDIA (marka)	21\$25	21\$85	
FRANÇA (franco)	15\$05	15\$05	
HOLANDA (florim)	40\$70	41\$70	
INGLATERRA (libra)	184\$25	188\$25	
IRLÂNDIA (libra)	144\$49	148\$40	
ITALIA (lira)	\$069	\$079	
JAPÃO (iene)	\$468	\$503	
NORUEGA (coroa)	16\$25	16\$75	
SUÉCIA (coroa)	15\$40	16\$00	
SUIÇA (franco)	56\$10	57\$20	
VENEZUELA (bolivar)	6\$10	7\$10	

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

15.00: Cadência. 16.00: Batida de mão. 17.00: Zghibz. 18.30: Informativo de trânsito. 19.00: Informação e música. 20.00: O espaço é seu. 21.00: Toda a gente é pessoa. 21.30: Viva a noite. 22.30: Madrugada e maresia. 23.30: Último jornal. 24.00: Fecho

Programa 2

15.00: Música religiosa. 16.00: Música de câmara. 17.00: Rosa rosae. 17.30: Música sinfónica. 18.05: Cultu-rando. 19.30: Terra viva, planeta azul. 20.10: Música portuguesa. 20.25: O canto e os seus intérpretes. 21.25: Transmissão em directo das ruínas do Convento do Carmo de um concerto. 23.00: «Os Mestres Cantores de Nuremberg», de Wagner. 00.30: «24 Prelúdios», op. 28 de Chopin. 01.00: Fecho

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana. 20.00: Quando o telefone toca (2 edições). 21.30: Tempo de desporto. 23.00: 24ª hora. 01.00: Mercado de sonhos. Noticiários de hora a hora

RADIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde. 18.00: Jornal das regiões. 18.30: Transmissão do topo. 19.00: Programa da LAR. 20.00: Horizonte. 21.00: Hora de música. 22.00: Ouvir e pensar. 23.00: Última hora. 23.55: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis. 21.00: Quando o telefone toca. 21.30: Paju

NÃO entre na água após demorada exposição ao sol

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 814

HORIZONTAIS:

- 1 Distarce com máscaras.
- 2 Figura formada por dois arcos que se cortam na parte superior (pl). Grande ribeira da Ásia Russa.
- 3 Género de palmeiras do Brasil Nome de peixe
- 4 O mesmo que miscalor. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 5 Tempo do verbo haver. Dar oiro a
- 6 Rezem Estimo. Preposição e artigo.
- 7 Une de novo
- 8 Ilha situada no rio Silimões no Estado do Amazonas.
- 9 Previno. Tungsténio (s.q.) Nosso senhor.
- 10 Ruim. Fama (pl.).
- 11 Freguesia do concelho de Barcelos. Empregamos

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9666

HORIZONTAIS:

- 1 Lantânio. (s.q.). Montanha da Ásia Menor, entre Mileto e Heracleia, onde segundo a fábula Diana vinha visitar o pastor Endimião. Pronome pessoal.
- 2 Ave da Sardenha. Gratificação (Bras).
- 3 Entusiasmares
- 4 Ilha do Pequeno Belt. Serra de Portugal.
- 5 Catedral. Artigo definido
- 6 Európio (s.q.). Encolizar. Gálio (s.q.)
- 7 Calúnias.
- 8 Tempo do verbo ir. Filtro. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 9 Causara dor. Arremesso.
- 10 Restos mortais. Levas à sirga.

VERTICAIS:

- 1 Alcoviteira. Lesto.
- 2 Tivera amor a. Preposição e artigo (pl).
- 3 Cidade de França. Pessoas notáveis na sua especialidade
- 4 Que são do ar. Letra grega
- 5 Carta de jogar. Boro (s.q.) Engodos.
- 6 Barco de transporte, nos rios de Goa. Jarro (planta).
- 7 Mirriar. Basta. Alén.
- 8 Enfadara. Antigo Testamento
- 9 Cada um dos orifícios da pele (pl) Rio do estado de Goiás. (Bras).
- 10 Introduzir. Ergue.
- 11 Épocas. Freguesia do concelho de Sabrosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 813

HORIZONTAIS:

- 1 Mansas. Cama.
- 2 Amais. Lamas.
- 3 Oras. Naus.
- 4 Riá. At. Sa
- 5 Tristes
- 6 Cr. Amasse
- 7 Chias. Sim
- 8 Copo. Aca. Aa.
- 9 Rara. Ata
- 10 Casota. ONDE
- 11 Mm. Serrai.

VERTICAIS:

- 1 Marrá. CC. Cm.
- 2 Am. CHORAM.
- 3 NÃO. Tripas.
- 4 Sir. Aoros.
- 5 Asanas. Até.
- 6 SM. Ar.
- 7 Atasca
- 8 CANTES. Atoa.
- 9 Ama. SSS. ANI
- 10 Maus. Eia!
- 11 Assas. Matem

Provérbio: ONDE CHORAM NÃO CANTES.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9665

HORIZONTAIS:

- 1 Graval. Alma.
- 2 Ciúme. Iam
- 3 Sãos. Prensa.
- 4 Tem. CC
- 5 Adornar. Ele.
- 6 Odiosos. In.
- 7 Ase. Mat
- 8 Lira. Caruma
- 9 Há. Dó. Re. Br
- 10 Orna. Dácia
- 11 Sai. Remou

VERTICAIS:

- 1 Gosta. Olhos.
- 2 Aedo. Iara.
- 3 Acomodar. Ni.
- 4 Vis. Risada.
- 5 Au. Noé
- 6 Impias. De.
- 7 ER. Rosaram.
- 8 EC. Reco.
- 9 Lince. Mu. Iu
- 10 Mas. Liamba
- 11 Amamentar

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos

AS OLIMPIADAS DA BICHARADA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int men 18 a
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM
12ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para maiores 16 anos
BAD BOYS
2ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
6ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int men 18 anos
EMMANUELLE
2ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr da Vitoria, 37 (ao Saldanha)
As 15.30, 18.00 e 21.30
- N ac men 13 a
A TUNICA
As 24
CAES DE GUERRA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av 5 de Out e Pinh Chagas
As 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
As 24.00
O REGRESSO DOS JUSTICEIRO DA NOITE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N ac men 13 anos
SEDUÇÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
OS FANTASMAS DO ESTRANGULADOR
Um filme de Claude Chabrol

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4
As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
Não ac men 18 anos
A CLASSE DE 1964

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não a men 18 anos
AMANTES DE VERÃO

ESTÚDIO 555134

Alam Afonso Henriques, 35
As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Não ac men 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M 18 a
10 PARA A MEIA-NOITE

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade
SALA 1
As 14, 17, 20 e 23
N ac men 13 a
O LEOPARDO

SALA 2

As 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- N ac men 13 a
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPERIO 555134/5

Al Afonso Henriques, 35
As 15, 18.15 e 21.30
M 10 a
O GIGANTE
2ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
O REI DA COMÉDIA
com Robert de Niro e Jerry Lewis

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
- N ac men 13 a
A ILHA AZUL
As 24
AS VAMPIRAS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30
- Para Todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
2ª Semana

ÁVILA 539930

R. Martens Ferrão, 12-A
As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
N ac men 18 a
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N ac men 13 a
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283 4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
- Int men 18 a
PECADOS EM FAMÍLIA

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N ac men 13 a
CORPO E ALMA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 16.30 e 21.30
Int men 13 a
CORPO E ALMA



Uma cena do filme
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
em exibição no cinema **QUARTETO**

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 23.30 - M 18 a
VAMOS CAÇAR MENTIRAS

SALA 2
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
Int a 13 anos
GALLIPOLI
As 23.30
O OUTRO
SALA 3
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
ROMA, CIDADE ABERTA
As 23.30
FIM-DE-SEMANA ALUCINANTE

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
A CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
As 23.30
MORANGOS SILVESTRES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
As 15.30, 18.30, 21.30
M 18 anos
AMANTES DE VERÃO
2ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
N ac men 13 a
LES CHARLOTS CONTRA DRACULA

SÃO JORGE 579144 579314

Av. da Liberdade, 175
SALA 1
As 15.15, 18.30 e 21.15
- M 12 a
HEAT & DUST (VERAO INDIANO)
3ª Semana

SALA 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int men 13 a
VICTOR, VICTÓRIA
7ª Mês

SALA 3

As 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac men 13 anos
GANDHI
6ª Mês

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Int men 13 anos
ALGUÉM MATOU O MARIDO DELA

7.ª ARTE 730715

Av. República, a Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M 12 a
HEAT AND DUST (VERAO INDIANO)

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS

TERMINAL 321573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N ac men 13 a
TOOTSIE. QUANDO ELE ERA ELA
7ª Semana

TIVOLI 473695

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
M 12 anos
AEROPLANO II
2ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- N ac men 13 a
A LAGOA AZUL

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N ac men 18 a
ASSALTO A 13.ª ESQUADRA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Bad Boys", às 21.30 e 24.00 (16 anos)
ALFA-2 - "Os Três Dias do Condor", às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - "Aeroplano II", às 21.45 (13 anos)
RESTELO - "Porky's", às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - "A Filha de Elizabeth", sessões permanentes (18 anos)
ZODIACO - "1941 Ano Louco em Hollywood", às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - "Agência Sexual", às 21 e 23 (18 anos)
CINESTUDIO ACS - "Rumor de Guerra", às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - "Blade Runner. Perigo Iminente", às 21.30 (13 anos)
ROYAL - "Karato, a Mão da Morte", às 21.30 (18 anos)
APOLLO 70 - "Apocalypse Now", às 21.15 (18 anos)
CITY-CINE - "Música no Coração", às 21.00 (6 anos)
MUNDIAL - "Bad Boys", às 21.30 (16 anos)

Outra banda

ALMADA - "Incrível" - "O Homem-aranha Contra o Dragão", às 21.15 (6 anos)
ALMADA - "Academia" - "Opção Final", às 21.15 (12 anos)
ALMADA - "Cine-Estúdio" - "A Divina Loucura", às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Silcine" - "Caçada de Duros", às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL - "Cinelândia" - "A Fúria do Herói", às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - "Casino" - "Lições Privadas", às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - "Impala" - "ET o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)
CASCAIS - "Oxford" - "10 para a Meia-Noite", às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - "Cine-Plaza" - "Grease 2", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - "Lido" - "A Contagem Final", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - "Cineestúdio" - "Os Deuses Devem Estar Loucos", às 21.30 (13 anos)
CACÉM - "Cine-Estúdio Flores" - "Duelo no Arizona", às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA - "Cineestúdio" - "Terra-moto", às 21.15 (13 anos)

Porto

FOCO - "Aeroplano II", às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - "Sete Noivas para Sete Irmãos", às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM - "A Viagem das Malditas", às 21.30 (13 anos)
COLISEU - "Bad Boys", às 21.30 (16 anos)
S. JOÃO - "História D'O", às 21.30 (18 anos)
BATALHA - "O Estrupador de Nova Iorque", às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - "Massacre na Floresta Negra", às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - "10, uma Mulher de Sonho", às 21.30 (18 anos)
RAIONE - "Banana Joe", às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - "Uma Ilha no Tecto do Mundo", às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - "Ulisses", às 21.30 (13 anos)
ESTUDIO - "Arizona Colt", às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - "Fortaleza Secreta", às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A - "A Neve", às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L - "O Cowboy da Meia-Noite", às 21.45 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE**: Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA**: Progresso, E A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **CAMPO D'OURIQUES**: Fındor, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **CAMPO PEQUENO**: -APOLLO 70: Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE** - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitális, R. Moraes Soares, 69-C (T. 841779); **LUMIAR**: Nicolau, C. do Carriche, lote 4, loja Esq. (T. 798727); **OLIVAS SUL**: Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PEDROÇOS**: Soc. Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO**: D. João V, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE**: Rosa A. Viegas, R. São Vicente, 31-37 (T. 864351); **ALGÉS**: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **BRANDOA**: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS**: Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA - "Ziguezague", às 22.00 (18 anos)
ABC - "Todos tesos", às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - "Há mas São Verdes", às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - "Seiva Trupe" - "Um Cálculo de Porto", às 21.45 (13 anos)
MODESTOS - "A Professora Margarida", às 21.45 (13 anos)

REFORÇO

ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS** - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS**: Góis, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO** - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA**: Teixeira Lopes, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS-DE-FERRO**: Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE**: Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I**: Lis. R. da Esperança, 19 (T. 660903); **ENCOSTA DO RESTELO** - MONINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **PICHELEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA**: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS**: Canto, E. Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **PRIOR VELHO**: Matos, T. Proras (T. 2519939)

Outra banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565) Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254) Até às 22 horas; **LARANJEIRO**: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324) Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218); **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO**: Soares, Av. da República, 1 (T. 2073023) Permanente; **AMORA**: Nova Amorense, E. N. 10, bloco A, loja A, Parais (T. 2216824) Até às 22 horas;

farmácias

SEIXAL: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007) Até às 22 horas; **MONTIJO**: Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETUBAL**: Louro, R. Frei António Chagas, Permanente; **Soromenho**: P. Machado Santos, 24 Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. Jao P. Correia, 40-B (T. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Batos, R. D. Firmino Reb.º (Tel. 2421915); **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147) Até às 22 horas; **OEIRAS**: Oeiras, L. Henrique Pava Couceiro (T. 2430485) Permanente; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085) Até às 22 horas; **PARADE**: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas (T. 2472948) Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL**: São João, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186) Até às 22 horas; **SASOIEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Até às 22 horas; **MA-DORNA**: Madeira, Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Any (T. 2682313) Até às 22 horas; **CASCAIS**: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044) Permanente

Damaia: P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523) Permanente; **QUELUZ**: Gil, Av. Miguel Bombarda, 29 (T. 950117) Até às 22 horas; **CAMARATE**: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069) Até às 19 horas; **CACÉM**: Guerra Rico, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 9244002) Permanente; **MEM MARTINS**: Cristina, Av. Vitório Nemésio, 14-A (T. 9214820) Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194) Até às 22 horas; **SINTRA**: Misericórdia, Vila (T. 9231070) Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088)

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518) Permanente; **SACAVEM**: Cortes, Av. Maria Luisa Bramcamp, 2-A (T. 2519420) Até às 22 horas; **LOURES**: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240) Até às 22 horas

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

ALMEIDA CUNHA: R. Formosa, 327; **MORENO**: L. de São Domingos, 44; **ALRÍO DE BARROS**: R. de Costa Cabral, 240; **CASTRO CARNEIRO**: R. do Padre Cruz, 146; **NOVA DE MONSANTO**: R. de Monsanto, 148

DE DIA E TODA A NOITE

GONDAREM: R. de Gondarém, 360; **Foz ALBERTO FERREIRA**: R. da Estação, 100; **SÃO DINIZ**: R. de São Diniz, 428; **ANTUNES**: R. do Bonjardim, 485; **BATALHA**: P. da Batalha, 26

Coimbra

PERMANENTE

RODRIGUES DA SILVA: R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348)

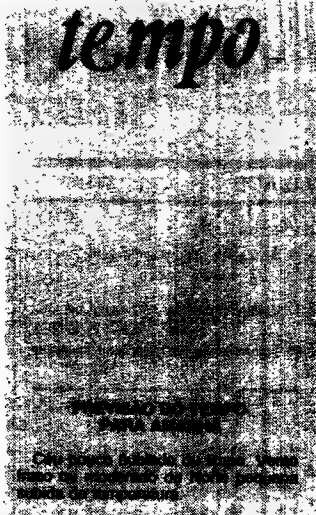


Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR	3.29	3,5 m	8.59 1,2 m
	15.44	3,8 m	21.24 1,1 m
Dia 23			
	4.05	3,6 m	9.31 1,1 m
	16.19	3,9 m	21.55 1,0 m
TEMPERATURAS DO AR			
ÀS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	18°		
BRAGANÇA	12°		
VILA REAL	14°		
PORTO	15°		
COIMBRA	15°		
CABO CARVOEIRO	18°		
PORTALEGRE	15°		
LISBOA	18°		
ÉVORA	15°		
BEJA	14°		
FARO	18°		
SAGRES	17°		
PONTA DELGADA	20°		
FUNCHAL	21°		



Proeza de navegador solitário cego

O americano, Hank Dekker, chegou na sexta-feira a Honolulu, no seu veleiro «Dark Star» conseguindo, assim a primeira travessia à vela, entre San Francisco e a Hawaii.

Hank Dekker, solitário cego, que tem 42 anos de idade, partiu a 27 de Julho de San Francisco no seu veleiro de 7 metros, e chegou na sexta-feira, 19 de Agosto data que tinha previsto — ao porto de recreio de Ala Wai, onde era aguardado por numerosos admiradores.

Hank Dekker utilizou mapas em Braille, uma bússola concebida especialmente para ele e um computador de navegação que «lê em voz alta» a sua posição.

O seu emissor de longa distância, deixou de funcionar três dias depois da sua partida, e não

pôde dar qualquer sinal de vida até quinta-feira passada, quando conseguiu entrar em contacto com um navio guarda costas por meio de um emissor de curto alcance.

Antigo piloto de automóveis de corrida, Hank Dekker perdeu a vista em 1972, devido a um glaucoma. Em 1981 começou a aprender a velejar.

Hoje é proprietário de um veleiro com que realiza percursos «charter» na região de San Francisco. Mas não está autorizado a receber passageiros, sem outros tripulantes a bordo.

Hank Dekker dizia ter organizado esta travessia para mostrar às pessoas diminuídas físicas que lhes estão abertas numerosas possibilidades: «aprender um novo ofício, inclusivamente o de navegador».

Ministro defende criação de «escolas comunitárias»

A crise do ensino em Portugal «não poderá ser resolvida apenas com o ensino público», ter-se-ão que criar «escolas comunitárias». As palavras são do ministro da Educação, José Augusto Seabra, e foram proferidas domingo em Bragança, que se reuniu domingo em Bragança com autarcas de todo o distrito, aproveitou o ensejo para declarar que «agora, mais do que nunca, há que lutar pela igualdade de oportu-

nidades no acesso aos estabelecimentos de ensino mais qualificados».

Segundo o ministro essa luta não será fácil já que o ensino público não está apto a resolver todos os problemas do sector. Assim, José Augusto Seabra defendeu a necessidade de se criarem escolas comunitárias «onde se instalem centros de convívio com a participação dos pais dos alunos».



As inscrições que perturbam Agosto

A bicha começou durante a noite, meteu sacos-cama e, quase, campismo selvagem... De manhã ainda estava assim. Foi na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova, na Avenida de Berna. E, apesar do «corte» nas férias, muitos são os chamados mas poucos os escolhidos...

Socialistas de Braga contestam ex-presidente

“É uma manobra concertada” —diz Mesquita Machado

«É uma manobra concertada para denegrir a minha imagem» — afirma o secretário de Estado do Fomento Cooperativo e ex-presidente da Câmara de Braga, Mesquita Machado, ao comentar a projectada entrega por um «grupo de socialistas» bracarense de um comprometedor «dossier» a Mário Soares, contendo provas sobre alegadas irregularidades daquele militante do PS enquanto autarca.

Mesquita Machado responde, assim, à notícia — inserta com destaque na última edição do semanário «Expresso» — que refere o movimento de militantes soaistas do PS bracarense descontentes pela sua ascensão ao Governo. Mesquita Machado esteve ligado — recorde-se — até

há pouco tempo ao sector do ex-Secretariado do PS.

Em declarações hoje transcritas no «Correio do Minho», e citadas pela ANOP, o responsável pelo Fomento Cooperativo interroga-se sobre a autoria do referido «dossier» e sobre as razões que terão levado os seus autores a elaborá-lo e a projectarem a sua entrega a Mário Soares.

«A Federação Distrital do Partido Socialista e os socialistas de Braga é que indicaram o meu nome para o Governo», observa o secretário de Estado, precisando que essa indicação foi feita «numa reunião realizada no cinema São Geraldo com Mário Soares».

Relativamente ao inquérito à Câmara de Braga, que o mesmo grupo alegou desconhecer que tivesse sido arquivado, Mesquita

Machado refere que «todo o executivo soube do recurso que foi interposto para o tribunal» e que, em face disso, «são falsas as notícias» vindas a lume sobre a matéria.

Trata-se, disse a concluir, de uma «manobra concertada para denegrir a minha imagem porquanto o inquérito instaurado, e que foi arquivado, não era à Câmara nem ao seu presidente, mas sim a serviços da Câmara de Braga».

Registe-se, tal como noticiámos na edição de sábado, que o vereador da APU propôs ao executivo camarário de Braga a reabertura do inquérito, para que se apurem responsabilidades e se desfaçam as dúvidas levantadas em toda a cidade sobre alegadas irregularidades.



A COMPANHIA AÉREA FORMOSANA China Airlines suspendeu os seus voos para Manila a pedido do governo filipino, após o assassinio do dirigente da oposição filipina, Benigno Aquino ao sair do avião desta companhia, anunciou hoje um responsável da CAL. Recordando-se que Benigno Aquino foi abatido no domingo quando saía do avião daquela companhia formosana que o tinha levado para Manila após três anos de exílio nos Estados Unidos. Segundo o responsável da China Airlines, que pediu o anonimato, esta suspensão não é mais do que um mal-entendido. Acrescentou que a companhia formosana ignorava que Aquino estava a bordo. O cunhado deste último, Ken Kashiwara, cidadão americano, que acompanhava o dirigente da oposição filipina, precisou que Aquino viajava sob uma falsa identidade.

DOIS FURTOS NO MESMO PRÉDIO renderam cerca de mil contos em artigos de ouro, objectos de decoração, peles e algum dinheiro. O caso ocorreu nas residências situadas no quinto andar do número 18 da Avenida Marquês de Tomar a S. Sebastião da Pedreira em Lisboa e atribui-se aos mesmos assaltantes que terão actuado durante a ausência dos locatários. O processo de entrada foi semelhante: extracção do canhão da fechadura e igual o interesse por idênticos valores.

UM ALEMÃO OCIDENTAL, que tinha partido da Inglaterra no princípio de Agosto, com destino a Portugal, a bordo de uma embarcação constituída por seis tonéis, é dado como desaparecido desde ontem, soube-se junto do Centro de Socorros Marítimos de Etel (Oeste da França). Na manhã de domingo, ao largo da Espanha, um barco da Marinha francesa encontrou uma embarcação sem ocupante, feita de seis tonéis, quatro para assegurar a sua flutuação e dois para habitação, sendo o conjunto dominado por um mastro. O «capitão» deste barco insólito, Gunter Miesel, de Friburgo (Alemanha Ocidental) tinha desaparecido, deixando na embarcação o seu diário de bordo.

JUGOSLÁVIA

Circuito da COSTA ADRIÁTICA

8 OU 15 DIAS

AVIÃO E AUTOPULLMAN — VISITANDO:
ZAGREB • LJUBLJANA • POSTOJNA • PLITVICE • ZADAR
SPLIT • DUBROVNIK • MOSTAR • SARAJEVO • BANJA LUKA

PARTIDAS: 3 JUN - 15 JUL - 5, 12, 19 e 26 AGO - 2 e 9 SET

8 OU 15 DIAS

DUBROVNIK

PARTIDAS: 5, 12, 19 e 26 DE AGOSTO - 2 e 9 DE SETEMBRO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

ROMÉNIA

7 DIAS DE VIAGEM COM PENSÃO COMPLETA

PRAIAS DO MAR NEGRO

ROMÉNIA E BULGÁRIA

TRATAMENTO GERIÁTRICO 14 DIAS

Partidas: 5, 12, 19 e 26 JUL - 2, 9, 16, 23 e 30 AGO - 6, 13, 20 e 27 SET - 4, 11, 18 e 25 OUT

TRÊS CAPITAIS BUCARESTE - BUDAPESTE - BELGRADO

14 DIAS - Partidas: 19 JUL - 16 AGO - 13 SET

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

HUNGRIA • POLÓNIA

CHECOSLOVAQUIA

10 DIAS

BUDAPESTE • VARSÓVIA • PRAGA

PARTIDAS: 15 JUL - 5, 12, 19 e 26 AGO - 2, 16 e 30 SET - 14 OUT

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Alvará 35 - OPERADOR TURÍSTICO

MADEIRA

1 SEMANA

TODOS OS DOMINGOS

Todas as segundas, quintas, sextas e sábados de JUL a OUT

PORTO SANTO

PARTIDAS SEMANAIS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

**Sete
Ponto
Sete**



A desforra do Che

Pág. 2



A propósito de Darwin

Pág. 4 e 5

Sociedade

Indios Huicholes: peregrinação do Peyote

Teresa Mesquitela

M importante e ocupa o seu cargo durante cinco anos. Apegados às suas tradições e aos seus cultos, os índios Huicholes conseguiram preservar uma cultura singular, onde o homem e os elementos mantêm perfeito diálogo. Sob os efeitos alucinógenos do peyote, o «mar'akame», o único que tem comunicação directa com os deuses, estabelece contacto com «Kayaumarie», o veado sagrado, que o ajuda a descobrir os males que afligem o seu povo. Quando fica em transe o «xamã» pode também encontrar a alma de um morto recente e trazê-lo, em forma de borboleta, de volta ao convívio da sua família.

EXICO, Sierra Madre Ocidental. Dez mil índios Huicholes.

A natureza que torna quase impossível o acesso ao seu habitat, estes índios mexicanos souberam resistir à educação cristã. Para estabelecerem contacto com os deuses, os Huicholes utilizam um cacto, peyote (1), um alucinógeno poderoso que os deixa leves e prostrados, que, segundo eles, possibilita a purificação necessária à comunicação.

Como o peyote não nasce nas regiões frias, os Huicholes, organizam uma expedição anual, para irem buscá-lo no deserto de San Potosi, distante perto de 800 quilómetros da região das serras.

A peregrinação é por si mesma uma homenagem aos deuses, já que realizá-la exige enormes sacrifícios. O líder da peregrinação é o «xamã», cantor do tempo, que é considerado o responsável religioso mais

grinos voltarem a um estado de inocência pré-natal. Este requer que todos os presentes, homens e mulheres identifiquem, pelo nome e em público, todo e qualquer parceiro sexual tido desde a puberdade.

Para iniciar-se o «peyotero» precisa o Huichol de desenvolver duas personalidades durante a sua longa peregrinação. Uma é a personalidade divina, interior, que se torna mais tangível à medida que o viandante se afasta da sua realidade quotidiana. O esforço físico de muitos dias, caminhando sem beber água até à noite (frequentemente passada em vigília), faz com que as necessidades do corpo passem a um nível secundário, estimulando o espírito a manifestar-se para substituir a energia declinante. O peregrino renasce com um novo nome de acordo com a nova personalidade.

Esta outra personalidade, exterior e profana, desenvolve-se para ocultar do destrutivo olhar público a intensa realidade interior. A compreensão da gravidade e do grau sagrado da empresa em que está envolvido,

bem como da importância desta para o bem-estar do seu povo, mantém-no num estado emocional febril, através de danças e cantares incessantes e a observância de inúmeros rituais ao longo do caminho.

Tendo nas costas o clássico cesto onde guarda as suas poucas provisões e os seus objectos rituais, o peyotero ou peregrino huichol vai em busca do «Veadão Divino» (peyote). Esta peregrinação mística ao peyote é uma das manifestações religiosas mais complexas e surpreendentes da América indígena.

Na sequência dos ritos que se seguem, na região do peyote e depois no regresso, na Sierra, os índios Huicholes saturam-se com «peyote», mascando-o incessantemente durante noites e dias seguidos, dormindo pouco e comendo mal, até que todo o meio ambiente, natural e social, e a sua relação com o indivíduo tomem uma dimensão totalmente mística. O sistema metabólico foi alterado, e é neste estado místico que os xamãs interpretam as visões — as suas e as dos outros —, de acordo com as tradicionais normas cul-

turais e a visão do mundo mágico animista que impregna a ideologia do huichol.

Peyote

O peyote é popularmente identificado com o seu alcalóide mais conhecido, a mescalina, mas, no entanto, a mescalina é apenas um de mais de trinta alcalóides diferentes que foram até hoje isolados.

Peyote, planta alucinogénica extremamente complexa, cujos efeitos incluem não apenas imagens brilhantemente coloridas, como também auras brilhando difusamente, e ainda sensações auditivas, gustativas, olfativas e tácteis, conjuntamente com a ausência de peso, ou a percepção do espaço e do tempo.

O culto do cacto entre os índios Huicholes sobreviveu à repressão colonial. Estabeleceram-se missões mas os índios resistiram, com êxito, à conversão. Os poderes sobrenaturais e terapêuticos do peyote que antigamente lhe eram atribuídos permaneceram intactos.

Actualmente, no México, há muito que se vende peyote em grande número de mercados erivanários como uma planta medicinal muito apreciada. Um xamã huichol, ao ser entrevi-

tado por um jornalista que denominou o peyote de «droga», retorquiria com indignação: «... a aspirina é droga, o peyote é sagrado».

Com efeito, o peyote, é empregue terapêuticamente contra uma variedade de doenças físicas, toma-se para aliviar a fadiga e é frequentemente tomado apenas pelo prazer das suas sensações psíquicas.

Os índios Huicholes tomam a planta alucinogénica de duas formas. Uma é o próprio cacto fresco, inteiro ou cortado em pedaços, forma na qual é equivalente à carne de veado. A outra, é o cacto esmagado ou moído e misturado com água. Esta última combinação simboliza, entre outros significados, a simbiose ou interdependência da estação seca e da estação húmida, caça e agricultura, macho e fêmea (sendo o cacto o macho e a água a fêmea).

Os índios Huicholes tomam o peyote, como eles próprios dizem: «para encontrar a sua vida...»

(1) Peyote — alucinógeno poderoso que deixa quem o come num estado de leveza e prostração. É um cacto do deserto, do qual se extrai o psicotrópico chamado mescalina.

A desforra do Che

CHE GUEVARA tinha desapa- parecido havia quase dois anos a fim de se bater, segundo as suas próprias palavras noutras sierras do mundo, quando em Abril de 1967 se soube de repente que ele dirigira à organização de solidariedade tricontinental de La Havana e uma mensagem pedindo aos latino-americanos que ajudassem o Vietname — o do Norte, então em guerra com os Estados Unidos — a criar nos seus países dois, três, vários vietnames.

O «Che» não era o único inventor da fórmula, visto Fidel Castro ter empregado quase a mesma, meses antes: *Quando houver no mundo cinco ou seis vietnames*, dissera ele, *as agressões dos imperialistas não bastarão para derrotar todos os povos que combatam pela sua libertação*. Mas era necessária a legenda do «Che» para fazer desse «slogan» a faulha que, segundo Mao, *pega fogo à pradaria*.

No entanto, nem a pradaria nem a sierra arderam. Na altura, Moscovo não apreciava muito a tendência de Fidel para dar lições de revolução. A maior parte os PC's da

América Latina contestavam a oportunidade da luta armada. Nesse mesmo mês de Abril, Guevara, a quem Regis Debray se juntara na guerrilha boliviana, escrevia no seu diário: *O nosso isolamento continua total. A base camponesa não se mexe. Segura pelo medo*. Não era só o medo. Gerard Chaliand fez notar oportunamente que os combatentes tinham um conhecimento *mediocre do terreno social que queriam mobilizar* (...). *(Ora) no mundo índio, esmagado pela miséria fisiológica e profundamente destruído, o espanhol — o branco — só provoca desconfiança, por razões históricas evidentes*.

Em Setembro desse mesmo ano de 1967, a notícia da morte do «Che», acolhida com cepticismo até que Fidel Castro a tivesse confirmado, pareceu ser um dobre a finados sobre esses novos vietnames que ele reclamara. Ora eis que hoje a Imprensa americana denuncia em colunas de jornal e em missões de televisão, a vietnamização em curso do istmo caraiíba, e Shimon Perez, o líder da oposição israelita, escreve no «Times» de 26 de Julho um artigo com um enorme título: *O Líbano não deve tornar-se o nosso Vietname*.

Um desenho publicado pelo «US News» mostra o Tio Sam a mergulhar no lodo com um pé no Médio Oriente e outro na América Central, enquanto que um espectador, em terra firme, exclama: *Felizmente só tem dois pés! É a altura de lembrar que a doutrina militar*

americana afasta desde há muito a ideia de fazer duas guerras ao mesmo tempo: uma e meia, quanto muito.

Os Estados Unidos poderiam, de resto, fazer uma única guerra? Da que fizeram durante seis anos no Vietname, e na qual em dada altura ocuparam uns quinhentos e quarenta mil homens, tirou o povo americano a conclusão de que ela não se devia repetir a nenhum preço.

De súbito, eis Kissinger incitado a utilizar todos os recursos do seu espírito inventivo para evitar uma catástrofe na América Central. Reagan, que inveja a sua notoriedade, dissera, no entanto, em tempos, que *o seu principal título de glória era ter obtido o direito de vender Pepsi Cola na Sibéria*. Por que foi então buscá-lo? A acreditar no «US News» já citado, essencialmente para chamar a atenção do público americano para a gravidade dos problemas de uma região de que se desinteressa a ponto de muitas vezes ignorar onde se situa El Salvador.

O antigo secretário de Estado, que partilha os pontos de vista pessimistas de Spengler sobre o declínio do Ocidente, não pode deixar de se sentir impressionado, neste caso, com o dos Estados Unidos ou, pelo menos, com a sua capacidade de luta armada. Durante este século os Estados Unidos intervieram militarmente umas quarenta vezes no hemisfério. A última vez foi em São Domingos, em 1965, com o objectivo de evitar que a an-

tiga Hispaniola de Cristóvão Colombo se tornasse outra Cuba. Johnson expediu vinte e três mil «marines» e páraquedistas. Toda a gente se indignou, a começar por De Gaulle, mas ninguém fez nada, e a pequena república entrou de novo no aprisco.

Hoje vemos Reagan obrigado a recorrer a manhas de sioux e a auxílios estrangeiros para contornar uma Câmara dos Representantes determinada a não deixar, a nenhum preço, o país entrar numa engrenagem de tipo vietnamita. Ele próprio definiu o desafio: *A segurança nacional dos Estados Unidos está em jogo na América Central. Se ali não pudermos defender-nos, não podemos esperar fazê-lo noutra parte*. A nossa credibilidade ruiria, as nossas alianças voariam em cacos e a segurança da nossa pátria seria posta em perigo. Por outras palavras, isto significa que é preciso fazer tudo para evitar que El Salvador caia nas mãos de guerrilheiros de tendências fidelistas cada vez mais confesos.

O «New York Times» resumiu o melhor possível a situação em El Salvador: *trata-se de um pequeno país que durante muito tempo foi mal governado, cujos dirigentes, fracos, são incapazes de vencer a revolta marxista e o contrateror de direita*. A Câmara não é a única entidade hostil ao envio de tropas americanas. O general Mayer, que acaba de se reformar de presidente do Comité de Chefes de Estado-Maior, declarou: *Não vejo que*

solução militar americana poderia, de momento, propor... A guerrilha baseia-se nas legítimas preocupações do povo...

Quanto a Kissinger, mal tomou posse das suas novas funções, declarou: *Ninguém deve acreditar que cada problema no mundo é causado simplesmente ou até principalmente pela URSS. Em muitos lugares do mundo, especialmente nas regiões subdesenvolvidas, há uma necessidade de reformas que produziu tensões políticas e sociais*.

Esta linguagem não é da Casa Branca. Quem fala ainda do Plano Marshall para o istmo, de que se falava há alguns meses?

Reagan declarou, o mais abertamente possível, que era preciso derrubar o regime de Manágua, culpado de alimentar a revolução salvadorenha. E a CIA forneceu largamente armas e dinheiro aos contras, os contra-revolucionários nicaraguanos, vindos das Honduras e da Costa Rica. O voto da Câmara dos Representantes cortando os fundos destinados aos contras, pode ser evitado por um veto presidencial, mas reflecte um determinado estado de espírito.

Muitas razões de fundo justificam um tal voto, mais que não fosse a recusa do maniqueísmo elementar de Reagan. O que não impede que ele dê a Andropov e aos seus amigos de La Havana e da Manágua o sentimento de que estão à vontade. A URSS, pelo menos, intensifica as suas entregas de armas à Nicarágua e,

através dela, aos rebeldes salvadorenhos. Daí a crescente inquietação de Reagan que já vê o incêndio aproximar-se e ameaçar o canal do Panamá e a fronteira meridional dos Estados Unidos.

Para tentar dissuadir Andropov e Fidel de tirar partido da situação, resta-lhe fazer cinema, no que é perito: linguagem violenta, envio de uma força naval para o largo da Nicarágua, de soldados para as Honduras, e, claro está, de vez em quando, palavras mais conciliadoras para mostrar que se sabe muito bem dar o pão e o ensino. Mas o resultado podia resultar oposto ao objectivo desejado.

Castro responde-lhe no mesmo tom, o que prova que não toma muito a sério os seus olhos muito abertos. Mas uma parte da opinião pública americana mostra-se emocionada, receando uma guerra entre a Nicarágua e as Honduras, o que permitiria a Casa Branca invocar a necessidade de dar assistência a um aliado em perigo. Ou ainda que o presidente tente tirar partido de qualquer incidente, e até a provocá-lo, a fim de ultrapassar a alergia da opinião a todo e qualquer envio de combatentes americanos. Tanto mais que ele teve a infeliz ideia de responder a alguém: *afinal de contas, você sabe, eles fizeram saltar o Maine*, querendo dizer com estas palavras que não sabia se os Estados Unidos não seriam um dia obrigados a responder a qualquer provocação.

Infernos

O retrato imaginário de... Lucrécia

E

STA tudo calmo esta manhã no campo romano, de uma calma que faz pensar no vazio para lá do qual se encontram os deus. Chegou o momento de eu apreciar globalmente o meu projecto. Neste texto, vou escrever um breve resumo, mas é certo que queimarei de seguida este documento. Só deve ficar o poema. Está aqui, sob os meus olhos. Continuo, oito dias depois, a repetir as últimas e as primeiras estrofes. As últimas: «Muito cum sanguine saepe rixantes potius quam corpora desererentur». As primeiras: «Aeneadum genetrix, hominum diumque voluptas»...

Penso que é tudo muito claro. A volúpia, a morte, a chegada dos corpos e o seu fim, o prazer que reconcilia e a peste que desagrega, tracei o círculo, percorri-o.

Nada saberão da minha vida, pois tomei precauções elementares. Provavelmente, dirão que eu era louco: que me matei. Sempre o mesmo método. Quando alguém escapa à sua vigilância, e à sua malevolência infatigável, recorrem à grande exclusão: um monstro, que é o que serão compelidos a lançar no meu «curriculum». Teriam preferido o silêncio completo, a desapareção integral, mas o poema está aí, existe, e circulará, e eles sabem que não poderão deitar mão a todas as cópias, pois o nosso grupo ainda é suficientemente poderoso para as ocultar e difundir. Terão, assim, que me inventar, já que não me podem refutar. Imagino daqui o seu trabalho de deformação nos anos vindouros e ao longo das eras. Que importa? De resto, eu nem sequer estou na mesma dimensão do tempo.

Um escrito não é nada, se não implicar uma adesão racional baseada no entusiasmo pela mais árdua verdade, e simetricamente o ódio proveniente da mentira que convém à maioria e aos que dela desfrutam. O que eu disse, nunca eles o admitiriam. O que eles disserem, todavia, será infinitamente contestado pela minha demonstração. Sempre insisti, como o nosso próprio Mestre, na necessidade de reservar a nossa doutrina para os mais nobres e os iniciados. Infelizes de nós, se um dia, após mil perseguições, um qualquer tribuno da plebe se decidisse a aprovar as nossas ideias, e a servir-se delas para dominar a cidade. Grande seria o risco, nesse momento, de um terror exercido pelo desespero, e baseado nele. Porque, do mesmo modo que a nossa visão implica o máximo de liberdade



para aquele que sabe penetrar nela e calar-se; assim também ela poderia provocar a pior escravatura se fosse utilizada pelo poder de ressentimento medíocre e perverso, ou pelo fanatismo policial.

O que defendemos é insuportável para a maioria. E todavia,

um esforço pendido sobre si mesmo. Porque cada um entre nós, constituído como é da mesma massa apaixonada, adere a esta paixão. Os nós suceder-se-ão aos nós, as ilusões às ilusões, as crenças às crenças. E no entanto, invencivelmente, a nítida consciência

Philippe Sollers

foi necessário assumir o risco de o revelar. Mas esta revelação só pode ser transmitida boca a boca, e assim me posso exprimir, ela visa-te pessoalmente a ti, leitor, e apenas a ti. Não somos filósofos como os outros, ainda menos escritores ou poetas, cuja superficialidade acrescenta preciosos ornamentos à filosofia. Não: a nossa verdade está simultaneamente para além da filosofia e da poesia. É a ciência prestes a falar melodiosamente ao ouvido humano. Nunca a ciência poderá declarar que estávamos errados, tal é a minha certeza. Talvez distribuamos provisoriamente erros, mas eles acabarão por se dissipar, e a nossa doutrina nem sequer será afectada por isso.

Convém voltar de novo ao momento do recomeço: o mundo não é eterno, terá um fim; os astros não nos são em nada superiores, muito pelo contrário; os deuses são insensíveis à benevolência e à cólera; o pensamento deve estender-se para além do vazio, do infinito, dos átomos e do declínio que os liga. O maior criminoso será, assim, aquele que fizer a apologia do **religio, do modus** e do nó. O reconhecimento deste signo é infalível. O que ele pretende é mergulhar contigo no sombrio prazer da morte imortal. Vampiro fácil de desmascarar, segundo nós, mas não sem

da inanidade universal e livre, trazendo os seus turbilhões de corpos elementares, virá de novo ter com alguns, para o recuperar.

Não somos deste mundo

Quem sabe? Uma época virá, possivelmente, em que pelo desenvolvimento sem fronteiras da técnica, os homens poderão observar essas partículas de que tudo é feito. E criticaram-nos tanto por invocar fantasmas! Invenções da nossa imaginação superexacerbada! E ainda se nós só falássemos de substâncias dos mundos! De sóis ou mineiras! Mas a sua sanha, é evidente, provém sobretudo da nossa lucidez quanto ao amor. Que nós tenhamos cristalina-mente descrito o papel e a força do sêmen, os simulacros que se sucedem, os sonhos que daí decorrem, as vaidades e os apetites que se desenvolvem e assolam os destinados a partir do nada, nisso está o escândalo.

Mas ainda uma outra vez, quem sabe? Quem pode saber se não virá o tempo em que poderemos ver claramente o mecanismo gerador? A conjunção do macho e da fêmea? O princípio da fecundação? Tudo um pouco mais longe ainda: não poderemos pensar que será possível

induzir comparações e enxertias? Fabricar a vida de todos os elementos a partir de líquidos que trazem em si essa necessidade? Loucura! dizem eles. Ou ainda: horror! Mas como eles estão interessados em manter este mistério em que a sua vaidade se prende! Como eles amam os seus charlatães, escritores, padres e filósofos! Arruinamos até à raiz essa pretensão delirante. Mostrámos, com provas aduzidas, que a existência não tinha qualquer razão fundamental, nenhuma justificação em si mesma. Destruímos todos os nós apresentados como laços respeitáveis. E em primeiro lugar, possivelmente, o incrível e lamentável poder do espelho sobre o centro nervoso da nossa condição efêmera. Tal é o orgulho e a cegueira terrestres!

O nosso orgulho, esse, está perfeitamente justificado. A maior humildade o garante. Olho para o meu manuscrito. A disposição das palavras e das letras é rigorosa. Fala da colocação de tudo o que se pode ver, ouvir, tocar, sentir e falar. Uma mesma regra combinatória articula os fenómenos físicos e o entrelaçar das frases. Ainda mais: eu sei que graças ao infinito, esta constatação já teve lugar. Eu já me produzi, vivi, pensei isto, tracei estes sinais e não conservo qualquer memória deles. A morte introduziu entre mim e eu, um corte total. Em que língua escrevi já este hino perdido? Não sei. Em que língua, em que ambiente futuro, será de novo escrito por mim, que não terá a menor recordação do eu que existe neste momento? Impossível de prever. Utilizaremos unicamente estes mesmos caracteres? Roma será em Roma? Haverá ainda alguém para conhecer o segredo de Vénus?

A nossa escola pode ser dispersada, vencida. É a ordem das coisas. Fiz o que devia ter feito: ritmar os seus conhecimentos, para que sejam transmitidos e apreendidos pelo coração. O sol tomba no ocaso, agora. A sombra começa a adensar-se sob o grande pinheiro que cobre a villa onde estou refugiado. Sei que eles me procuram. Sei exactamente quem, porquê e como uma velha história! Encontrar-me-ão só. Prescrutirão por todo o lado, sem encontrar o documento que lhes ordenaram para recuperar a qualquer preço, antes de me terem morto. Talvez me torturem, os infames? Não é assim muito grave, pois o desvanecimento salvá-los da dor imensa. Penso mesmo que poderei estimular-me a acabar com tudo, a partir de dentro, por uma espécie de paragem do alento, vital como nos foi ensinado por um dos nossos adeptos médicos. Não, não conseguirão pôr-me louco. Não, não me suicidarei. É simplesmente a velha prisão humana que se encerra sobre si mesma, para perpetuar a sua impostura. Não somos deste mundo. Dissémo-lo. Voltaremos a dizê-lo um dia.

François Truffaut e certa tendência do cinema francês

É

inegável o encanto do cineasta François Truffaut. Acabou de estreiar o seu último filme, «Vivement dimanche», em Paris e deu uma entrevista ao «Nouvel Observateur» de 5 a 11 de Agosto de 1983. Nessa entrevista, onde com certa volúpia nos dá um retrato profissional de si próprio, a que remetemos o leitor mais interessado, refere-se, entre outros assuntos, ao início da sua carreira cinematográfica como polemista nos «Cahiers du Cinéma» dos anos cinquenta. Tenho em minha posse o exemplar dessa revista onde escreveu o célebre artigo «Uma certa tendência do cinema francês», publicado no n.º 31 de Janeiro de 1954. Quase trinta anos decorreram, desde que iconoclasticamente derrubou a geração dos cineastas franceses do pós-guerra, com excepção de poucos anunciando assim pelas letras a «nova vaga» que cinco anos depois tomara o poder das imagens cinematográficas. As poucas excepções, eram Renoir, Bresson, Tati, Cocteau, Becker, Ophüls, Gance e Leenhardt. Os homens a derubar, Clément, Delannoy, Autant-Lara, Allegret, etc. Havia cento e tal filmes por ano em França nessa altura e, desses, destacavam-se uma dúzia a que se punha pomposamente o lema de filmes de «tradição da qualidade». Era contra este lema que Truffaut afixava a caneta e soltava os dragões da imaginação, montado a cavalo num outro que opunha e se faria celebrê, o de um «cinema de autores». Qual é pois o valor de um cinema antiburguês feito por burgueses, para burgueses? Era esta a pergunta essencial do homem que (como dizia recentemente um seu companhei-

Manuel Carneiro

ro da «nova vaga», Jacques Demy) tem hoje um escritório na Avenida dos Campos Elísios em Paris. Para um jovem com vinte e dois anos, a idade de Truffaut na altura em que escreveu o seu manifesto, é inegável o talento literário do seu texto e verdadeiramente excepcional o raciocínio polémico, apesar dos exageros e injustiças para com filmes de alguns realizadores. Por exemplo, «Brincadeiras proibidas», de René Clément, um filme muito importante, e que os «oficiais» do Festival de Cannes escorraçaram em 1952, por causa do seu autor ter claras inclinações progressistas em plena época da guerra fria. Que dizia Truffaut, a que um mau crítico português chamou de Trafalgar, durante as filmagens no nosso país do seu filme «La peau douce», que dizia ele de «Brincadeiras proibidas»? Afirmava o seguinte: «Emporcalham-se sem ter direito».

Não seria bom esquecer que Clément era o autor da «Batalha do rail», grande prémio do primeiro festival de Cannes, em 1946. Foi com muita preocupação que os directores dos «Cahiers du Cinéma» publicaram o artigo-manifesto de François Truffaut. Doniol-Valcroze souou com os telefonemas de indignação que choveram na redacção após a saída das quatorze páginas consistentemente difamatórias do «jovem turco», insubordinado filho de pais divorciados, apadrinhado por André Bazin. Mas François Truffaut protegia-se bem: nunca atacou Jean Renoir, esse sim o cineasta oficial da Frente Popular, inclusive querido dos comunistas. Entretanto, René Clément, anos mais tarde enveredaria pelo comercialismo cinematográfico, o que viria a diminuir a sua importância global como valor seguro da cultura francesa. Truffaut derrubou Clément. O risco era grande na altura, mas ganhou a aposta. No entanto, recusaria recentemente, pouco tempo antes da morte de Aragon, a adaptação de um seu livro para o cinema. Globalmente, a obra de François Truffaut é manifestamente positiva e um hino ao amor no cinema mundial. Embora ele seja preferencialmente um cineasta pró-occidental e muito moderadamente de esquerda (quem não o é em França?), os seus filmes são vistos e admirados em Moscovo. Na «Noite Americana», onde desempenha o papel de um realizador, com um aparelho atrás da orelha como homenagem a Bunuel, diz não estar interessado «nem em filmes políticos nem em filmes pornográficos», induzindo daí o espectador que o autor tem aversão quer à política da pornografia quer à pornografia da política. Nos anos sessenta, quando lhe perguntaram porque é que não lhe interessavam os problemas sociais, respondeu que para isso havia em França meia dúzia de cineastas comunistas e cerca de quinze esquerdistas. Penelope Huston, directora da revista inglesa «Sight and Sound», diz no seu livro «O Cinema Contemporâneo» publicado em 1963 (traduzido para Portugal por José Vaz Pereira, em edição da «Ulissea»), que Truffaut já não sei bem em que festival saíra a meio do filme indiano «Pathar Panchali», hoje considerado uma obra-prima de Satyajit Ray, dizendo que estava farto de ver arrozais e mais arrozais. Mas um aspecto simpático dos seus filmes e das suas declarações é o seu anticlericalismo. Nesta entrevista recente ao «Nouvel Observateur», não diz ele que «desde que vê o céu, deixa de crer», afirmação que lhe valeria de resto a promoção em título? Foi André Bazin, um católico de esquerda, que em crise de fé o iniciou na «ordem» cinematográfica. Curioso que nesse artigo inicial, que valeria a Truffaut o ser imediatamente conhecido nas duas margens parisienses, onde à frente de um «bock» se discutia, de «Gauloise» na mão, o futuro a dar aos cineastas da «tradição da qualidade», se enterro de primeira se caixão em vala comum, curioso que nesse artigo ele ataque o argumentista Jean Aurence, a respeito de uma passagem em que uma católica em crise cospe uma óstia para o missal e a mostra ao padre. Era assim há trinta anos a política de um autor, que hoje nos dá «Vivement dimanche».

A propósito de Darwin

Jacques Ruffié e a evolução... hu

A selecção natural não diz respeito ao indivíduo mas a toda a população: Jacques Ruffié, médico e biólogo, quer dar ao darwinismo a sua força revolucionária

M

ÉDICO e biólogo, Jacques Ruffié é professor no Collège de France e na New York University. Trabalhou na genética das populações, através do estudo do sangue. Entre outras obras escreveu *De la biologie à la culture* (Flammarion), e, recentemente, *Traité du vivant* (Fayard), assim como um ro-

facto, Charles Darwin aplica à natureza as categorias do seu tempo. Vive-se num mundo de capitalismo selvagem, de *laissez faire*. Darwin transpõe essa concepção para o ser vivo.

— **Darwin vai buscar essa ideia de regulação a um economista que também é pastor: Malthus...**

— Com efeito, Darwin, que fez primeiro estudos de medicina, orientou-se depois para a tecnologia. Deixa isso tudo para dar a volta ao mundo. Quando visita as Galápagos nota que cada ilha tem a sua própria fauna e a sua própria flora. Nessas ilhas vulcânicas recentes encontram-se tartarugas muito semelhantes às que se encontram no continente sul-americano. Ele percebe que uma espécie se diversificou em cada ilha sob o efeito da selecção natural, da pressão selectiva.

— **Essa descoberta é notável se se pensar que nesse tempo não se sabia nada das leis da hereditariedade, que só seriam descobertas muito mais tarde por Mendel.**

Christian Descamps

mance histórico: *Historire de la louve* (Flammarion).

A partir do estudo preciso de Charles Darwin, Ruffié mostra como muitas vezes se tentou desviar os conceitos da selecção natural e da luta pela vida. Para ele a unidade do mundo vivo diz menos respeito ao indivíduo do que a toda a população. Contra a tipologia das raças, a sua visão — mais conforme com os apoios dados pela genética actual — diz que o *homo sapiens* pode inventar outros horizontes. Contra um certo neodarwinismo que fornecia argumentos aos principais excessos racistas, Ruffié propõe inventar outro modelo de civilização, uma nova ordem mundial.

— **Charles Darwin inventa uma nova leitura do vivo, um novo esquema da evolução. No século das grandes filosofias da história, essa descoberta teve duas leituras. Por um lado via-se nela a apologia da competição «liberal», por outro lado, Marx tira dela uma legitimação científica da luta de classes.**

— Mais do que de Darwin, falarei da visão darwiniana. Erasmo Darwin-o avô, que seria ocultado pelo brilho do neto — é uma personagem extraordinária. Influenciado pelos Esciclopistas é um revolucionário partidário das revoluções francesa e americana. É anti-esclavagista. Evolucionista convicto, tinha, antes do neto, pensado que o homem descendia de certos macacos. Deram-lhe o nome de darwinismo antes de Charles ter publicado a *Evolução das espécies*. De

XIX abandona pois a fúria classificatória de Lineu.

— É uma revolução fantástica, passa-se do fixismo para o transformismo. O transformismo pode levar a cortar a cabeça ao rei, a inventar a revolução industrial, republicanos liberais, etc. O essencial é que tudo se move. Durante vários séculos a Igreja exerceu uma ditadura muito dura. Ainda em 1709 um padre dominicano foi queimado vivo em Toulouse por ter defendido a ideia de que o homem talvez descendesse do macaco. E, como sabe, ainda recentemente nos Estados Unidos, alguns condenaram o darwinismo.

— **Depois da revolução de Copérnico e Galileu, Darwin modifica o campo do pensamento afirmando que o homem é, num sentido, um animal como os outros. Freud via aí as duas primeiras feridas infligidas ao narcisismo humano.**

— Embora tenham uma importância considerável, Copérnico e Galileu não modificam o lugar do homem. Com o transformismo, o homem é um produto da evolução, é uma verdadeira mutação conceitual.

— **Que será completada com o aparecimento da genética...**

— A genética vai dizer que a variação está ligada à mutação. Darwin encara as variações como coisas pequenas. A evolução é gradualista ao passo que mais tarde, para os mutacionistas, ela será brutal. Hoje sabe-se, graças à bioquímica e aos factores sanguíneos, que as mutações são por vezes de fraca amplitude.

— **Mostra como um sistema que se complexifica acaba por chegar a um termo. Ir mais longe na ordem dos vivos é agrupar unidades pré-existentes em «superindivíduos» entre os quais aparecem novas qualidades.**

— Repare, por exemplo, nas macromoléculas com capacidades de auto-reprodução. Em dado momento, demasiado grandes, elas quebram-se. Então agrupam-se em macromoléculas especializadas. Formam uma célula que tem no centro as macromoléculas informativas. É então que surge um fenómeno novo: a sensorimotricidade. Depois de milénios a célula está no seu máximo. Depois as células agrupam-se permitindo criar superindivíduos dotados de qualidades novas. Mas o superindivíduo também por sua vez vai atingir o seu máximo.

— **As sociedades vão então reagrupar esses conjuntos...**

— Claro que sim. O social serve para ir mais longe. Repare na colheita de um insecto solitário e no que colhe a obreira de uma colmeia.

— **Passemos ao humano. O homem é um omnívoro oportu-**

tunista a quem tudo serve. Tem havido muitas polémicas acerca das suas relações com o meio.

— Essas discussões deram-se sobretudo com os filósofos. Penso que o erro de Wilson e da sociobiologia é querer aplicar ao mundo humano o modelo dos insectos.

— **A sociobiologia seria a última encarnação da teoria selectiva?**

De facto nenhum geneticista toma essa teoria a sério. Ela não faz mais do que reciclar um velho neodarwinismo, o da luta entre os genes egoístas e os outros. Ora sabe-se hoje que se encontram em todas as populações os alelos mais variados (1). De facto, e quando se olha para os dois ramos do phylum evolutivo damo-nos conta de que elas evoluíram em modelos diferentes. É perigoso ver reduzir um ao outro. A sociedade de insectos é um superindivíduo com comportamentos inatos, inscritos em programas genéticos. A abelha sabe como recolher o pólen, sabe dançar. É perfeito mas é sempre igual. Pelo contrário, na espécie humana, não cessamos de inventar e de mudar.

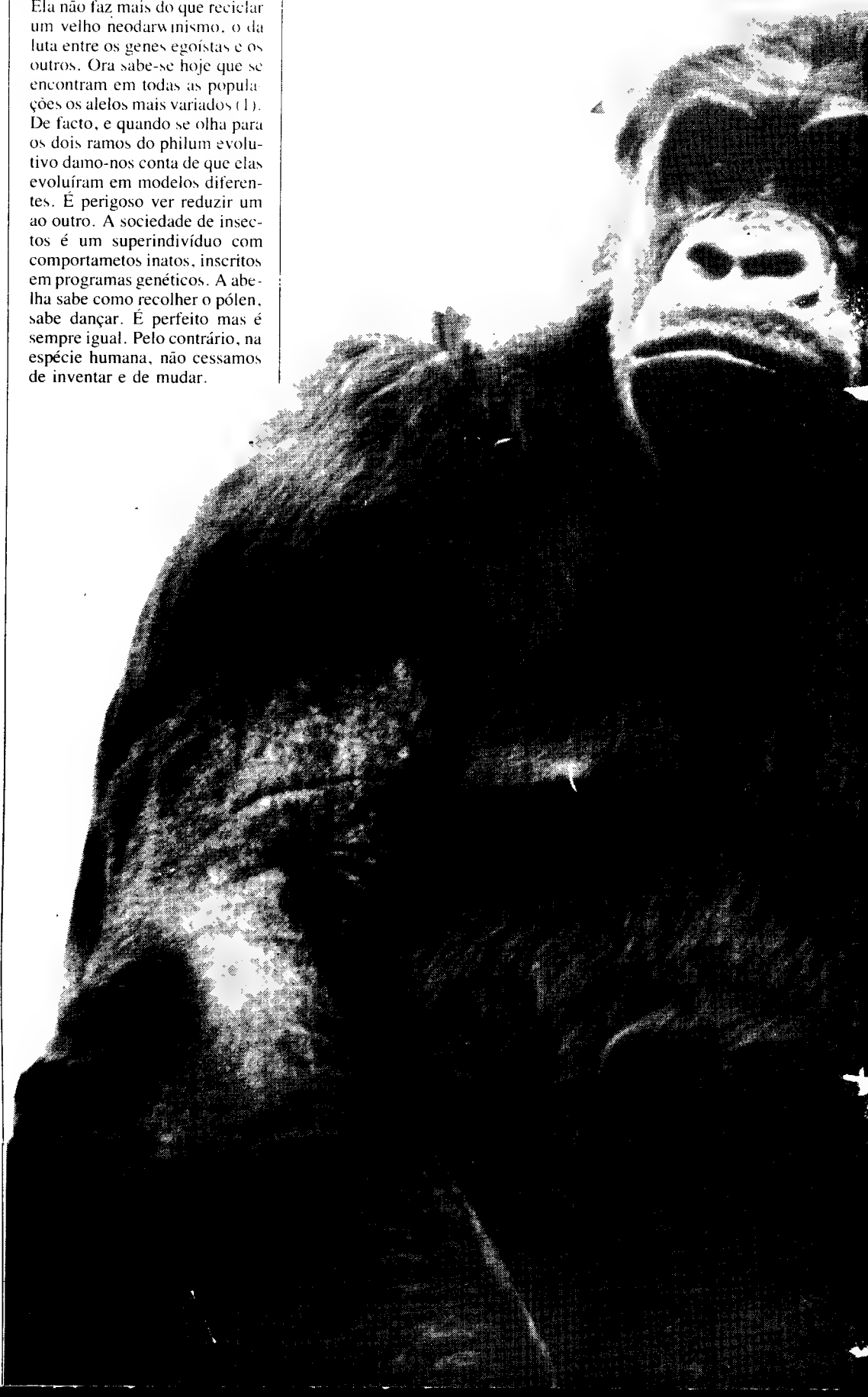
— **No reino animal assiste-se à substituição do programa genético por comportamentos adquiridos.**

— Sim, mas nos animais de sangue quente — e principalmente no homem — o que é essencial é a capacidade de se desfazer do casulo da A.D.N.. No homem tudo é desmultiplicado graças à educação.

cado graças à educação.

— A grande revolução biológica contemporânea seria a descoberta do polimorfismo genético?

— Trata-se de uma noção nova que faz da população a unidade de base da espécie. Pensar em termos de população e não em termos tipológicos, é



ias

imana

formular uma teoria sistemática da evolução. Uma selecção unificadora seria incompatível com o polimorfismo genético.

Os neutralistas pretendem hoje que a maioria das mutações se mantêm neutras. Só as mutações muito desfavoráveis são eliminadas. Nesta hipótese a selecção é uma prevenção: ela não

inova, mantém. Mas não conhece neutralistas absolutos. Creio que a tese dita seleccionista é muito mais rica visto que pensa em termos de população, de conjunto de indivíduos interfecundos.

O polimorfismo diversifica as aptidões. Ele permite recuar as fronteiras dos nichos ecológicos, alargar os horizontes, multiplicar as possibilidades de sobrevivência, diversificar as concorrências. Se todos os homens desejassem o mesmo tipo de mulher, se se levantassem à mesma hora, tivessem as mesmas aspirações, a sociedade humana seria um inferno.

— **Faz a apologia da diversidade. Assim, a mestiçagem seria uma possibilidade?**

— Se procurarmos um pouco, na história, todos nós somos mestiços. O estudo dos grupos sanguíneos mostra a extraordinária mistura de populações desde o Neolítico. E depois, dos Esquimaux aos Tuaregues há um fluxo genético contínuo.

— **No plano das sociedades humanas, o polimorfismo também oferece vantagens consideráveis.**

— Com efeito, o humano

pode comunicar logicamente com os seus vizinhos. Em face de dado problema, os indivíduos propõem respostas diferentes. Mas, estas respostas, contam-nas eles. O que caracteriza a humanidade é ser feita de indivíduos inteligentes e integrados. Os quatro mil milhões de habitantes do planeta são interfecundos e intercomunicantes. Graças aos media ou à espionagem industrial, uma grande descoberta não ficará durante muito tempo secreta.

— **As grandes civilizações explodiram, de resto, em lugares de contacto: Próximo Oriente, no Sudeste asiático, na Meso-América etc.**

— Quando os homens se encontram, batem-se muitas vezes mas também trocam os seus conhecimentos. É a aventura da cultura humana.

— **Nestes tempos tem-se falado muito das enormes possibilidades de uma revolução biotecnológica.**

— Há mais de dez mil anos que o homem aprendeu a domesticar as plantas e os animais para os fazer reproduzir. Isto deu as raças domésticas que ainda hoje conhecemos. Hoje podemos criar novas espécies domesticando o A.D.N.. Começa-se mesmo a fabricar pedaços de A.D.N., que antes só existiam no espírito do homem. Isto abre possibilidades fantásticas e talvez permita duplicar as colheitas de arroz. A humanidade podia atingir um novo estágio. Estas descobertas podiam permitir desmultiplicar a produção, o que é uma resposta ao problema da demografia.

— **Também fala da vantagem selectiva do prazer. Pondo de parte o desaparecimento, a maior das catástrofes que nos podiam atingir era a perda da sexualidade?**

— Se fôssemos Deus e tivéssemos que escolher entre a reprodução sexuada e assexuada, escolheríamos talvez a reprodução assexuada. É a mais simples... A reprodução sexuada exige dois indivíduos para produzir um terceiro. É difícil, aleatório.

Se a natureza o conservou é porque serviu para manter e renovar o polimorfismo. Cada geração oferece novas possibilidades.

Mas fazer amor exige esforço. É preciso que o macho procure uma fêmea em vez de se deitar a apanhar sol. Depois é preciso convencê-la, ser o mais forte, o mais sedutor. Se não houvesse uma gratificação de prazer, a maior parte dos seres vivos não fariam, decerto, amor por dever. O sexo e a morte são portanto úteis à renovação do ser vivo.

— **Interessado pela história das ideias, desmonta as fantasmagorias de Gobineau.**

— Gobineau é um diplomata que se aborrece numa numa Eu-

ropa que encontra feita. Este contemporâneo de Darwing, interessado pela antropologia, procura a raça superior que teria produzido a civilização, assim como outros faziam faiança. O seu esquema é, de facto, muito simples. Pega num atlas e traça um triângulo entre as grandes civilizações. No centro desse triângulo encontra o Nepal, onde situa os seus demasiado famosos arianos. E, como gosta muito de Wagner e dos alemães, vai encontrar os seus descendentes além-Reno.

— **Darwin mostrou uma grande prudência quanto à aplicação da sua teoria às sociedades humanas. Não foi o caso do seu primo Francis Galton...**

— Com efeito Galton apoiou-se no espírito darwiniano para explicar a existência de raças hierarquizadas. No seu trabalho de 1869, o **Génio hereditário**, considera que as raças humanas se definem através dos caracteres morfológicos. Tenta construir um racismo científico na parte mais baixa do qual se encontrariam os Negros na mais alta os Ingleses, e, mais alto ainda a família Darwin.

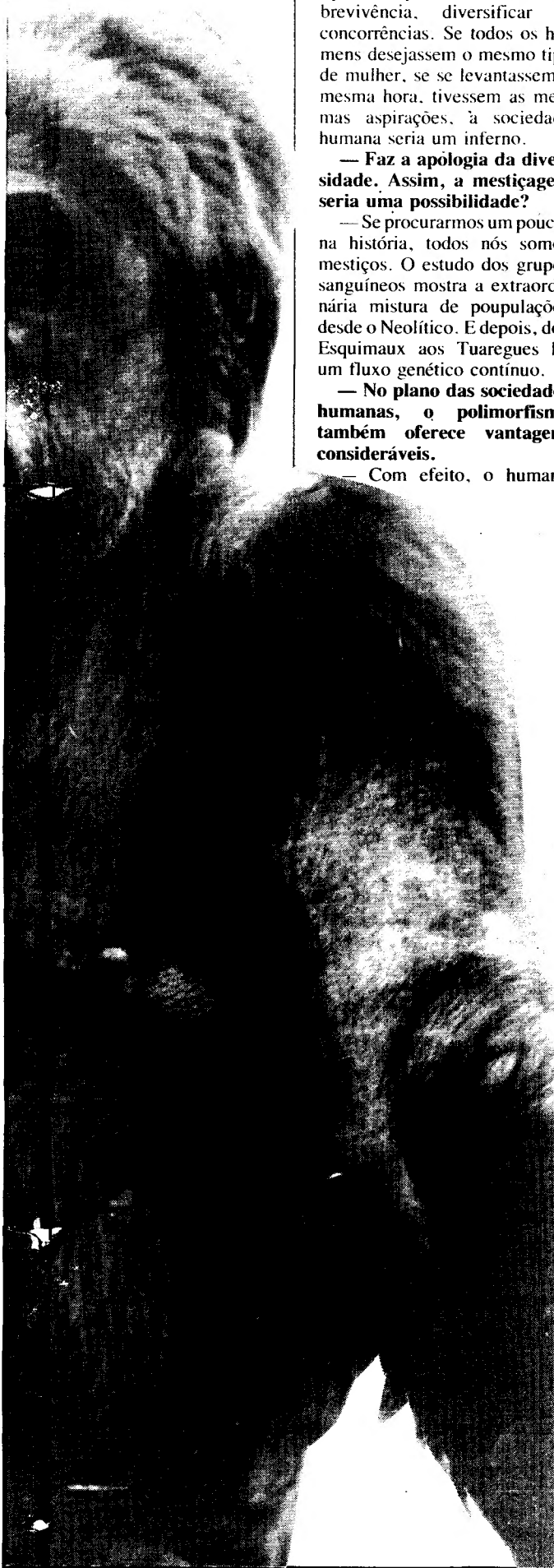
— **Vacher de Lapouge também vai construir um esquema racista juntando-lhe aqui a teoria do anti-semitismo.**

— Godineau preocupava-se essencialmente com a raça superior. Vacher de Lapouge, pela raça inferior; o filho seria, de resto, festejado pelos nazis. Na sua opinião, quanto mais escura é a pele, menos qualidades biológicas existem. É muito mau quando os brancos escurecem um pouco. Mas ainda há pior: os judeus têm maus genes, podem portanto envenenar o sangue ariano. Estas pseudoteorias eram tão estúpidas que ninguém as tomou a sério, até ao dia em que um certo Hitler as tomou à letra.

— **A sua concepção do ser vivo queria, integrando o social, oferecer uma nova imagem da competição.**

— A Humanidade rasgou os seus casulos mas também abandonou os seus freios naturais. Entre os animais não se mata dentro da espécie. Como diz a sabedoria popular, os lobos não se comem uns aos outros. Mas o homem talvez possa — se não se destruir antes disso — ultrapassar as classes e as nações. O desafio da nossa época é ressocializar o conjunto da sociedade. Em lugar das velhas competições, dos esmagamentos, trata-se de praticar efectivamente a complementaridade, de reconhecer como o mais fraco é útil. As culturas são iguais. Um laboratório de Prémios Nobel, um exército de marechais seriam de uma ineficácia total.

(1) Um gene e as suas mutações compõem uma mesma série de alelos.



Paraísos

Índia

O grande medo das grandes famílias

A história começa na Bolsa de Deli dias antes da apresentação do orçamento. O mercado sente-se deprimido. Uma excepção em todo o caso, as acções de Deli Cloth and General Mills, D.C.M., uma empresa que fabrica vestuário produtos químicos adubos, açúcar, computadores, etc. realizou em 1982 um volume de negócios de 4.2 mil milhões de rupias. Na primeira semana de Fevereiro a acção D.C.M., é cotada entre 34 e 36 rupias. Na segunda semana atingiu 39 rupias e no dia 28 de Fevereiro, dia da apresentação do orçamento, mais de 54 rupias, isto é, mais do dobro do seu valor ao par. Os profissionais estão intrigados.

Na mesma altura outro gigante, Escorts (tractores e motos) é vítima de um embaraço semelhante. A empresa, que também figura no pelotão da frente das sociedades indianas, está certo, entre as mais di-

duas das mais importantes tomadas de controlo hoje observadas na Índia. Sobre tudo nenhum parece capaz de suportar depois os impostos que seriam o seu preço.

Resta pois uma única possibilidade: um Indiano residente no estrangeiro, na medida em que os seus eventuais investimentos beneficiam de um tratamento fiscal privilegiado. Pensa-se também nos Lalwanis e nos Shivdassanis (estabelecidos em Londres), nos Harilelas (Hong-Kong), e nos Hinduja (Suíça) alguns dos quais afirmariam mais tarde que tinham efectivamente encarado a hipótese de investir, em acções, 500 milhões de dólares. No entanto, depressa um nome se vai impor, o de Swraj Paul, de cinquenta e dois anos, um industrial indiano instalado há dezassete anos na Grã-Bretanha, de que é cidadão deste país. Tem, com efeito, o dinheiro (os activos do seu grupo são avaliados em mais de 100 milhões de dólares) e um *savoir-faire* que lhe valeu, na praça de Londres, o nome de «rei do controlo».

Assim indentificado o «inimigo», a ameaça surge em toda a sua dimensão. Ela é mortal. Porque a família Ram possui à volta de 10 % dos oito milhões de acções de D.E.M., os Nan-



«Antes de mais, dizia ele com razão, a política do governo que tem como objectivo incitar os não-residentes a investir na Índia, foi sugerido pelos próprios industriais locais», em busca de fundos «neutros» que podem utilizar à vontade... até lhes descobrirem os perigos tornando-se de repente suas vítimas.

«Depois, perguntava Swraj Paul, em virtude de quê pode uma família que só detém uma minoria de acções de uma companhia, reivindicar um direito quase hereditário a assegurar a sua direcção, se não for em virtude de uma concepção feudal do capitalismo que, afirmava, se preocupa mais com os próprios interesses do que com os dos outros accionistas?»

«As sementes de uma revolução»

«Os que hoje gritam «Vem aí o lobo!» e que semeiam o pânico, só visam, com efeito, prosseguir Swraj Paul, preservar um «statu quo» favorável aos seus interesses. Ao investir na Índia, não fiz mais do que responder ao convite do governo, agi por nacionalismo, para dar o exemplo.» «Nunca teria pensado, acrescentava ele, que a direcção destas companhias fosse tão vulnerável. Seja qual for a saída para este caso elas serão obrigadas a acordar.» «Assim, concluiu, graças a mim operou-se uma tomada de consciência na opinião pública. Sim, lancei as sementes de uma revolução, a que consiste em introduzir a democracia no sector privado indiano: é o melhor serviço que eu podia fazer ao meu país.»

Segundo a opinião dos profissionais, Swraj Paul ganhou, pelo menos psicologicamente, a primeira parte de uma batalha que se anuncia implacável.

O choque continuou no terreno jurídico. As duas famílias ameaçadas recusaram registar a transferência das acções adquiridas por Swraj Paul durante a assembleia geral anual de 9 de Junho. A família Nanda aumentou mesmo a sua participação (fazendo-a passar de 15% para 18%) a fim de se precaver contra novos ataques da Bolsa. Está-se à espera do veredicto que será dado depois de dois corretores de Deli terem compeendido a justiça do caso.

Na Índia isto pode levar anos. À guerra de movimento sucederá então uma longa guerra de trincheiras.

(1) Uma rupia = 8500.

(2) As acções na posse de seis grandes famílias indianas (Tata, Birla, Mafatlal, Singhanian, Thapar e Sriram) só representariam 3.3% do capital das companhias que elas controlam. Quanto aos onze grupos mais importantes, o número seria inferior a 1% dos activos.

(3) O governo deteria directa ou indirectamente, entre 25% e 74% das acções em cada uma das principais sociedades indianas.

Patrick Francès

nâmicas do país. Fundada por H.P. Nanda, viu as suas vendas multiplicadas por seis, em dez anos, para hoje atingir 2,4 mil milhões. De Janeiro a Fevereiro, a acção Escorts passa de 40 para 54 rupias. Em Março as coisas aceleram-se e em fins de Abril a acção D.C.M. atinge as 80 rupias, enquanto que a de Escorts atinge as 70. Em menos de três meses a primeira aumentou 130%, a segunda 75%. Desta vez os profissionais desconfiam do «grande golpe», visto centenas de milhares de acções terem mudado de mão.

Ajuste de contas

Pensa-se antes de mais num ajuste de contas no seio da família Shriram, que controla a D.C.M., mas esta pista depressa é abandonada. Para mais, as recentes provas dadas pela empresa não são de natureza a suscitar a cobiça, a menos que comprador misterioso encare uma verdadeira tomada de controlo. Os olhos voltam-se então para os grandes predadores locais. Desconfia-se, por exemplo, de R.P. Goenka, que acaba justamente de tentar aumentar o seu império fazendo mão baixa sobre um dos dois grandes construtores de automóveis indianos. Sem êxito, no entanto...

De resto, contactado, Goenka desculpa-se. De facto, também ele gostaria de saber... Passa-se então em revista os potenciais compradores indianos para chegar rapidamente à conclusão que nenhum deles dispõe dos recursos financeiros necessários àquilo que se anuncia como

des uns 5 % (reivindicam 15%) dos 13,4 milhões de acções Escorts. Daí a sua vulnerabilidade. De facto, a maior parte das sociedades indianas são dirigidas por famílias que não possuem ou não controlam mais de 5% a 10% das acções (2). De resto, a lei indiana fixa um *plafond* de 40 %, até de 20% no caso de novas firmas. A que se junta um sistema fiscal particularmente dissuasivo.

Assim, as instituições financeiras públicas (companhias de seguros, bancos de desenvolvimento) canalizando a maior parte dos fundos que se podem investir são os maiores accionistas do país (7,5 mil milhões investidos em acções) e controlam os principais grupos industriais privados (3). Do caso da D.C.M. e de Escorts elas detêm, por exemplo, respectivamente, 45% e 54% das acções.

Encontram-se aí portanto os árbitros, os senhores do jogo. Aqueles de que finalmente depende o êxito ou o fracasso de um Swraj Paul. Ora se este último não é o único da sua espécie (os homens de negócios indianos triunfam bastante bem no estrangeiro), ele é, em contrapartida, o único a manter relações privilegiadas com a senhora Gandhi. O actual primeiro-ministro não esqueceu de certo que ele foi um dos raros a ficar ao seu lado durante a travessia do deserto. Admirador incondicional da senhora Gandhi («Ela é incontestavelmente o que há de melhor para o país»), ainda recentemente afirmava numa entrevista dada ao magazine *Sunday* que o es-

tado de emergência tão censurado e em parte responsável pela derrota eleitoral da senhora Gandhi em 1977, era justificado e fora instaurado «no respeito pela Constituição».

Actualmente expatriado nem por isso deixou de ser (com Richard Attenborough, o produtor do filme *Gandhi*) um dos dois estrangeiros a receber no passado dia 2 de Abril, a distinção de maior prestígio que a Índia confere àqueles a quem pretende honrar. Como imaginar, perguntavam alguns, que, nestas condições ele tenha podido desencadear uma tal operação sem a «luz verde» daquela por quem tem tanta admiração?

Faltava determinar qual podia ser, nesta operação, o objectivo do primeiro-ministro. Eram avançadas várias hipóteses, entre outras a vontade de fortalecer, na véspera de eleições importantes, o seu controlo sobre os meios de negócios, graças ao poder considerável do governo através das instituições financeiras. Com efeito, como podiam os industriais indianos ignorar essa espada de Dâmo-cles suspensa sobre as suas cabeças? Uma maneira como qualquer outra de incitar a fazer «uma boa escolha» àqueles que sempre foram os capitalistas dos partidos políticos.

Encostados à parede os Rams e os Nandas não tardariam a contra-atacar. Para tal não lhes faltavam armas nem argumentos. Antes de mais mobilizavam as principais organizações profissionais e faziam habilmente jogar o reflexo da solidariedade. «Hoje, explicavam eles, somos

nós os visados, mas amanhã pode ser a vossa vez.» «Porque, insistiam, ninguém está verdadeiramente ao abrigo, nem mesmo os maiores, os de maior prestígio, os Mahindras, por exemplo, ou os Tatas.» A mensagem era ouvida. Rivalidades, invejas, dissensões, eram esquecidas. A hora era de união. E as famílias ameaçadas esforçavam-se por aumentar a sua pasta suplicando aos accionistas, numa carta aberta publicada na Imprensa, que «não sacrificassem um futuro promissor por um ganho a curto prazo».

Depois foi a opinião pública que foi chamada como testemunha do «combate ilegal assim imposto a famílias veneráveis que de repente queriam espoliar do fruto do seu trabalho». «Não estamos em pé de igualdade», queixavam-se os industriais locais que denunciavam a utilização assim feita por alguns, das concessões atribuídas, para se apoderar de companhias bem geridas.

O contra-ataque dos industriais

Os industriais ameaçados agiam de novo a nível político. Não tendo podido chegar ao gabinete de um primeiro-ministro demasiado ocupado, uma delegação formada pelo Gotha da indústria indiana, era recebida no dia 20 de Abril pelo ministro das Finanças. O seu objectivo era obter, por um lado, a segurança de que as instituições financeiras não se fariam cúmplices de uma evicção

dos dirigentes: por outro lado que a pasta dos indianos não residentes fosse limitada a 2% das acções de uma mesma sociedade.

No dia 2 de Maio o ministro anunciava que o governo decidira finalmente impor um *plafond* de 5% ao investimento dos não-residentes indianos nas sociedades locais.

Uma concessão aparente na medida em que podia ser constituída uma infracção a essa regra com o acordo do Banco central no qual, segundo os especialistas, Swraj Paul (que confessava ter investido na operação entre 80 e 100 milhões de rupias) tinha sem dúvida ultrapassado o limite assim imposto e podia, para mais, prosseguir por intermédio de terceiros. Também nada impedia um não-residente que só possuísse 5% das acções de uma companhia, de tomar o seu controlo com a ajuda das instituições financeiras maioritárias, isto é, do poder. Não fora dito que o governo não queria pôr em causa o «statu quo» «em firmas bem geridas»? Mas quem decidiria quais elas eram, segundo que critérios iria fazê-lo?

As grandes famílias não tinham chegado ao fim dos seus problemas. Manifestamente aborrecido por ser encostado ao pelourinho por industriais que se diziam vítimas de «um nó-mada sem escrúpulos», e de ser assim apresentado à opinião como o símbolo de uma perigosa «invasão estrangeira», Swraj Paul lançava-se num vio-lento requisição contra os seus detractores.

Limbo



Imaculada Enunciação é o nome de um anti-roteiro que o Sete Ponto Sete publica partir de hoje com uma periodicidade que se deseja semanal. Nele encontrará o leitor habitual — sempre um adulto com sérias reservas, mesmo quando há dentro dele uma criança que não cresceu — o valor de troca de algumas mercadorias de que, entre nós, só se fala de boca a orelha ou sobre as quais se faz pesar a pudibunda lage do silêncio.

N

os anos quarenta, o SNI fazia publicar um pequeno manual, intitulado «Economia Doméstica», cujo autor, Manuel Maria Calvet de Magalhães, procurava de uma forma sumária introduzir a mulher portuguesa no difícil campo da gestão familiar.

Percorrendo os 17 capítulos que dura a narrativa, fica-se com a idéia de dicionário pelo qual, e porque se devassam, nomeando-as, todas as actividades do lar, se captura a multidão de tarefas que esperam a mulher: desde a contabilidade doméstica ao passear a pé.

Eram os primórdios dos cursos por correspondência e das actuais edições de bricolage (à custa das quais muitas editoras sobrevivem) e que se traduziam numa série de pequenos volumes que ensinavam a fazer as coisas, desde a difícil arte de preparar um cigarro sem filtro, desde que sai do maço até se chupar («o cigarro sem filtro, seu uso», M. Celestino Vieira, Caldas da Rainha, 1948, ed. do autor) até ao navegar no mar alto («Manual do Navegante», vice-almirante G. Ivens Ferraz, 1950, ed. Bertrand).

Voltando ao «Economia Doméstica» e para além da nomenclaturização das lides caseiras, é uma sociedade asséptica, saudável, pessoal que se abre diante de nós, imberbe ainda da tecnologia que a Guerra impunha por esse mundo fora e recorrendo amiúde ao ruralismo dos conselhos da Avó, uma velha esparta e salaia. Ou seja, enquanto a rádio falava dos «azares da guerra e de uma avalanche de parlapatices enossas», descobria-se o prazer

de passear a pé: «é coisa que nem todos sabem fazer. Levar com fiel companheiro uma vara ou um cajado sem deles nos fígarmos; como subir um morro sem perder o fôlego, o tronco inclinado para a frente, apoiando-nos nas plantas dos pés, não ligando importância à ladeira que se ergue na frente. Nunca andar pela estrada principal, se se nos deparar uma vereda ou um atalho. Não falar, matar bem a sede antes de metermos pés a caminho, e a empreender a excursão, com sapatos pesados e roupas leves».

Bom, por esse tempo já o Wandervogel se tinha convertido nos jovens nazis e Sir Baden Powell sofria os efeitos reumáticos da guerra dos Boers. Mas não se trata só da recuperação do tempo perdido, há algo mais forte que sustenta a narrativa, algo de mais português, que leva o leitor a desconfiar que aquele «matar a sede» só pode ser feito com água, o que confirma, linhas adiante: «encontraremos leite nalguma casita ou água fresca de um poço, com aquele delicioso sabor adstringente do ferro da bomba ou do estanho do balde».

E eis que, desta forma, o livro é profilático, tanto como a função das Caixas de Previdência ou a futura construção do Hospital de St.^a Maria, no combate à doença: a dona de casa, além de não ter sexo, não pratica os vícios. É sã.

Mas porque, citando Ernst Jünger, o que importa não é ser saudável ou doente, mas o que se faz da saúde ou da doença, há que falar da doença, peregrinando os santuários da moléstia. Para ver o que se pode fazer...

Versão Nocturna

Homenagem à vocação gráfica da música moderna. Vide, por exemplo os álbuns «Night and day» de Joe Jackson e «Amor», Heróis do Mar.

CIGARROS: Venda de ci-

Luís Andrade de Sá

garros até às 4 da manhã no Intendente. No encontro (doloroso encontro entre um socialista utópico e um suicida precoce) da Antero de Quental com a Almirante Reis, caminhando por esta última como quem vai levar a pequena a passear no Tejo, há-de haver uma rua à esquerda. É nessa rua, vereda escura que leva ao coração do bairro, que batendo a uns vidros soturnamente apagados, sem preocupações melódicas, a porta se abrirá para os viajantes da noite desprevenidos de tabaco. Porque cigarros não se negam a ninguém.

Uma primeira explicação para a forma escuteira de indicação da venda nocturna de cigarros, comércio frequente em qualquer parte excepto em Portugal. Porque as transacções são feitas na clandestinidade, nós ciosos da deontologia e receosos que se acabe o maná, prescindimos de nomear directamente o local, optando pelo método da trilha. De qualquer maneira, a essa hora, há garotas que no orçamento que fazem já incluem um ou dois cigarros que irão dar de oferta. Pudera, a última sondagem Playboy indica o fu-



mar depois de como um dos principais prazeres sexuais (para quem não leu, sempre se indica que a mesma sondagem informa que a relação sexual é o 2.º motivo que leva o brasileiro a mudar de cuecas. O 1.º é a ida ao médico).

PRESERVATIVOS: Durex-Gossamer, embalagem cor-de-rosa, made in England, for export only, 50\$00 (embalagem contendo três), testados electronicamente, sujam as mãos ao abrir. Vende-se nas farmácias. Teatus, embalagem de dois, made in Taiwan, 35\$00, venda ambulante na Estação de Sul e Sueste, por exemplo.

A recém-formada Comissão de Apoio ao Serviço Militar Obrigatório deveria mencionar, entre as suas justas reivindicações, o fornecimento das populares camisas de vénus, à semelhança do que acontece com os Exércitos da Grã-Bretanha e da RFA, que as incluem na ração de combate, para grande gáudio e algazarra da soldadagem da 1.^a BMI, estacionada em St.^a Margarida, quando descobre a coisa.

DOENÇAS DAS SENHORAS: Parteiras, de 6 a 9 contos; parteiras diplomadas, entre 8000\$00 e 10 000\$00; médicos, de 12 000\$00 a 15 000\$00; curiosos, denunciam-se à polícia.

Já vão longe os tempos da agulha e dos métodos artesanais, como o da ingestão de álcool durante um prolongado banho de água quente, método pouco divulgado no País, mas que se encontra referenciado em autores tão distantes como Vailland e Molinas.

Hoje, há muitos médicos metidos no assunto, afinal de contas é uma das mais frequentes operações clínicas, a maior parte deles usando sofisticados métodos, como o da aspiração. Assim, aconselha-se que a eliminação seja feita por um clínico (para tal basta ter feeling e fazer uma leitura

segunda das tabuletas dos consultórios) o que, além de mais, garante assistência depois da operação.

DROGAS: Axixe, de 170\$00 (misturada) a 250\$00 (boa). Uma ganza para dois consegue-se por 200\$00; Erva, 70\$00 a 120\$00, consoante a quantidade que houver no mercado; Coca, 8000\$00 a 13 000\$00, dependente do «corte» (preço de Los Angeles/Hollywood para a mesma quantidade: 150 US\$); Ácidos — Vulcões verdes, Pink Floyd, Hello Sunshine, Mickey Mouse, Donald, Superman, Estrela Vermelha, Pingos, etc. — 800\$00 a 1400\$00. Preços da Rua de São José, por grama ou unidade, e flexíveis.

A contabilidade do prazer leva inevitavelmente à facturação da aventura espiritual que oscila entre o prazer e o vício. É uma contradição que mantém Ernst Jünger ocupado durante largas páginas do seu livro «Drogas, Embriaguez e outros temas» transportando para o campo do elixires a separação que, anteriormente, Roger Vailland, tinha feito entre amor prazer e amor paixão («Esbogo para o retrato do verdadeiro libertino»), um liberto, o outro escravo, ambos auto-satisfeitos, embora não se possa ser ao mesmo tempo a raposa e o leão.

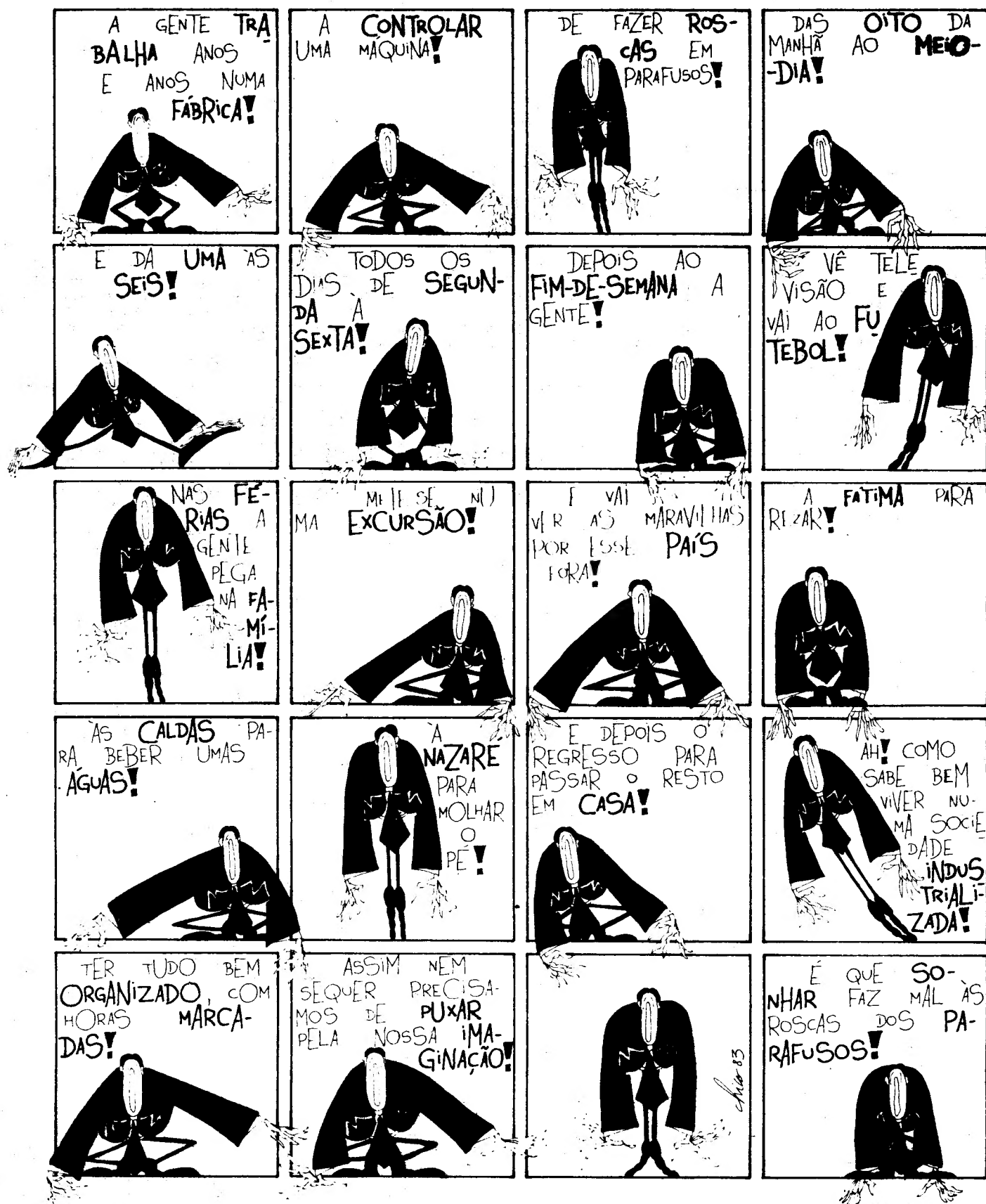
BARBEIRO: Ritz Clube, aberto até às 4 da manhã; 170\$00 o corte de cabelo. Trata de calos e adiposidades.

A melhor forma de se curar uma doença é ir ao Ritz, clube velho de décadas, citado em «Novos e velhos caminhos de Lisboa», 1955, edição do Drummond Ludovice, visado pela censura. Lá encontra-se a máquina que, de A a Z, trata de todas as doenças que constam do catálogo. Para quem, aquela hora, quiser enfrentar a Grande Congestão, o melhor é sentar-se na cadeira e, enquanto a tesoura trabalha, ouvir as melhores histórias da madrugada. É que nem de noite os barbeiros se calam.

Sete
Ponto
Sete

doces crônicas

Clip



● A «repetição» do espectáculo de Milton Nascimento no Coliseu, que domina na televisão a noite de sexta-feira próxima (no Canal Um a partir das 21 horas), não podia deixar de abrir o Clip desta semana. Mas uma chamada de atenção muito particular merece igualmente a noite de hoje no Casino Estoril, onde, a partir das 21 e 30, o Opus Ensemble interpreta Mozart, BuoiMortier, Dittersdorf, Dansman e Guido Donati. O Opus Ensemble, constituído por Anabela Chaves, Olga Pratts, Bruno Pizzamiglio e Alejandro Erlich-Oliva, está a preparar a sua tournée nos Estados Unidos, que terá lugar em Novembro próximo e que o levará especialmente a Washington Nova Iorque.

● Na noite de quinta-feira, Jazz nos Capuchos. Helena Afonso canta Cole Porter acompanhada por Mário Lajinha ao piano, Carlos Martins no saxofone, David Gausden no contrabaixo, Carlos Vieira na bateria e António Ferro no baixo-eléctrico. Em alternativa, vá à última sessão do City Cine ver, ou rever, «O regresso à bem-amada», de Jean-François Adam.

● Em matéria de cinema, esta semana só acrescentaremos duas reposições e uma estreia: as duas primeiras são o «Apocalypse Now» e o «Blade Runner». A segunda, o último Chabrol, «O Fantasma do Estrangulador».

● Aconselhamos-lhe esta semana uma só exportação, para que se não disperse entre propostas: vá ver os Ex-Votos no Museu da Marinha, de porta aberta ao público todos os dias das 10 às 17 horas, menos à segunda-feira. ■

Pelo menos 80 casos de lepra na RFA

Pelo menos 80 casos de lepra existem na República Federal da Alemanha, tendo-se que mais 40 pessoas tenham esta doença, hoje praticamente inexistente nos países ocidentais.

Segundo uma informação recente da revista «Stern», as clínicas universitárias alemãs diagnosticaram aquela doença em pessoas que receberam tratamentos errados, pois os médicos mais jovens apenas sabem que existiu.

A lepra, conhecida na RFA como doença de Hansen, devido ao nome do investigador norueguês que descobriu o agente que a produz, trata-se com três remédios.

Os remédios são sulfamidas, para matar as bactérias, o antibiótico Rifampicina, também utilizado contra a tuberculose, e o Lampren, antibiótico que tem como efeito negativo produzir manchas escuras na pele das pessoas de raça branca e rosas de cor.

A maioria dos doentes de lepra diagnosticados e tratados na RFA são procedentes de países asiáticos e africanos. Alguns passam meses e até anos nos hospitais e

os estragos produzidos pela doença são dificilmente recuperáveis, conseguindo-se no entanto travar o seu avanço.

Alguns alemães também foram afetados pela doença, normalmente em virtude de contágio na sequência de viagens a países do Terceiro Mundo. O mais surpreendente foi o caso de um holandês, cuja ocupação era navegar de Basileia a Roterdão e que contraiu a doença.

Os sintomas iniciais são manchas na pele, que aparecem depois de um grande período de tempo de incubação da doença. Depois do aparecimento de manchas os sintomas variam com o tipo de lepra: na lepra de Nus aparecem caroços nos braços e nas pernas e sob a pele, que começam a paralisar os nervos e a imobilizar os músculos, os tendões e a deformar os ossos.

A lepra nervosa produz a insensibilidade ao tacto, subidas de temperatura, queda do cabelo, desaparecimento de músculos e formações ósseas.

A doença adquire-se por contágio, geralmente por um grande contacto com doentes, se as pessoas não doentes têm condições de higiene. ■